

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)**

MIRIAN VALVERDE DE JESUS

**ESTUDO (SÓCIO)FUNCIONAL DA CATEGORIA ADVÉRBIO: UM OLHAR SOBRE
A GRAMATICALIZAÇÃO NOS LOCATIVOS AÍ, LÁ, AQUI E CÁ NO VERNÁCULO
CONQUISTENSE**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2019

MIRIAN VALVERDE DE JESUS

**ESTUDO (SÓCIO)FUNCIONAL DA CATEGORIA ADVÉRBIO: UM OLHAR SOBRE
A GRAMATICALIZAÇÃO NOS LOCATIVOS AÍ, LÁ, AQUI E CÁ NO VERNÁCULO
CONQUISTENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise de Línguas Naturais

Orientador: Prof.^a Dr.^a Valéria Viana Sousa

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2019

J56e	<p>Jesus, Mirian Valverde de.</p> <p>Estudo (sócio) funcional da categoria advérbio: um olhar sobre a gramaticalização dos locativos aí, lá, aqui e cá no vernáculo conquistense. / Mirian Valverde de Jesus; orientadora Valéria Viana Sousa – Vitória da Conquista, 2019.</p> <p>97f.</p> <p>Dissertação (mestrado - Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019.</p> <p>Inclui referência F. 94 – 97.</p> <p>1. Advérbios locativos. 2. Sociolinguística. 3. Funcionalismo – Tradição gramatical. I. Sousa, Valéria Viana (orientadora). II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. T. III.</p> <p style="text-align: right;">CDD: 415</p>
------	---

Catalogação na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Functional Study from the adverb category: a look at grammaticalization of locatives there, over there, here and over here

Palavras-chave em inglês: Functionalism, Sociolinguistics, Locative Adverbs.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Profa. Dra. Valéria Viana Sousa (Presidente-Orientadora); Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva (UESB) e Prof. Dr. André Pedro da Silva (UFRPE)

Data da defesa: 28 de março de 2019

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

MIRIAN VALVERDE DE JESUS

**ESTUDO (SÓCIO)FUNCIONAL DA CATEGORIA ADVÉRBIO: UM OLHAR SOBRE
A GRAMATICALIZAÇÃO NOS LOCATIVOS AÍ, LÁ, AQUI E CÁ NO VERNÁCULO
CONQUISTENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção de título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 28 de março de 2019.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Valéria Viana Sousa
(Presidente)
Instituição: UESB

Ass.: Valéria Viana Sousa

Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva
Instituição: UESB

Ass.: Jorge Augusto Alves da Silva

Prof. Dr. André Pedro da Silva
Instituição: UFRPE

Ass.: André Pedro da Silva

Aos meus familiares, amigos e professores que, com muito carinho e apoio, me ajudaram a chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), pela oportunidade de realização da minha formação em nível de mestrado.

À Capes: “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”.¹

À minha orientadora Prof. Dr. Valéria Viana Sousa que, durante todo nosso percurso, sempre com paciência e dedicação compartilhou seu conhecimento, amizade e afeto comigo.

Aos membros da banca de qualificação Prof. Dr. Elisângela Gonçalves da Silva, Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva, por aceitarem avaliar o trabalho, e pelas mais que valiosas contribuições.

Aos membros da Banca de Defesa Prof. Dr. André Pedro da Silva e Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Sila, por aceitarem participar da banca e por toda a avaliação e contribuição ao trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística, em especial à Prof. Dr. Vera Pacheco que, com suas aulas tão divertidas e cheia de ensinamentos, desperta em nós a busca incansável pelo conhecimento.

Aos funcionários do PPGLin pela prontidão em nos atender sempre que necessário.

A Deus, minha eterna gratidão, por ter me dado forças para prosseguir em meio a tantas dificuldades enfrentadas em minha jornada acadêmica.

Aos meus irmãos e à minha mãe, que me ajudaram de todas as formas para que eu chegasse até aqui.

Aos meus filhos Ícaro e Felipe, que foram bastante compreensivos e me incentivaram para que eu nunca desanimasse. Amo vocês.

À Savanna que, de maneira tão carinhosa e prestativa, me ajudou quando precisei. Gratidão, Savanna.

Aos meus colegas de mestrado, pelos momentos de alegria e descontração em meio aos estudos.

¹ Forma padrão em conformidade com Portaria CAPES nº 206/2018 e esclarecimento do Ofício Circular nº 19/2018-CPG/CGSI/DPB/CAPES.

RESUMO

Na Tradição Gramatical, os advérbios são classificados, a rigor, como uma palavra invariável em gênero e número, que modifica um verbo, um adjetivo ou uma frase e que exprime ideia de tempo, modo, lugar (RIBEIRO, 1911; NUNES, 1942; BUENO, 1944; CRUZ, 1948; SAID ALI (2001; [1921])); 1966; COUTINHO (1975 [1938]); LUFT, 1978; SACCONI, 1983; CUNHA; CINTRA, 1985; ROCHA LIMA, 1998; INFANTE, 1999; ALMEIDA, 2005; BECHARA (2005 [1960]); 2006; 1999). Contudo, na Tradição Linguística estudos (AZEREDO, 2000; VILELA; KOCH, 2001; PERINI, 1998; 2010; FERRAREZI JUNIOR; TELES, 2008; VITRAL, 2017) têm demonstrado que alguns advérbios são vistos para além da função espacial. Diante dessa constatação, no presente estudo, hipotetizamos que, do ponto de vista linguístico, os advérbios locativos sejam utilizados com outras funções além da prototípica de referência a lugar e acreditamos que a posição sintática das partículas locativas na oração favoreça o deslocamento semântico do advérbio, em particular em situações de língua falada. Com o propósito de sistematizar e fundamentar esta dissertação sobre a gramaticalização dos advérbios locativos, propomos um diálogo entre a Gramática Funcional (AZEREDO, 2000; VILELA; KOCH, 2001; PERINI, 1998; 2010; FERRAREZI JUNIOR; TELES, 2008; VITRAL, 2017), compreendendo que a língua deva ser entendida de acordo com as necessidades comunicativas dos informantes, e a Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968; LABOV (2008 [1972])); 1994; 2001; LUCCHESI, 2004), compreendendo a necessidade de correlacionar a estrutura linguística realizada pelos informantes à sua estrutura social. Para a realização da pesquisa, foram utilizados os *corpora* do Português Popular e do Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus PPVC* e *Corpus PCVC*), dos quais analisamos 24 (vinte e quatro) entrevistas, organizadas nos moldes labovianos, a partir das variáveis independentes linguísticas (1) posição dos advérbios (inicial, pré-verbal, pós-verbal, pós-advérbio) e (2) a sua função nas sentenças (argumento, satélite); e das variáveis independentes extralinguísticas (3) sexo (masculino e feminino), (4) faixa etária (I – 15 a 25 anos, II – 26 a 50 anos), e (5) grau de escolaridade.

PALAVRAS-CHAVE

Funcionalismo. Sociolinguística. Advérbios locativos.

ABSTRACT

In grammatical tradition, adverbs are categorized as an invariable word in gender and number, which modifies a verb, adjective, or phrase and expresses idea of time, mode, place, (RIBEIRO, 1911; NUNES, 1942; BUENO,1944; CRUZ,1948; SAID ALI (2001; [1921]); 1966; COUTINHO (1975 [1938]); LUFT, 1978; SACCONI, 1983; CUNHA; CINTRA, 1985; ROCHA LIMA, 1998; INFANTE, 1999; ALMEIDA, 2005; BECHARA (2005 [1960]); 2006; 1999). Contudo, na Tradição Linguística estudos (AZEREDO, 2000; VILELA; KOCH, 2001; PERINI, 1998; 2010; FERRAREZI JUNIOR; TELES, 2008; VITRAL, 2017) have shown that some adverbs are seen beyond spatial function. Faced with this, in this study, we hypothesize that, from the linguistic point of view, locative adverbs are used with functions other than the prototypical reference to place and we believe that the syntactic position of locative particles in the sentence favors the semantic shift of the adverb, particularly in situations of spoken language. With the purpose of systematizing and substantiating this work on the grammaticalization of locative adverbs, we propose a dialogue between Functional Grammar (AZEREDO, 2000; VILELA; KOCH, 2001; PERINI, 1998; 2010; FERRAREZI JUNIOR; TELES, 2008; VITRAL, 2017), understanding that the language should be understood according to the communicative needs of the informants, and Sociolinguistics (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968; LABOV, 2008; [1972]; 1994; 2001; LUCCHESI, 2004), understanding the need to correlate the linguistic structure carried out by the informants with the social structure. For the accomplishment of the research, were used the corpora of the Popular Portuguese and of the Formal Portuguese of Vitória da Conquista (*Corpus PPVC* e *Corpus PCVC*),of which we analyzed 24 (twenty four) interviews, organized in the labovian way, from the independent linguistic variables position of adverbs (initial, pre-verbal, post-verbal, post-adverb) and (2) their function in sentences (argument, satellite); (3) gender (male and female), (4) age range (I -15 to 25 years, II -26 to 50 years), and (5) education level.

KEYWORDS

Functionalism. Sociolinguistics. Locative Adverbs.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição dos locativos no Corpus PCVC	77
Gráfico 2 – Distribuição dos locativos no Corpus PPVC	78

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tradição Gramatical	39
Quadro 2 – Informantes do Corpus do Português Culto de Vitória da Conquista	68
Quadro 3 – Informantes do Corpus do Português Popular de Vitória da Conquista.....	68

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição dos locativos nos Corpora PCVC e PPVC.....	75
Tabela 2 – Distribuição de ocorrências dos locativos no Corpus PCVC.....	76
Tabela 3 – Distribuição de ocorrências dos locativos no Coprus PPVC.....	76
Tabela 4 – Distribuição de ocorrências dos locativos na Posição Inicial nos Corpora PCVC e PPVC.....	80
Tabela 5 – Variáveis independentes linguísticas/ posição pré-verbal dos locativos no Corpus PCVC.....	82
Tabela 6 – Variáveis independentes linguísticas/ posição pré-verbal dos locativos no Corpus PPVC.....	82
Tabela 7 – Variáveis independentes linguísticas/ posição dos locativos pós-verbal no Corpus PCVC.....	84
Tabela 8 – Variáveis independentes linguísticas/ posição dos locativos pós-verbal no Corpus PPVC.....	85
Tabela 9 – Variáveis independentes linguísticas/ advérbios que desempenham também a função de argumento ou complemento de predicado no Corpus PCVC.....	86
Tabela 10 – Variáveis independentes linguísticas/ advérbios que desempenham também a função de argumento ou complemento de predicado no Corpus PPCV.....	86
Tabela 11 – Variáveis independentes linguísticas/ advérbios que desempenham a função de Satélite no Corpus PCVC.....	87
Tabela 12 – Variáveis independentes linguísticas/ advérbios que desempenham a função de Satélite Corpus PPCV.....	87
Tabela 13 – Faixa etária PCVC.....	88
Tabela 14 – Faixa etária PPVC.....	89
Tabela 15 – Sexo no Corpus PCVC.....	90
Tabela 16 – Sexo no Corpus PPVC.....	90

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Objetivo geral.....	14
1.2 Objetivos específicos	15
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
2.1 Sociolinguística Variacionista: pressupostos/princípios	17
2.1.1 <i>As variedades linguísticas</i>	19
2.2 Funcionalismo Linguístico e seus Pressupostos Teóricos	22
2.3 Sociofuncionalismo: um diálogo ente os Princípios da Sociolinguística Variacionista e os Princípios do Funcionalismo Norte-Americano	25
2.4 O processo de gramaticalização no Funcionalismo.....	26
2.5 Uma breve análise da Abordagem Funcional de Dik (1989) sob o olhar de alguns estudiosos contemporâneos.....	27
2.5.1 <i>Estudos contemporâneos sobre a Abordagem Funcional de Dik</i>	27
3 ADVÉRBIOS LOCATIVOS: UM OLHAR NA TRADIÇÃO GRAMATICAL E NA TRADIÇÃO LINGUÍSTICA	32
3.1 Tradição Gramatical: Gramáticas Históricas e Gramáticas Prescritivas	32
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.....	39
3.2 Tradição Linguística: análise dos locativos nas Gramáticas Descritivas	40
3.2.1 <i>Gramaticalização dos locativos: uma análise sob a ótica de alguns estudiosos/teóricos</i>	48
4 METODOLOGIA	66
4.1 Introdução	66
4.1.1 <i>Procedimentos metodológicos</i>	66
4.1.2 <i>Corpora</i>	66
4.1.3 <i>Entrevistas</i>	67
4.1.4 <i>Coleta de dados</i>	69
4.1.5 <i>Análise quantitativa</i>	69
4.1.6 <i>Variável dependente</i>	69
4.2 Variáveis independentes linguísticas	70
4.2.1 <i>A posição dos advérbios</i>	71
4.2.2 <i>Posição Inicial</i>	71
4.2.3 <i>Posição pré-verbal</i>	71

<i>4.2.4 Posição pós-verbal</i>	71
<i>4.2.5 Posição depois do objeto</i>	72
<i>4.2.6 Função</i>	72
4.3 Variáveis independentes extralinguísticas	72
<i>4.3.1 Escolaridade</i>	73
<i>4.3.2 Sexo</i>	73
<i>4.3.3 Faixa Etária</i>	73
5 GRAMATICALIZAÇÃO DOS LOCATIVOS AÍ, LÁ, AQUI E CÁ NO VERNÁCULO CONQUISTENSE: ANÁLISE DE DADOS	75
5.1 Variável dependente	75
<i>5.1.1 Total de ocorrências dos advérbios locativos: aí, lá, cá, aqui</i>	75
5.2 Variáveis Independentes Linguísticas	79
<i>5.2.1 Posição dos advérbios locativos</i>	79
5.3 Fatores sociais: variáveis independentes extralinguísticas	88
<i>5.3.1 Faixa Etária</i>	88
<i>5.3.2 Sexo</i>	89
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	94

1 INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, ora apresentada, partimos do pressuposto de que a língua seja uma construção social e, por conseguinte, de que são os falantes dessa língua que exercem papel fundamental nessa construção seja de forma consciente, menos consciente ou, até mesmo, inconsciente. Assim, são eles os co-responsáveis por nortearem os caminhos que determinam e constituem a cultura e a história de uma comunidade.

Além de carregar por meio dos seus falantes, entre outras questões, crenças e costumes, a língua acompanha os avanços apresentados pelo homem no decorrer da sua história, adequando-se à evolução que se faz necessária à sobrevivência e transformando-se através de fatores históricos e sociais. Considerando-a como flexível e heterogênea, compreendemos que a língua não comporta o estudo apenas de estruturas linguísticas (formais) como algo cristalizado, baseado apenas em um sistema de regras prescritas, mas, para além disso, há uma relação intrínseca entre língua(gem) (estruturas linguísticas) e sociedade (estrutura social). Dessa forma, as circunstâncias em que os advérbios e, sobretudo, os advérbios locativos *aí*, *lá*, *aqui* e *cá* são usados pelos interlocutores nos processos comunicativos não podem ser compreendidas apenas como um (termo) acessório em uma oração, mas os advérbios devem, sim, serem compreendidos como uma categoria gramatical que tem sua funcionalidade relacionada a fatores diversos, constituintes da oração e cuja existência tem a sua importância marcada por uma expressividade na oração da qual faz parte no contexto interativo.

Nessa direção, o intuito desta dissertação é demonstrar a funcionalidade da categoria gramatical advérbio, sobretudo, os advérbios locativos *aí*, *lá*, *aqui* e *cá*, constatando, dessa maneira, o quanto a língua é diversificada nas situações reais de uso e mostrando o quanto o falante utiliza a forma gramatical já existente com novas funções licenciadas pelo sistema linguístico, adaptando, dessa maneira, a forma linguística à função linguística que supra as necessidades comunicativas na inter+ação entre os indivíduos.

A gramática funcional, que norteia esta pesquisa, está diretamente ligada à teoria Funcionalista e, também, de certa forma, à teoria Sociolinguística Variacionista, tendo em vista que ambas as teorias (i) têm como princípio a heterogeneidade linguística, (ii) têm como foco estudos sobre os fenômenos da variação e a mudança linguística e, também, (iii) propõem-se a estudar fenômenos em uso.

Para a condução desta pesquisa, guiamo-nos por alguns questionamentos, a saber:

i. Quais os caminhos percorridos pelos locativos, considerando o cline da gramaticalização espaço>tempo>texto, para chegarem a uma utilização que não seja a prescrita

pela Tradição Gramatical?

ii. E, quais os fatores, variáveis linguísticas (estruturais) e variáveis extralinguísticas (sociais) que condicionam esse uso?

iii. Quais os efeitos de sentido que as (novas) funções e realizações dos locativos têm provocado, no âmbito da morfossintaxe, nos enunciados?

iv. Quais locativos, *aí*, *lá*, *aqui* e *cá*, têm sido mais produtivos (recorrentes) nesse processo de ressignificação/ressemantização/gramaticalização nas construções enunciativas presentes nos *corpora* de língua em uso a serem analisados?

v. Nos *Corpora* analisados, os locativos *aí*, *lá*, *aqui* e *cá* são produtivos? Se sim, são mais produtivos em informantes do Português Culto ou Popular? Por qual faixa etária e qual sexo, essas partículas estão sendo mais utilizadas?

vi. As partículas em estudo, nos *Corpora* PPVC e PCVC, exercem a função de Argumento ou de Satélite?

Hipotetizamos que os advérbios locativos sejam bastante produtivos no vernáculo conquistense e que sejam utilizados com outras funções, além da prototípica (referência a lugar), do ponto de vista extralinguístico, independente do sexo, quando os interlocutores têm o perfil de jovens, com maior escolaridade e, sobretudo, quando estão em uma situação mais informal, a exemplo de contextos da entrevista que demonstram menos monitoramento por parte do falante.

Do ponto de vista linguístico, acreditamos que a variável posição sintática do advérbio na oração influencie/favoreça o deslocamento semântico do advérbio. O locativo *aqui*, por exemplo, tem a sua função semântica ampliada quando ocupa a posição inicial em um enunciado, em exemplo do tipo “Aqui, vamos conversar agora”; e os locativos *aí* e *lá*, em orações, como: “Saí com uma menina aí” ou “Estava com um menino lá”, enunciados nos quais os locativos fazem parte do Sintagma Nominal, funcionam como modificador do Nome. Dessa forma, uma variável a ser investigada é a posição sintática do advérbio na oração em relação à variável semântica, além das variáveis linguísticas independentes como posição antes do verbo, posição depois do verbo, posição depois do objeto, e, também, as variáveis extralinguísticas independentes como o fator sexo, faixa etária e escolaridade.

1.1 Objetivo geral

Diferentemente do que é prescrito pelas Gramáticas Tradicionais, o uso da categoria gramatical advérbio e, sobretudo, os locativos, desempenha um comportamento multifuncional

e requer uma análise mais detalhada nos aspectos que envolvem tanto o seu caráter morfossintático quanto semântico. Nesse sentido, compreendendo que a variação e a mudança linguística são inerentes à língua, é nosso objetivo geral:

Investigar o uso dos advérbios locativos *aí*, *lá*, *aqui* e *cá* realizados por informantes no vernáculo conquistense à luz do (Sócio)Funcionalismo.

1.2 Objetivos específicos

- i. Selecionar, nas entrevistas dos *Corpora* PPVC e PCVC, ocorrências com a utilização de advérbios locativos *aí*, *lá*, *aqui* e *cá*;
- ii. Categorizar os diferentes usos dos advérbios locativos selecionados;
- iii. Correlacionar o uso dos advérbios, selecionados nas ocorrências, às variáveis linguísticas (estruturais) e extralinguísticas (sociais);
- iv. Analisar a função de Argumento e Satélite dos locativos;
- v. Discutir, à luz do referencial teórico da Sociolinguística, do Funcionalismo e do (Socio)funcionalismo, os resultados gerados na rodada do Programa *GoldVarbX*.

Esta dissertação está organizada, além da *Introdução*, e das Referências em 5 seções. Na Seção I *Fundamentação Teórica*, apresentamos a discussão teórica que fundamentará o estudo. Assim, ancoramo-nos na Sociolinguística, em autores, como: Weinreich, Herzog, Labov (1968); Labov (2008 [1972]); 1994; 2001; Lucchesi (2004); no Funcionalismo, em autores, como: Givón (1979), Hopper (1987) Neves (2000), Sousa (2008), Martelotta (2008); e, no Sociofuncionalismo, em Neves (1997), Tavares (2003), incluindo Matos e Silva (2004). Buscando, ainda, ampliar nosso estudo e privilegiar uma pesquisa de natureza funcional, traçamos uma breve análise sobre a abordagem funcional de Dik (1989) e, a partir desse enfoque, fizemos uma descrição do estado de coisas (EsCos) e apresentamos uma discussão sobre as funções de Argumento e Satélite.

Na segunda seção, *Advérbios locativos: Um olhar na Tradição Gramatical e na Tradição Linguística*, com o propósito de compreendermos a complexidade do nosso objeto de estudo, os locativos *aí*, *lá*, *aqui* e *cá*, verificamos, inicialmente, o comportamento dessa categoria na Tradição Gramatical e, para isso, recorreremos aos compêndios de Ribeiro (1911), Nunes (1942), Bueno (1944), Cruz (1948), Said Ali (2001[1921]), Coutinho (1975 [1938]), Luft (1978), Sacconi (1983), Cunha e Cintra (1985), Infante (1999), Almeida (2005), Bechara (1999[1960]; 2005; 2006;) e Rocha Lima (1998). Posteriormente, recorreremos à Tradição Linguística por meio de Perini (1998; 2010), Azeredo (2000; 2008), Ferrarezi Junior e Teles

(2008) e Vitral (2017). Além dessas referências, trazemos, ainda, nesta seção, estudos contemporâneos sobre os locativos realizados por, Nogueira (2007), Aguiar (2010), Oliveira (2012), Oliveira e Santos (2014), Oliveira e Barcellos (2016) e Xavier (2017)

Na terceira seção, *Metodologia*, expomos a metodologia que norteou a pesquisa, apresentando os métodos, os procedimentos adotados para o tratamento dos dados, a variável dependente e as variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas.

Na quarta seção, *Análise de dados*, ainda em construção, a partir das ocorrências selecionadas nos *Corpora* PPVC e PCVC, fizemos a análise dos locativos *aí, lá, aqui e cá*.

Nesta análise, correlacionamos o uso dos advérbios às variáveis linguísticas (estruturais) e extralinguísticas (sociais), analisamos as funções dos locativos como Argumento ou Satélite e, à luz do referencial teórico da Sociolinguística, do Funcionalismo e do Sociofuncionalismo, analisaremos, para a defesa da Dissertação, os resultados gerados na rodada do Programa *GoldVarb X*.

Por fim, na quinta seção, traremos as *Considerações Finais* sobre a dissertação desenvolvida e, na sequência, as *Referências* utilizadas na construção desta Dissertação.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, com a intenção de expor o aporte teórico que fundamentará a nossa análise sobre os advérbios locativos, serão apresentados os pressupostos, os problemas/princípios presentes na Sociolinguística Variacionista e os princípios do Funcionalismo; a intersecção entre essas teorias, o Sociofuncionalismo; a variação e a mudança linguística na Sociolinguística e, por fim, o processo de gramaticalização no Funcionalismo.

Com esse propósito, a seção está organizada por meio de três subseções, a saber: (i) Sociolinguística Variacionista, na qual nos deteremos na Sociolinguística Laboviana e abordaremos pressupostos e princípios relevantes da teoria; (ii) Funcionalismo Norte-Americano, na qual discorreremos brevemente sobre os princípios que serão necessários à análise do nosso objeto de estudo de um ponto de vista funcional voltado à gramaticalização; e o (iii) Sociofuncionalismo, na qual apresentaremos a proposta de diálogo entre os princípios da Sociolinguística Variacionista e os princípios do Funcionalismo Norte-Americano voltados à gramaticalização.

Buscando ampliar nosso estudo e privilegiar uma pesquisa de natureza funcional, traçamos, ainda, nesta seção, uma breve análise sobre a abordagem funcional realizada por Dik (1989) e, a partir desse enfoque, realizamos uma descrição do estado de coisas (EsCos) e apresentamos uma discussão sobre as funções de Argumento e Satélite, questões que serão de grande valia em nossa análise.

2.1 Sociolinguística Variacionista: pressupostos/princípios

A língua é um sistema que comporta aspectos linguísticos e sociais, é dinâmico e suscetível a variar e a mudar, que, por meio da *inter+ação*, adequa-se de acordo com a necessidade de uso por parte dos falantes em todos os níveis. Acreditando que essas características sejam intrínsecas à língua, conforme postulam às teorias que estão contempladas no polo funcionalista, vamos, nesta seção, abordar tópicos que serão relevantes ao nosso estudo das teorias linguísticas que têm como cerne da discussão a variação e a mudança linguística.

Na década de 60, surge a Sociolinguística e o estudo sistemático da heterogeneidade linguística. Em seu livro *Padrões Sociolinguísticos* (Sociolinguistic patterns), Labov (1972) apresenta os principais postulados teóricos e a metodologia de trabalho empírico com a linguagem. A esse respeito, Coelho et al (2010) afirma:

[...] É a partir desse contexto que se posiciona, desde a década de 60, o linguista William Labov questionando e propondo um novo olhar sobre a estrutura das línguas, e especialmente sobre os fenômenos da variação e da mudança linguística (COELHO *et al* 2010, p. 20).

Quando duas ou mais variantes existem no mesmo sistema linguístico, caracteriza-se o fenômeno da variação e, à medida que a diversidade linguística começa a ser estudada, é possível observar que a variação linguística não ocorre de forma aleatória e nem somente na comunicação individual, mas, é, antes de tudo, estruturada e acontece na comunidade de fala. Nessa perspectiva, um dos principais objetivos da Sociolinguística é, compreendendo a variação como processo natural de todas as línguas, descobrir os padrões das variantes, permitindo delinear os tipos de influência sejam elas linguísticas, culturais e/ou estilísticas.

Com esse pensamento, a partir de meados do século XX, inaugura-se, nos estudos linguísticos, uma teoria que passa a se interessar pelo uso da língua não enfocando somente o sistema em si, pois, na perspectiva da Sociolinguística, considerando o sistema linguístico, reconhece-se no mesmo a heterogeneidade, condição natural da língua de uma sociedade plural e estratificada. Com esse pensamento, a partir da década de 60, estabelece-se, na Linguística Moderna, uma corrente que estuda a correlação entre a estrutura linguística e a estrutura social.

Nós seres humanos, somos por natureza plurilíngue (usa diversas línguas) e, quando usamos a nossa língua, podemos modificá-la a depender do grupo com que interagimos, pois cada falante, além de ser usuário, é um agente modificador da sua própria língua, tendo em vista que imprime nela as suas marcas a depender das situações em que se depara. Essa característica peculiar à língua e, em especial, à Sociolinguística, é analisada, segundo Bell (1976, p. 28 apud ELIA, 1987, p. 65), como a diferença entre a Sociolinguística e a Sociologia “[...] a Sociolinguística (distinta da Sociologia da Linguagem) estaria enriquecida com dados de natureza social, o que lhe permitiria ir além da frase, no sentido de uma gramática da interação falante/ouvinte.”

No trabalho de Haver C. Currie, em 1953, é que, pela primeira vez, surge o termo “Sociolinguística”, e, em 1964, como a publicação de livros de Gumperz, Labov, Hymes e a conferência de William Bright, em Los Angeles, é que surge a Sociolinguística nos Estados Unidos, buscando desenvolver uma nova concepção do estudo da Linguística.

Para a Sociolinguística, o sistema linguístico heterogêneo não é aleatório, é regido por regras variáveis que são inerentes a ele. As regras podem ser mais ou menos aplicáveis, a depender do ambiente linguístico e do contexto social a que o fenômeno em estudo esteja exposto (LABOV, 1994). Os percussores da Sociolinguística complementam esse pensamento,

mostrando que a análise linguística, nessa teoria, pode ser realizada tanto no eixo diacrônico quanto sincrônico. Para eles

[...]Muito antes de se poder esboçar teorias preditivas da mudança linguística, será necessário aprender a ver a língua – seja de um ponto de vista diacrônico ou sincrônico – como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006, p. 35).

O objeto de estudo da Sociolinguística é a língua falada, analisada e descrita em situações reais de uso. Portanto, é necessário que as pesquisas na área de Sociolinguística sejam feitas por entrevistas e/ou amostras da língua em uso. Ao lado disso, para Weireich, Labov e Herzog (2006), o ponto essencial da abordagem proposta é a existência do componente social na análise linguística, visto que a Sociolinguística ocupa-se da relação existente entre língua e sociedade, bem como do estudo da evolução da língua dentro do contexto social de uma determinada comunidade de fala.

Tarallo (2002, p. 8) observa que variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor. A esse conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística e, como toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar, a esse conjunto de variedades linguísticas utilizado por uma comunidade é o que podemos chamar de repertório verbal ou comunidade de fala.

Com a Sociolinguística, fica reconhecido, então, que toda e qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações e que essas variações são condicionadas a partir de fatores linguísticos e/ou extralinguísticos. Assim, podemos afirmar que a finalidade do estudo da variação é entender o sistema linguístico como um todo e a sua evolução ao longo do tempo;

Para uma compreensão mais adequada sobre o estudo da heterogeneidade linguística, Weireich; Labov; Hergoz (1968, p.167) introduziram o conceito de variável linguística, fazendo referência a um determinado elemento variável dentro de um sistema, podendo ser sistematizado e analisado quantitativamente, com base no controle de grupos de fatores condicionadores ou variáveis independentes.

2.1.1 As variedades linguísticas

Com relação aos tipos, as variações linguísticas podem ser classificadas, como: variação diatópica ou geográfica, referente às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico;

variação diamésica, referente ao meio em que a língua está sendo empregada, se na modalidade oral ou escrita; variação diafásica, referente ao uso mais ou menos monitorado da língua, o que dependerá do contexto e/ou do(s) interlocutores presentes na *inter+ação*; variação diacrônica, referente à marca de período/fase histórica do texto; a variação diastrática ou social, que corresponde a um conjunto de fatores que tem a ver com a identidade dos falantes e, também, com a organização sociocultural da comunidade de fala, como (1) a idade que se relaciona ao uso de léxico particular, como presente em certas gírias, que, por vezes, denota uma faixa etária mais jovem; (2) o sexo; (3) a situação ou contexto social, que se refere ao fato de que qualquer pessoa modifica a sua fala, de acordo com o(s) seu(s) interlocutor(es); (4) a escolaridade do indivíduo, entre outros fatores.

Quanto à estrutura social, é possível observar que, devido à coexistência de um conjunto de variedades linguísticas, há a existência de variedades de prestígio e das formas menos ou não prestigiadas, que são conhecidas como estigmatizadas. A rigor, a norma-padrão sobressai, em termos de valores de prestígio social, sobre as demais variedades linguísticas em circulação no meio social.

É válido ressaltar, contudo, que considerar uma forma variante como estigmatizada ou como marcador ou como indicador dependerá dos informantes e da comunidade de fala.

É preciso, ainda, mencionar que há cinco problemas a serem considerados por qualquer pessoa que queira estudar a mudança linguística. O primeiro problema é o Problema da Restrição. Esse problema refere-se aos condicionamentos e as restrições linguísticas, ou seja, aos fatores que determinam as possíveis mudanças em um determinado tipo de estrutura. Se pensarmos em nosso objeto de estudo, os locativos, perceberemos que, na estrutura sintática, eles podem facilmente ser deslocados e, na maioria das vezes, não há restrição para isso, diferentemente do que acontece em outras categorias. Contudo, na alteração de posição, por vezes, o advérbio muda o seu escopo. Nos exemplos “eu quero ir aí” e “eu quero falar com esse menino aí”, ora o advérbio refere-se à locução verbal “quero ir”, ocupando a posição pós-verbal, ora refere-se “ao menino” ocupando a posição pós-objeto, conforme discutiremos na Seção Análise de dados.

O segundo é o Problema da Transição. Esse problema consiste em observar como a mudança acontece e quais são seus estágios e trajetórias, traçando o percurso do desenvolvimento linguístico do item em estudo. Com os locativos que analisamos, percebemos que eles se deslocam em um processo de expansão semântica de uma função mais espacial para uma função mais textual. É válido observar que, embora haja uma expansão de uso, a função espacial dos locativos continua a existir ao lado da função textual e da função temporal.

O terceiro problema é o Problema do Encaixamento. Nesse problema, é abordada a relação entre a mudança e seus contextos internos e externos, ou seja, a mudança linguística é compreendida tanto no sistema linguístico quanto na estrutura social. Observamos de que forma o item linguístico passa a ser inserido no sistema com outros valores. Esse problema nos auxiliará na reflexão, posteriormente, da função de satélite e de argumento dos locativos.

O quarto problema é o Problema da Avaliação que diz respeito à maneira como os membros de uma determinada comunidade de fala avaliam as mudanças e como elas podem ser detidas, congeladas ou revertidas a partir da avaliação dos informantes. Nos locativos, acreditamos que não haja avaliação negativa do seu uso para a função textual nos textos da modalidade falada. No entanto, na escrita, há, indubitavelmente, uma preferência de uso dos locativos nas funções mais espaciais, que são funções prototípicas desses advérbios.

O quinto, e último problema, é o Problema da Implementação. Nesse problema, que está ligado às causas da mudança, ou seja, ao ato de entender por que determinada mudança ocorre em certo lugar ou época. Sendo assim, a implementação relaciona-se aos demais problemas, pois, para entender as causas da mudança, é preciso saber que aspecto da estrutura social e linguística suscita uma determinada mudança.

Dito isso, é possível evidenciar que o principal objetivo da Sociolinguística Variacionista é descobrir padrões de distribuição de modos diferenciados de dizer a mesma coisa e, realizada a coleta desses dados, são codificados e submetidos a tratamento estatístico, em que pesos relativos ou probabilidade são associados aos diversos fatores das variáveis independentes, buscando verificar se as hipóteses iniciais foram confirmadas.

Em linhas gerais, a partir do exposto nesta subseção, é condição *sine qua non* para nosso estudo, compreender que:

i. A língua deve ser investigada no seu uso real, no seio da comunidade de fala, considerando as associações entre os fatores condicionantes da estrutura linguística e os fatores condicionantes dos aspectos sociais e culturais da produção linguística. Dessa forma, a língua deve ser compreendida como heterogênea;

ii. O estudo sociolinguístico vale-se da conciliação entre as perspectivas sincrônica e diacrônica;

iii. A mudança linguística está relacionada aos cinco problemas previstos por Weinreich, Labov e Herzog (2006), os quais correspondem ao problema dos fatores condicionantes (ou problema das restrições), ao problema da transição, ao problema do encaixamento, ao problema da avaliação e ao problema da implementação. Ressaltamos, contudo, que alguns trabalhos sociolinguísticos relacionam o seu objeto a apenas alguns problemas.

Apresentada, em linhas gerais, a Sociolinguística Laboviana, passemos ao Funcionalismo.

2.2 Funcionalismo Linguístico e seus Pressupostos Teóricos

Quanto à visão funcionalista da linguagem do século XX, é válido ouvir o que nos dizem Martelota; Kennedy (2015) ao afirmarem que

[...] o surgimento da linguística moderna é normalmente associado ao aparecimento do Cours de linguistique générale de Saussure, em 1916. A partir de então, conforme Dirven e Fried (1987), três noções básicas passaram a caracterizar a evolução da linguística do século XX: sistema, estrutura e função (MARTELOTA; KENNEDY, 2015, p. 11).

A partir da década de 1970, o termo funcionalismo ganhou força nos Estados Unidos, servindo para o trabalho de linguistas como Givón, que, em 1979, publica “From Discourse to Syntax: Grammar as a Processing Strategy”, que, segundo Martelotta; Kenedy (2016), tinha como propósito afirmar que a sintaxe existe para desempenhar uma certa função e é justamente essa função que vai determinar sua maneira de ser.

Segundo Cunha; Costa; Cezario (2015), o Funcionalismo Linguístico Contemporâneo difere das abordagens do polo formalista, como o Estruturalismo e o Gerativismo, pois

A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso. Os domínios da sintaxe, da semântica e da pragmática são relacionados e interdependentes. Ao lado da descrição sintática, cabe investigar as circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas linguísticas e seus contextos específicos de uso (CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015, p. 21).

A língua resulta, então, na teoria funcionalista, da função a que ela serve nas diversas situações de interação verbal e, nessa perspectiva, todas as abordagens funcionalistas atuais investigam a sintaxe em termos da semântica e da pragmática de forma interdependente, existindo uma interação entre gramática e discurso, pois a gramática é modificada constantemente pelo uso e essas novas formas de uso vão sendo inseridas na gramática da língua. Portanto, “[...] o acidental ou casual que caracteriza o discurso passa a ser a gênese do sistema, que, por sua vez, alimenta o discurso [...]” (MARTELOTTA; AREAS, 2002, p. 26-27).

Os funcionalistas postulam que a língua resulta da função a que ela serve nas diversas situações de *inter+ação* verbal, ou seja, língua e discurso. E, assim, trazendo Martelotta e Areas (2002, p. 26-27), “[...] o acidental ou casual que caracteriza o discurso passa a ser a gênese do sistema, que, por sua vez, alimenta o discurso [...]”, concluímos que, no Funcionalismo, há uma relação cíclica entre gramática e discurso, na qual um influencia e é influenciado por outro simultaneamente.

Dessa maneira, os falantes buscam, em formas já existentes na língua (gramática), novas funções para serem utilizadas na *inter+ação* (discurso). O discurso, por sua vez, reconhecido pelos falantes com uma forma expressiva, passa a constituir-se como gramática. E, assim, novas funções são estabelecidas e outras passam a ser geradas. A título de exemplo², temos o *locativo lá*, em frases do tipo: “*Lá*, perto do auditório, está ele” e, não obstante, temos também em frases como “Concordo com o estudante *lá*”. No primeiro exemplo, *lá* funciona como locativo, conforme previsto prototipicamente, e, no segundo exemplo, o *lá* funciona, a depender do contexto interativo, como um modificador do nome estudante.

Se, na Sociolinguística, há a referência aos problemas empíricos da variação e mudança linguística; no Funcionalismo, a mudança linguística é compreendida, nesse primeiro momento, por meio da gramaticalização.

Gramaticalização foi o termo empregado primeiramente por Meillet (1948 [1912]), definindo-o como “[...] atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma” (CEZARIO; MARQUES; ABRAÇADO, 2016, p. 47).

A esse respeito, Hopper (1991) apresentou os cinco princípios norteadores dos diversos estágios da gramaticalização, são eles:

O princípio da Estratificação, que se refere às formas linguísticas que ocorrem ao mesmo tempo, ou seja, quando uma nova forma passa a ser utilizada para uma determinada função, passa a conviver com as formas antigas. A título de exemplo, os locativos, embora sejam utilizados, na língua em uso, atualmente, com funções textuais, continuam a ser usados também com a função prototípica de espaço. A exemplo de “Hoje aqui em Jequié está quente”³.

O princípio da Divergência é o princípio referente aos casos em que, embora vindos de uma mesma origem, as formas seguem direções diferentes. Assim, por exemplo, temos o *ai*, que mesmo sendo usado para demonstrar um espaço, está a serviço, também, da função textual, agindo ora como introdutor discursivo, ora como sequenciador narrativo, entre outras funções

²Exemplos criados pela pesquisadora.

³Exemplo criado pela pesquisadora

a exemplo de “Aí, Fernanda, preciso conversar com você”, “Eu falei que não queria ir, aí ele desistiu de me convidar, e aí não fui pra festa”⁴.

O princípio da Especialização é o princípio que diz respeito ao estreitamento da variedade de escolhas. Assim, um número menor de formas passa a assumir significados mais gerais e passam a ser utilizados com uma maior rotinização em determinadas construções. Dessa forma, compreendemos o que acontece com os locativos que, a rigor, possuem, na sentença, uma grande mobilidade, e passam a ocupar posições fixas ou, em outros termos, especializar-se em determinadas posições. Como exemplo, trazemos o *aí* na frase “Saí sim, saí com uma menina *aí*”, no qual o *aí* especializa-se na posição posposta ao objeto como forma de modificar o nome.

O princípio da Persistência é o princípio que se relaciona ao fato de que algumas características do significado original tendem a permanecer e aderir à forma gramaticalizada. Acontece, quando, por exemplo, conseguimos ainda constatar um certo traço de locativo embora a função a ser exercida pelo item seja temporal ou textual.

E o último princípio é o da Decategorização, que, por sua vez, caracteriza-se pela tendência à redução do estatuto categorial de formas que se gramaticalizam sintática ou semanticamente. Dessa forma, no cline espaço>tempo>texto, os advérbios locativos, situados na função espacial, primeira função do cline, decategorizam-se e passam a ser conectores textuais, ocupando a função textual, última posição do cline.

Ao nos propormos tratar estudos sob uma ótica funcionalista, é necessário a compreensão de que:

i. A gramática é sempre emergente, moldada no discurso pelo falante (experiência passada ou avaliação do contexto presente) (HOPPER, 1987). A gramaticalização é um processo de natureza diacrônica e, ao mesmo tempo, um *continuum* sincrônico;

ii. A estrutura linguística é maleável e atende a funções comunicativas e cognitivas;

iii. A construção só é percebida como gramaticalizada por ser (já) um item recorrente na língua em uso. São consideradas como formas inovadoras (\neq conservadoras) por não terem existido em um estágio anterior, ou terem existido com uma frequência menor, ou terem existido com um significado diferente do atual.

iv. O Princípio da Iconicidade possui três subprincípios: o subprincípio da ordem sequencial (informações mais relevantes são apresentadas em primeiro plano), subprincípio da quantidade (mais estrutura mais informação), subprincípio da proximidade (integração);

⁴Exemplos criados pela pesquisadora.

v. O Princípio da Marcação, por sua vez, é considerado como o metaprincípio da iconicidade e, para ser analisado, é necessário que sejam consideradas, a complexidade estrutural, distribuição de frequência, complexidade cognitiva) (GIVÓN, 2001);

vi. As noções de arbitrariedade e de motivação (ou iconicidade) não são opostas e nem exclusivas, mas, sim visões diferentes de um mesmo fenômeno (WILSON; MARTELOTTA, 2015);

vii. A Frequência de novas estruturas – rotinização é algo fundamental para que o item venha a ser analisado. Assim, construções repetidas que se tornam habituais e, dessa forma, gramaticalizam-se na língua são o objeto de interesse dessa corrente linguística.

Realizado esse percurso, pelos caminhos do Funcionalismo Linguístico, avancemos rumo à proposta de diálogo entre Sociolinguística e Funcionalismo, o Sociofuncionalismo.

2.3 Sociofuncionalismo: um diálogo ente os Princípios da Sociolinguística Variacionista e os Princípios do Funcionalismo Norte-Americano

A partir do diálogo entre a Sociolinguística Variacionista, propagada e difundida na década de 60, principalmente por Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (2008 [1972]; 1994; 2001), e o Funcionalismo Norte-Americano da década de 70, entre outros, com Hopper (1987; 1991), Hopper e Traugott (1993), Givón (1971; 1995), surge, nos anos 80, o Sociofuncionalismo.

No Brasil, o Sociofuncionalismo surgiu na década de 1980, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Os primeiros trabalhos da linha sociofuncionalista no Brasil são os de pesquisadores e estudantes de pós-graduação ligados ao Peul/RJ (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua) sob a orientação de Anthony Naro. É válido ressaltar que, a exemplo, de Maria Luíza Braga e Marta Scherre, os pesquisadores formados por Naro, espalharam-se por todo Brasil e, assim, grupos foram formados no país.

No intuito de explicar a variação ou a mudança linguística, os pesquisadores sociofuncionalistas observavam os fatores estruturais e sociais, como os sociolinguistas, e, também, fatores de cunho funcionalista, como informatividade, planos discursivos, iconicidade e marcação, próprios dos funcionalistas. Ao lado disso, muitas vezes, para demonstrar o rigor metodológico da pesquisa realizada, utilizavam a metodologia variacionista na coleta e análise de dados, recorrendo a recursos estatísticos.

Segundo Cezario; Marques; Abraçado (2016), a abordagem sociofuncionalista leva em consideração fatores sociais, cognitivos, comunicativos, entre outros, que influenciam na forma

de se codificar a informação e procuram, nesses elementos, a motivação para o uso de uma forma/função linguística em detrimento de outra. Em outras palavras, “A abordagem sociofuncionalista concebe a estrutura gramatical inserida na situação real de comunicação, considerando os participantes, o objetivo de interação e o contexto discursivo” (CEZARIO; MARQUES; ABRAÇADO, 2016, p. 45).

Finalizando a subseção, podemos afirmar que é possível entender que o estudo sociofuncionalista, fundamentado no interesse pela mudança linguística, prioriza pesquisas realizadas com a língua em uso, concebendo a língua como heterogênea e utilizando, para tanto, dados sincrônicos e diacrônicos com vistas ao refinamento da análise e a maior compreensão da complexidade do fenômeno linguístico. Por fim, inicialmente, o Sociofuncionalismo pautava-se, sobretudo na gramaticalização dos itens linguísticos, e, atualmente, tem pesquisas também voltadas à mudança construcional apoiadas na linguística funcional centrada no uso.

2.4 O processo de gramaticalização no Funcionalismo

Os primeiros estudos de gramaticalização são datados no século X, na China, contudo o termo gramaticalização começou a ser usado no século XX, a partir de estudos realizados por Meillet (1948 [1912]), para designar a mudança de uma palavra em função de um elemento gramatical.

A gramaticalização consiste no processo da mudança linguística comum nas línguas, analisando as necessidades comunicativas dos falantes e o surgimento de novas formas e/ou funções linguísticas. Para Castilho (1997), em uma abordagem clássica sobre gramaticalização, esse processo pode ser entendido com um

[...] trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática (=recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser de uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema (CASTILHO 1997, p. 31).

Dez anos depois, ao falar sobre o processo evolutivo da gramaticalização, Gonçalves; Lima-Hernandes; Casseb-Galvão; Carvalho (2007) apresentam três versões, que sintetizam bem a compreensão a respeito da gramaticalização, a saber:

Resumidamente, e numa escala evolutiva dos estudos de gramaticalização, há:
(i) versão de Meillet, que concebe a gramaticalização como a passagem do

[lexical] > [gramatical]; (ii) a oferecida por Kurilowicz, que adiciona ao cline de Meillet a passagem do [- gramatical]>[+gramatical]; (iii) as versões dos estudos atuais; [qualquer material linguístico]> [+gramatical] (GONÇALVES *et al.* 2007, p. 27).

Na perspectiva funcionalista, a gramaticalização ganha espaço e a língua passa a ser vista como um sistema funcional, tendo em vista que o Funcionalismo objetiva o estudo das relações entre estruturas e funções linguísticas nos diversos contextos comunicativos. Segundo Hopper e Traugott (2003 [1993]), a gramaticalização ocorre de maneira gradual e em camadas denominadas pelos autores de *clines*, que são camadas que marcam o processo de gramaticalização diacrônica e sincronicamente. Sendo assim, podemos dizer que formas gramaticais novas são unidades de processamento, já armazenadas que são acessadas e (constantemente) afetadas pela experiência, pela frequência.

A unidirecionalidade da gramaticalização, importante princípio nessa teoria, é “[...] uma característica básica do processo, partindo-se do princípio de que uma mudança que se dá numa direção específica não pode ser revertida” (NEVES, 1997, p. 121). Dessa forma, compreende-se que a mudança ocorra sempre na direção da esquerda para a direita, do mais concreto para o mais abstrato, do menos gramatical para o mais gramatical. No entanto, Castilho (1997) menciona a perspectiva multissistêmica, na qual haveria uma multidirecionalidade a ser considerada e não apenas uma única direção.

2.5 Uma breve análise da Abordagem Funcional de Dik (1989) sob o olhar de alguns estudiosos contemporâneos

Considerando o que já foi dito a respeito das teorias adotadas para a análise, a Sociolinguística, o Funcionalismo e o Sociofuncionalismo, e, buscando ampliar nosso estudo e, assim, privilegiar uma pesquisa funcional, ancoramo-nos, nesta subseção, nos pressupostos da Gramática Funcional (GF) de Dik (1989) para, na seção Análise de dados, analisarmos com maior propriedade os advérbios locativos a partir da função de argumento ou de satélite. Para tanto, tomaremos como referência as pesquisas realizadas por Nogueira (2007) e Xavier (2017).

2.5.1 Estudos contemporâneos sobre a Abordagem Funcional de Dik

Nogueira (2007), ao retomar o que foi dito por Hengeveld (1997), afirma que, devido ao grande número de funções que os advérbios desempenham e preenchem, eles vêm prendendo

a atenção de alguns estudiosos no que diz respeito às posições de cada um dos tipos de advérbios e às funções desempenhadas por eles nas orações de acordo com a Gramática Funcional proposta por Dik (1989).

Segundo Nogueira (2007), a definição sintática de advérbio trazida por Hengeveld (1997) é que o advérbio é um modificador léxico. Esta definição sugere algumas restrições, tais como: um advérbio não pode ocupar uma posição obrigatória perdida pelo verbo e, portanto, não pode ser argumento. Além disso, apenas um item lexical pode ser considerado um advérbio, sendo assim, o autor exclui, do ponto de vista sintático, construções modificadoras. Vejamos alguns exemplos trazidos por Nogueira (2007):

- (1) Ela dança belamente
- (2) Ela dança de um *belo* modo

No exemplo (1) existe um único item (advérbio) que se torna modificador por meio de regras derivacionais, *belamente*; e, em (2), a presença de um adjunto adverbial, *de um belo modo*, que assume a função de modificador.

Sendo assim, Hengeveld (1997) afirma ainda que os advérbios são distintos dos adjetivos, visto que estes modificam nomes e aqueles modificam verbos, sentenças, adjetivo etc. Ao apresentar tal afirmação, o autor não faz referência explícita à capacidade do advérbio de modificar o próprio advérbio, como fez com verbos, sentenças e adjetivos. Tal questão será mencionada posteriormente, na seção 3, ao dialogarmos com a Tradição Gramatical.

Também em uma perspectiva teórica da Gramática Funcional de Simon Dik (1989) e da Sociolinguística Variacionista, Xavier (2017) faz uma análise detalhada do estudo feito por Nogueira (2007). Nesse estudo, a autora analisou os valores e as funções que os advérbios locativos *aqui*, *aí*, *ali* e *lá* desempenham nas orações e no texto a partir das narrativas do Banco de Dados do Português Popular Falado na Cidade de São Paulo, organizado por Rodrigues (1987), e também em inquéritos que são parte integrante do *Corpus* do Projeto Filologia Bandeirante, coordenado por Megale (1998). Nos *corpora*, Nogueira (2007) analisou os valores e as funções que os advérbios locativos *aqui*, *aí*, *ali* e *lá* desempenham nas orações e no texto, além de verificar se os advérbios locativos são adjuntos ou satélites ou desempenham também a função de argumento ou complemento de predicado e, também, buscou identificar os possíveis contextos que contribuem para que a utilização desses locativos seja como argumento ou como satélite de Estados de Coisas (EsC0). Xavier (2017) afirma que Nogueira

[...] considera como base a diferença entre argumentos e satélites proposta por Dik (1989), em que o primeiro se refere aos termos exigidos por um predicado para que se obtenha uma informação completa; e o segundo diz respeito aos termos que não são exigidos pelo predicado, podendo ser retirados sem afetar a gramaticalidade da oração, isto é, são opcionais. Assim, como argumento, os advérbios locativos exercem a função de complemento verbal, por exemplo; e, na função de satélite, eles podem exercer a função de adjunto [...] (XAVIER, 2017, p. 45).

Dessa forma, teríamos, então, para argumento uma existência necessária do advérbio e, para satélite, uma existência facultativa do advérbio na sentença. Discussão que será realizada de forma mais aprofundada na Seção 4.

Dito isso, passemos a correlacionar os quatro tipos de relação ao Estado de Coisas, trazidos por Nogueira (2007), às funções de argumento e de satélite.

i. EsCo de Estado: aquele em que não ocorre nenhum tipo de mudança e no qual o primeiro argumento não tem o poder de determinar a realização do EsCo;

ii. EsCo de Posição: aquele em que não ocorre nenhum tipo de mudança, mas que, no entanto, o primeiro argumento tem o poder de realização do EsCo;

iii. EsCo de Ação: caracterizado por uma ação, é aquele em que há uma mudança no EsCo e o primeiro argumento define a sua realização;

iv. EsCo de Processo: aquele em que ocorre uma mudança no EsCo, no entanto, o primeiro argumento não tem controle sobre essa mudança.

Segundo Xavier (2017), os resultados obtidos na pesquisa de Nogueira (2007) demonstraram que os locativos adverbiais *aqui*, *aí*, *ali* e *lá*, normalmente, são usados como argumento e como satélite em uma oração, sendo o argumento a função mais recorrente e que os EsCo de Estado e de Posição contribuem para o aparecimento do locativo com a função de argumento. Para demonstrar tal afirmação, Xavier (2017) apresenta os seguintes exemplos:

(3) aqui no posto aqui:: em :: ...**tem uma igreja aqui** que que chama: ...até esqueci o nome da igreja ... minha mãe pes/pega a cesta lá lá. (PP. Inq. XVIII:18). (p. 72).

(4) eli **ficava aqui** i u fiu deli **ficava lá** (ele dizia/) eli ficava nu corti... i óia lá qui eli quiria

(5) Era trabaiadu porque **ficava um lá i u otru ficava aqui** otrus ficavam nu meu... (FIL. Inq. I:529). (p. 74).

Quanto aos EsCo de Ação e de Processo, Xavier (2017) afirma que favorecem o uso do locativo com a função de satélite, como podemos verificar nos exemplos (6) e (7).

(6) ...Vai chegá em São João Del Rei... *deixa carro lá no estacionamento* lá guardado... pegá o trenzinho... vai pra Tiradentis e :: (FIL. Inq. V:210). (p. 74).

(7) *Chegava a tremer esse boteco aí* por exemplo... eles tinha que botá arame assim nas prateleira... pra segurá as garrada pra não caí no chão...(FIL. Inq. X:48). (p. 60).

Em relação à posição e função do locativo na oração, Nogueira (2007) afirma que, quando ele estiver logo após o verbo, exercerá a função de argumento a exemplo da sentença (8); e, quando se encontrar na posição inicial, depois do objeto ou antes do verbo, existirá a possibilidade de assumir a função de satélite, ou seja, de adjunto como no exemplo (9), exercendo assim, um comportamento mais livre na oração:

(8) a....mora tudu... mora em são Paulo... mora em vorta redonda barra/barra mansa... só um que *mora aqui*...essa mesmo não mora aqui ela mora em são Paulo. (FIL. Inq.III:38). (p. 79).

(9) ...passou um tempo... ele *construiu a casa lá*... aí casaro...(FIL.Inq.IV: 65). (p. 79).

Finalizando seus estudos acerca dos advérbios, Xavier (2017) afirma que Nogueira (2007) observou uma ocorrência maior de uso do item *aí* em posição inicial, e essa posição certamente faz com que ele perca sua função inicial que é locativa e passe a assumir a função de marcador discursivo ou conector textual. Além disso, a pesquisadora observou que o uso do *aí*, no interior da unidade discursiva com pausa anterior a ele, faz com que o *aí* “[...] funcione como conectivo de porções de textos, ou seja, em um trecho narrativo, os eventos são amarrados em sequência pelo advérbio *aí*” (XAVIER, 2017, p. 48). Dito isso, a autora apresenta os seguintes exemplos:

(10) ... *aí* ela foi tamém ... *aí* entendeu né? Lea foi pra lá cumeçô [inint] assim... daí amanhã cedinhu na boa lá... ficamu naquela ali ... passamu passamu toda a confusão possô... *aí* um dia mi chamô né? Ah si quisé I im casa tal ... *aí* eu falei tudo bem mai deixá di saí eu num vô... (PP. Inq.XIII:117). (p. 91).

(11) ... *aí* ela fica chorando que ela nu...que ela nu tem o pai mas ela tem pai...mas ela nu sabe que tem pai chora...*aí* a: :: m/ a mãe dela que ela acha/que ela gosta/ que ela chama de mãe adora ela toda pessoa qui fe/que faiz algum mau pra ela ela já defendi... (PP. Inq.XIII:427). (p. 92).

Sendo assim, são verificados, tanto em (10) como em (11), que a mudança sofrida pelo item *aí* parte da noção de espaço para uma categoria mais abstrata no texto e, portanto, não refere-se à noção de tempo. Assim, de acordo com o que já foi dito antes, é possível afirmar que os advérbios e, sobretudo, os locativos, não podem ser considerados apenas termos acessórios em uma oração, tendo em vista que os advérbios podem e exercem funções diferenciadas de acordo com as sentenças em que estão sendo utilizados. Afirmamos esta que defenderemos e buscaremos comprovar no decorrer dessa Dissertação e na análise dos dados.

Finalizando essa seção, em que expomos o aporte teórico que fundamentou o nosso estudo sobre os advérbios locativos, passemos ao estudo dos advérbios locativos na Tradição Gramatical e na Tradição Linguística.

3 ADVÉRBIOS LOCATIVOS: UM OLHAR NA TRADIÇÃO GRAMATICAL E NA TRADIÇÃO LINGUÍSTICA

Tendo em vista que a gramática funcional considera a competência comunicativa, o uso efetivo da língua, a maleabilidade da estrutura linguística diante de um desejo de maior expressividade pelo falante na *inter+ação* com o outro, na presente seção, temos como objetivo demonstrar o quanto a língua é diversificada nas situações reais de uso e mostrar o quanto o falante a adapta às necessidades comunicativas a partir dos seus propósitos interativos.

Nessa direção, o intuito desta discussão é demonstrar, em particular, a funcionalidade da categoria gramatical advérbio, sobretudo, dos advérbios locativos *aí, lá, cá* e *aqui*, constatando, dessa maneira, como o falante utiliza a forma gramatical já existente com novas funções licenciadas pelo sistema linguístico, adaptando, dessa maneira, a forma linguística à função linguística que supra as necessidades comunicativas na *inter+ação* entre os indivíduos.

Para cumprir com esse propósito, antes de lançarmos um olhar sobre gramaticalização dos locativos em pesquisas (capítulos, dissertações e teses) realizadas recentemente, consideramos relevante realizar uma abordagem sobre advérbios e, em especial, sobre os locativos *aí, lá, cá* e *aqui* na Tradição Gramatical e na Tradição Linguística.

3.1 Tradição Gramatical: Gramáticas Históricas e Gramáticas Prescritivas

Com uma metodologia de orientação cronológica, começaremos a discussão sobre advérbios na Tradição Gramatical, buscando, na medida do possível, obedecer a seguinte sequência de abordagem: advérbios > advérbios locativos > advérbios *aí, lá, cá* e *aqui*.

As Gramáticas Históricas, assim como as Gramáticas Prescritivas, fazem parte da Tradição Gramatical. Nessa direção, para compor essa subseção, na qual é nossa pretensão traçar um panorama de advérbios, particularizando em advérbios locativos, recorreremos aos compêndios de Ribeiro (1911), Nunes (1942), Bueno (1944), Cruz (1948), Pereira (1906), Almeida (1961; 2005); Said Ali (2001 [1921]); 1966; Coutinho (1975 [1938]), Cunha e Cintra (1985), Infante (1999), Bechara (2005 [1960]; 2006; 1999), Sacconi (1983), Rocha Lima (1998) e Luft (1978).

Nunes (1942, p.101), na lição quarta do *Novo Manual de Língua Portuguesa – GRAMÁTICA*, organizada por Bachelet, apresenta que “Advérbio é uma palavra invariável que serve para modificar um verbo, adjetivo ou outro advérbio” e classifica, como principais advérbios, os que fazem referência a lugar, como *aqui, ali, acolá, além, aquém, acima, etc.*”

Desses advérbios, o autor ressalta que *cá* e *aqui* referem-se à primeira pessoa; enquanto *lá* e *ali*, às outras pessoas.

No compêndio *Prontuário de Análise Gramatical e Lógica*, o Pe. Antônio da Cruz (1948), ao apresentar o assunto advérbio, limita o estudo à classificação morfológica dos advérbios, e, assim, apenas classifica os advérbios em tempo, modo, lugar, quantidade, preferência e designação.

Por questão de recorte metodológico, observaremos a partícula *aí*, que das partículas apresentadas na obra, é a que nos interessa no presente estudo. Para esse advérbio, o autor traz os seguintes exemplos:

(12) Advérbio de lugar. Ex: Nasceu no Serro e *aí* morreu.

(13) Advérbio de tempo, significando-então, nesse momento. Ex: Precipitaram a falar alto; *ai* apareceu o fiscal.

(14) Expletivo, significando-aproximadamente. Ex: Viveu *aí* por 1900. -Quantos anos tem? *Aí* uns setenta.

É válido ressaltar que, nos anos 40, Pe. Antônio da Cruz, ao discorrer sobre advérbios, já percebia as diferentes funções realizadas pelo *aí* e, também, é válido relacionar o expletivo à função de satélite, sobre a qual discorreremos na seção 4, “Gramaticalização dos locativos *aí*, *lá*, *aqui* e *cá* no vernáculo conquistense: análise de dados”.

Pereira (1958), ratificando o afirmado por Nunes (1942), reforça a ideia de advérbio ser a palavra invariável que tem por função modificar o adjetivo, o verbo e o mesmo advérbio e, ao mencionar a modificação ao próprio advérbio, acrescenta “[...] juntando-lhes alguma circunstância” (PEREIRA, 1958, p. 168). Complementa, ainda, a discussão, classificando os advérbios como palavras inflexivas que constituem a classe de palavras invariáveis, chamadas partículas e divide-as quanto ao valor sintático e semântico.

Quanto ao valor sintático, o autor divide aos advérbios em:

- i. Simples, isto é, como um simples advérbio, como, por exemplo, aqui, hoje, talvez etc.
- ii. Conjuntivos, aqueles advérbios que acumulam o papel de conjunção na frase, como: onde, quando, como, enquanto, etc.

Quanto ao valor semântico, o gramático distribui os advérbios em classes conforme as circunstâncias que indicam, tais como: lugar, tempo, modo ou qualidade, quantidade, ordem, afirmação, dúvida, negação e designação.

Almeida (1961; 2005), em sua *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*, reafirma,

tanto na edição de 1961 quanto na edição de 2005, a concepção de advérbio em Nunes (1942). Para além disso, o autor considera o advérbio quanto à circunstância e à forma. Quanto à circunstância, diz que o advérbio pode, entre outras ideias, indicar ideia de lugar; e, quanto à forma, divide as partículas em advérbios propriamente ditos, *aqui, lá, aí*, e em locuções adverbiais, por aqui, por lá, por aí. Com relação, à distinção entre as formas simples e locuções adverbiais, informamos que, posteriormente, realizaremos algumas considerações.

Para Said Ali (1966; 2001, p.140), Nunes (1942), postula que, “O advérbio é um vocábulo determinativo do verbo, do adjetivo ou do outro advérbio.” O gramático reconhece, também, no advérbio, a propriedade de estar relacionado ao conceito de tempo, lugar, modo, de negação, de afirmação, de dúvida, de quantidade e de ordem. Dialogando com as definições da classe de advérbios apresentadas nas gramáticas históricas de Said Ali (1966; 2001), observamos que, nas duas publicações, o autor nos mostra como os advérbios latinos foram originados na maior parte de nomes ou pronomes e que poucos deles passaram às línguas românicas.

Além disso, o autor faz um histórico de alguns advérbios. E, entre eles, cita os pronominais, dos quais se originaram os advérbios *aqui, cá e lá* das formas ablativas *hic, hac* do pronome demonstrativo latino aglutinadas a outras palavras (*eccu(m), ill(e)*). Com relação ao *aí*, outrora *hi* ou *i*, ainda que, segundo o autor, pareça filiar-se a *ibi*, é provavelmente o próprio vocábulo *hi(c)* com função adverbial. Assim, afirma que *ali* procede de *illic* e, dito isso, o autor sugere que poderíamos classificar as formas portuguesas como advérbios pronominais se entendêssemos à etimologia dessas palavras.

Said Ali (1966; 2001) acrescenta, ainda, a informação de que as formas *cá e lá* ocorreram em português antigo como *ocá e alá* com a variante *aló* e afirma que, como estas formas têm o que ele denomina “sentido directivo”, deve-se concluir que houve a junção da preposição “a” àquelas antigas formas, e, em consequência disso, o *aí* adquiriu a inicial “a” por influência dos advérbios *aqui e ali*.

Coutinho (1974), em sua gramática histórica, enfatiza a origem dos advérbios e, dessa forma, postula que (1) os advérbios portugueses derivam-se do Latim, como observado por Said Ali (1966; 2001), e que (2) a língua vulgar latina costumava frequentemente formar locuções com valor adverbial, como por exemplo, nos locativos apresentados a seguir:

(15) *acá (arc) < accu+hac* (hoje *cá*).

(16) *Alá (arc) <a+lá<ad+illac* (hoje *lá*)

Entre outras informações etimológicas realizadas por esse gramático, interessa-nos em especial, por mostrar-nos o percurso que antecedeu a formação de alguns advérbios em estudo, o *ali* e o *aqui*, a seguinte referência. Observemos:

(17) *ali* < *ad+illic*.

(18) *aqui* < **accu+hic* ou *ibi*.

Com a mesma definição consensual a respeito de advérbio advogada por Nunes (1942), Luft (1978) categoriza, como Said Ali (1966), que advérbio constitui uma palavra de natureza (1) nominal ou (2) pronominal

Cunha e Cintra (1985, p. 529), por sua vez, abrem a discussão definindo o advérbio como “[...] fundamentalmente modificador de verbo”. Em seguida, os gramáticos acrescentam que, ainda, que o escopo seja em essência o verbo, determinados advérbios exercem funções específicas como intensificador e, quando isso acontecer, esses se modificarão e modificarão também adjetivos ou, até mesmo, toda a oração.

Infante (1999) classifica o advérbio como “[...] a palavra que caracteriza o processo verbal, exprimindo circunstâncias em que esse processo se desenvolve”. (INFANTE, 1999, p. 339). Para o autor a classe gramatical dos advérbios tem sido objeto de muitos estudos e discussões entre linguistas e gramáticos.

Segundo o gramático, isso ocorre porque muitas palavras tradicionalmente classificadas como advérbios vêm sendo, segundo ele, aproximada de outras classes gramaticais, a exemplo das locuções adverbiais que o autor define como conjuntos de duas ou mais palavras que funcionam como um advérbio. Para demonstrar o quanto alguns advérbios sofrem transformações, o gramático traz como exemplo a partícula *lá*, que, na sentença “Estavam todos **lá**” exerce a função prototípica de advérbio de lugar, e, na sentença “Estavam todos **ao pé das fogueiras acesas**” exerce o papel de locução adverbial. Nos dois exemplos, **lá** e **ao pé das fogueiras acesas** há valores de lugares estabelecidos ora por um advérbio, ora por uma locução adverbial.

Bechara (2005), por seu turno, traz alguns exemplos do que ele denominou como advérbios de base pronominal, ou seja, aqueles que desempenham, na oração, papéis sintáticos ou particularidades próprias de nomes e pronomes, por exemplo:

(19) Aqui é ótimo para saúde.

O locativo *aqui*, nessa análise proposta por Bechara (2005), é considerado como uma

partícula de base pronominal, com o valor de “esse lugar” e funciona como sujeito em sentenças como (19).

Considerado pelas gramáticas tradicionais como advérbios de lugar, os advérbios *aqui*, *cá*, *ali*, *lá* são, classificados por Bechara (2005), como advérbios demonstrativos e, segundo o autor, essa classe gramatical determina a posição das três pessoas gramaticais e como elas podem ocorrer na oração, conforme apresentado por Nunes (1942). Verifiquemos:

1ª pessoa: eu, nós.....aqui, cá

2ª pessoa: tu, você, vós, vocês.....lá, aí

3ª pessoa: ele, eles, etc.....lá ali (BECHARA, 2005, p. 81)

Essa abordagem pode ser melhor compreendida nos exemplos apresentados pelo próprio gramático a seguir:

(20) Eu *cá* desejo que você passe

(21) Você *lá* sabe como vai proceder

(22) Tu *lá* tens preparo pra o serviço (BECHARA, 2005, p. 81)

Diante desses exemplos, percebemos que o pronome *eu*, conforme defendido pelos gramáticos prescritivos, estaria associado ao advérbio *cá*, explicitando uma relação de aproximação; os pronomes *você* e *tu*, que servem como referência à segunda pessoa, por sua vez, estariam relacionados ao *lá* no exemplo trazido ou, ainda, ao *ali*, caracterizando um distanciamento maior; assim, como possivelmente, dentro dessa defesa, estaria o pronome de terceira pessoa, também, sendo utilizado ao lado dos locativos *cá* e *lá*.

Considerando as explicações do autor, é preciso levar em conta que, além dessa relação entre locativo e pessoa pronominal, alguns advérbios trazem, no ato interativo, um valor de negação. Dessa forma, o advérbio *lá*, na frase “você *lá* sabe como vai proceder”, tomando como referência o valor negativo de algumas construções, serve tanto para o emprego desse advérbio junto ao pronome de primeira pessoa como para indicar o afastamento da possibilidade de se realizar a ideia expressa no predicado, como para a provocação de um valor negativo à sentença. Consideração que pode ser observada, também, no diálogo criado por nós para essa exemplificação:

i. Você sabe onde está Luiz?

- ii. Não sei. [resposta 1]
- iii. Sei não. [resposta 2]
- iv. Sei lá [resposta 3]

Na resposta 3, o advérbio *lá* posposto ao verbo saber funciona como uma negação, assim como o advérbio *não* diante do verbo saber na resposta 1 e na resposta 2. Para além dessas questões, podemos inferir que, pragmaticamente, a resposta 3 é dada, a rigor, quando o falante parece, além de não saber, não desejar saber a respeito do tema ao qual foi questionado.

Entretanto, Bechara (2006) afirma que o uso do locativo *lá*, com sentido de “não sei”, além do inferir o que ele denomina entonação especial, explica-se, segundo o gramático, pelo fato de referir-se a algo distante da área do falante e, por isso, no domínio de seu desconhecimento.

Dialogando com a publicação de 2005, Bechara (2006) classifica advérbio como uma expressão modificadora do verbo que por si só denota uma circunstância (de lugar, modo, tempo, intensidade, condição etc.) e desempenha, na oração, a função de adjunto adverbial, como nos exemplos seguintes:

(23) Aqui tudo vai bem. (lugar e modo)

(24) Hoje não irei lá. (tempo, negação, lugar)

Segundo Bechara (2006. p. 276-277), “[...] constituindo o advérbio uma classe de palavras muito heterogênea”, torna-se difícil ser atribuída a essa classe uma classificação uniforme e coerente. Para o gramático, é uma particularidade de o advérbio apresentar um papel singular que é o de flexibilidade posicional, e essa característica oferece ao advérbio o que o gramático denomina de “certa autonomia fonológica, de contorno entonacional variado, a serviço do intuito comunicativo do falante”.

Apesar de trazer a mesma definição de advérbios nos textos mencionados anteriormente, Bechara (1999-2000) acrescenta que, fundamentalmente, os advérbios distribuem-se em conformidade com a função que exerce. Por exemplo, será temporal (os de tempo) ou espacial (os de lugar), ou ainda de modo, a depender da necessidade de visualizar o “estado de coisas” designados na oração.

Além disso, ainda segundo o autor, existem advérbios de lugar que marcam melhor sua função ou designação mediante o emprego de uma preposição, como acontecer nas locuções “por aqui”, a exemplo de “Por *aqui* se pode entrar na cidade”. Bechara (1999-2000, p. 288) diz

que o “por aqui” é locução adverbial formada pela preposição “por” + o advérbio “aqui” e que, nesse exemplo em específico, parece descrever melhor o que o falante desejou expressar. Observemos as orações (13) e (14) a fim de perceber a diferença que circula o *aqui* do *por aqui*, já mencionado por Almeida (1999; 2005):

(25) Aqui se pode entrar na cidade.

(26) Por aqui se pode entrar na cidade.

O advérbio *aqui*, ao ser precedido pela preposição “por”, formando uma locução, parece ampliar a localização espacial. É veiculada, com esse uso na *inter+ação*, uma ideia de espaço mais amplo entre os informantes ao utilizarem o locativo antecedido pela preposição. Assim, ao passo que o “aqui” refere-se a um espaço determinado, que traz uma maior precisão; o “por aqui” faz referência a um espaço menos específico. Fenômeno equivalente acontece com o advérbio “agora”, na função temporal, em exemplos como “Cheguei agora” x “Cheguei por agora”, no qual esta alternativa, que conta com a preposição “por” preposta ao advérbio “agora”, parece ampliar o espectro temporal em relação àquela.

Ademais, nos textos de Ribeiro (1911), Bueno (1944), Rocha Lima (1972), e Sacconi (1983), a definição e a classificação dos advérbios é, a rigor, praticamente a mesma, a saber: os advérbios são definidos apenas como palavras modificadoras do verbo e estão classificadas como pertencente à dúvida, intensidade, lugar, modo ou tempo.

Diante do discutido nesta subseção, ao analisarmos as gramáticas pertencentes à Tradição Gramatical, podemos afirmar que, algumas vezes, esses compêndios trazem uma noção de como surgiram os advérbios e, em geral, não apresentam indícios do enfoque que desejamos na presente dissertação que é o da gramaticalização dos locativos *aí*, *lá*, *cá* e *aqui*. Realizamos, no entanto, um destaque às pistas linguísticas fornecidas, no ano 1948, pelo Padre Antônio Cruz e por Bechara (2006; 1999) que trouxeram, ao lado da Tradição Gramatical, uma abordagem mais ampla e capaz de provocar os primeiros *insights* sobre a gramaticalização nos advérbios locativos.

Para fins de uma maior visualização do levantamento realizado nos compêndios da Tradição Gramatical até então apresentados, encerramos a presente subseção com o Quadro 1, no qual estão apresentadas classificações de advérbios na ótica de 16(dezesseis) autores em 18 (dezoito) compêndios, mencionados que foram pesquisados para compor esta parte.

Quadro 1 – Tradição Gramatical

OBRA/AUTOR	CLASSIFICAÇÃO
<i>Gramática histórica da língua portuguesa</i> / M. Said Ali. - 6. ed. melhorada e aumentada de Lexeologia e Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico. 1966	O advérbio é um vocábulo determinativo do verbo, do adjetivo ou do outro advérbio. Acrescenta a estourtras palavras o conceito de tempo, lugar, modo, etc. Que lhes delimita ou esclarece o sentido, sem contudo exercer, como o acusativo, o dativo e o objeto indireto
<i>Gramática histórica da língua portuguesa</i> / M. Said Ali. - 8. ed. rev. e atual, 2001[1921]	- circunstancial, função puramente complementar
<i>Novo Manual de Língua Portuguesa-GRAMÁTICA</i> . Exigida pela portaria 172, IX, 1-b de 15-VII-1942 para as 4 séries do Ciclo Ginásial. Organizada por Mário Bachelet em colaboração com José de Sá Nunes	Advérbio é uma palavra invariável que serve para modificar um verbo, adjetivo ou outro advérbio.
<i>Gramática Expositiva. Curso Superior</i> /Eduardo Carlos Pereira. 109. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1926[1907]	Advérbio é a palavra invariável que tem por função modificar o adjetivo, o verbo e o mesmo ADVÉRBIO juntando-lhes alguma circunstância.
<i>Pontos De Gramática Histórica</i> . Ismael de Lima Coutinho. 6. ed. revista, 1975[1938]	Os advérbios portugueses(sic) derivam-se do latim.
<i>Prontuário de Análise Gramatical e Lógica</i> . Pe. Antônio da Cruz. 2. ed. 1948.	Apenas classifica os advérbios em tempo, modo, lugar, quantidade, preferência e designação.
<i>Curso de Gramática Aplicada aos Textos</i> . Ulisses Infante. 1999.	Advérbio é a palavra que caracteriza o processo verbal, exprimindo circunstâncias em que esse processo se desenvolve.
<i>Nova gramática do português contemporâneo</i> . Celso Cunha e Luís F. Lindley Cintra. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.	O advérbio é, fundamentalmente, um modificador de verbo.
<i>Lições de português pela análise sintática</i> .Evanildo Bechara. 17.ed. Revista, ampliada, com exercícios resolvidos. - Rio de Janeiro: Lucerna, 2005[1960]	Advérbio exprime circunstâncias
<i>Gramática escolar da língua portuguesa</i> . Evanildo Bechara. 5. reimpr. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.	Advérbio é a expressão modificadora do verbo que por si só denota uma circunstância (de lugar, tempo, modo, intensidade, condição, etc.), e desempenha na oração a função de adjunto adverbial.
<i>Moderna gramática portuguesa</i> . Evanildo Bechara.- 37. ed. rev. e ampliada. - Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.	
<i>Gramática Metódica da Língua Portuguesa (curso único e completo)</i> .Napoleão Mendes de Almeida. 13.ed. Saraiva. São Paulo. 1961.	Advérbio é toda palavra que pode modificar o verbo, o adjetivo e, até, o próprio advérbio.
<i>Gramática Metódica da Língua Portuguesa</i> . Napoleão Mendes de Almeida. 45 ed. São Paulo: Saraiva, 2005.	
<i>Gramática Normativa da Língua Portuguesa(curso superior)</i> .Francisco da Silveira Bueno. 1944.	Advérbio é a palavra que expressa uma circunstância do verbo ou a intensidade da qualidade dos adjetivos.
<i>Elementos de Gramática Portuguesa</i> . Ernesto Carneiro Ribeiro. 6 ed. 1911.	Advérbio é uma palavra que modifica o adjetivo, o verbo e o mesmo advérbio
<i>Nossa Gramática: teoria e prática</i> . Luís Antônio Sacconi.5.ed. revista e atualizada.- São Paulo: Atual, 1983.	Advérbio é a palavra que essencialmente modifica o verbo, exprimindo uma circunstância.
Rocha Lima, Carlos Henrique da, 1991[1915]. <i>Gramática normativa da língua portuguesa</i> ; prefácio de Serafim da Silva Neto. - 36.ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.	Advérbios são palavras modificadoras do verbo. Servem para expressar as várias circunstâncias que cercam a significação verbal.
<i>Moderna Gramática Brasileira</i> .Celso Pedro Luft. Editora Globo, 1978.	Advérbio é uma palavra de natureza (1) nominal ou (2) pronominal que se acrescenta à significação: a) de um verbo, b) de um adjetivo, ou de outro advérbio, ou c) de toda a frase

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

3.2 Tradição Linguística: análise dos locativos nas Gramáticas Descritivas

Após analisarmos os advérbios sob a ótica da Tradição gramatical, acreditamos ser necessário lançarmos um outro olhar, agora na Tradição linguística a fim de compreendermos a complexidade dessa categoria gramatical.

Nessa perspectiva, iniciaremos nossos estudos das gramáticas descritivas, trazendo a definição de advérbio de acordo com os seguintes autores: Perini (1998; 2010), Azeredo (2000; 2008), Vilela e Koch (2001), Ferrarezi Junior e Teles (2008) e Vitral (2017).

Perini (1998), ao iniciar seus estudos referentes ao item advérbios na “Gramática Descritiva do Português Brasileiro”, afirma que os estudos trazidos nas Gramáticas tradicionais contemplam apenas estudos parciais, pois a definição tradicional foca somente na propriedade modificadora do advérbio e isso, segundo o autor, impossibilita ter uma visão mais ampla das diversas classes de advérbios. Segundo o linguista, é necessário definir cada classe em termos do que denomina como “potencial funcional”. Dito isso, o autor oferece uma sugestão de análise tomando apenas um grupo de palavras tradicionalmente chamadas de advérbios, tais como: não, rapidamente, completamente e muito, que são classificadas como advérbios e subclassificadas de acordo com um critério semântico, ou seja, de negação, de modo e de intensidade.

Para ratificar a sua definição do item advérbio, o autor faz uma classificação morfossintática desses itens, trazendo alguns exemplos. Vejamos:

Negação verbal:

(27) “Seu tio não apareceu na estação”.

Intensificador:

(28) “Almeida é muito magro”.

Adjunto circunstancial:

(29) “Ele ri muito”.

Atributo:

(30) “Terminamos a pintura rapidamente”.

Adjunto adverbial:

(31) “Ela decorou o apartamento completamente”. (PERINI, 1998, p. 339)

Com esses exemplos, o autor afirma que essas palavras podem ocupar diversas funções e algumas delas podem ocupar até mesmo mais de uma função como nos exemplos (28) “Almeida é muito magro” e (29) “Ele ri muito”, no qual ora o “muito” foi intensificador e ora adjunto circunstancial. Por isso, é possível concluir que a definição dada pelas Gramáticas Tradicionais de que o advérbio é uma palavra modificadora, leva-nos a crer, nesse sentido, que a noção de modificação é muito subjetiva, ou seja, ao invés de modificar o verbo, entre outras coisas, podemos afirmar que está em construção com o verbo.

Azeredo (2000), por sua vez, define o advérbio como um elemento que faz parte de um grupo de palavras invariáveis e, portanto, é possível, assim, definir por advérbio toda palavra invariável que serve de núcleo a um sintagma adverbial. Segundo ele, os advérbios exprimem basicamente posições temporais (advérbios de tempo), que são relativamente um ponto convencional na linha do tempo, como cedo, tarde, hoje, amanhã, aí, logo, e posições espaciais, que relativamente refere-se a um ponto convencional no espaço seja ele físico ou textual: aqui, aí, ali, lá, acolá, acima abaixo. Chama-nos a atenção o fato de *aí* ser considerado, por Azeredo (2000), como advérbio de posição espacial, físico ou temporal.

Vilela e Koch (2001), ao afirmarem que a gramática é polissêmica, ressaltam que os advérbios, além de modificarem os verbos, modificam, também, os adjetivos e outros advérbios ou enunciação. Definição que encontra amparo na Tradição gramatical. Quanto à classificação, os autores pontuam que, na classe advérbio, há nomes (hoje, amanhã, ontem...), e há o que eles definem como pronomes (aqui, aí, ali, onde) e, ainda segundo eles, a subclassificação dos advérbios deve obedecer a critérios semânticos, que é justamente o que eles chamam de enquadramento. Diante dessas observações, propõem o seguinte esquema de advérbios:

Tempo: agora, ainda, hoje, amanhã, já, etc.

Lugar: abaixo, atrás, além, aí, ali, cá, lá, longe, perto, etc.

Afirmação: sim, certamente, realmente, etc.

Dúvida: porventura, acaso, talvez, etc.

Intensificação: bastante, bem, mais, etc.

Modo: assim, mal, melhor, pior etc.

Negação: não, nunca

É válido ressaltar que Vilela e Koch (2001), diferentemente de outros autores, acrescentam outras categorias e relacionam essas categorias aos advérbios expostos a seguir.

Vejamos:

Inclusão: até, mesmo, também

Exclusão: só, apenas, somente, salvo

Designação: eis

Interrogação: por que (causa), como (modo), onde (lugar), quando (temporal).

Além dessas questões apresentadas, Vilela e Koch (2001) afirmam sobre advérbios que eles podem servir de pró-palavras, pró-frases e pró-textos, catafórica ou anaforicamente. Para demonstrar tal afirmação, os autores trazem o seguinte exemplo:

(32) “A filha foi passear dez dias no Alentejo. Só então, os pais foram para as férias”
(VILELA; KOCH, 2001, p. 254)

Segundo eles, são advérbios pronominais aqueles que se aproximam das conjunções e se dividem em demonstrativos (aqui, lá, aí, então, outrora, etc.), interrogativos (onde, quando, daí, como), ou simples advérbios (em cima, embaixo). E, ainda segundo os autores, alguns desses advérbios fornecem o que eles chamam de reforço situativo-comunicativo importante e, de posse dessa função, os advérbios atuam nas sentenças como elementos de reforço. Observemos:

(33) “Cá no Porto, lá em Lisboa, vá para fora, Cá dentro!” (VILELA; KOCH, 2001, p. 254)

Dizem, ainda, que os advérbios pronominais também podem ser chamados de conjuncionais, tendo em vista a função de coordenarem as frases. Entretanto, os autores reforçam que os chamados advérbios pronominais não podem confundir-se com as conjunções coordenadas, pois os advérbios são elementos fráasicos, e as conjunções são elementos interfrásicos. Tal afirmação é possível ser constatada nos exemplos trazidos pelos autores:

(34) “O trem chegou atrasado, daí a maior parte da turma faltar à aula”

(35) “A maior parte da turma faltou à aula, pois o comboio chegou atrasado” (VILELA; KOCH, 2001, p.254)

Nas frases (34) e (35), os autores consideram que “daí” é o mesmo que “por causa disso”, ou seja, é advérbio conjuncional que exerce função na sentença semelhante à conjunção “pois”. Os autores afirmam, ainda, que, por outro lado, as partículas *então*, *assim*, *ainda*, *logo*, *já* etc. funcionam como advérbios dentro da subclasse tempo, mas também podem, segundo eles, transportar valores diferentes como nas seguintes sentenças que eles apresentam no texto:

(36) “Quando eles saíram ela ainda ficou”

(37) “Ainda o bolo estava quente já ela o queria comer”

(38) “Eu saio já/ Eu saio logo”

(39) “Mal houve silêncio, logo ela saiu”

(40) “Ela sentiu-se e ainda não recuperou” (VILELA; KOCH, 2001, p.254-255)

A respeito das locuções adverbiais, defendem que essas podem ser consideradas como enunciados construídos a partir de advérbios e, assim, segundo eles:

Os advérbios (e os adverbiais) situam os estados de coisas ou entidades que nele participam de modo muito concreto. Tomemos como exemplo a direção: lá dentro, de lá de dentro, lá detrás, ir lá pra fora, ir para fora, cá dentro, chega aqui/cá, chega-te para lá, ir para a cama, ir por aí afora, ir lá dentro etc. (VILELA; KOCH, 2001, p. 255).

Portanto, é possível afirmar que a capacidade que o advérbio tem de combinar elementos gramaticais faz como que essa classe gramatical exerça funções semânticas que diferem das demais na frase.

Ferrarezi Junior e Teles (2008), com relação aos advérbios, asseguram que a categoria tem sido classificada de maneira errônea pela Tradição gramatical como nomes. De acordo com os pesquisadores, todos os nomes da língua são flexionáveis, pois fazem parte de um processo de concordância. Para eles, por não participar de nenhum processo de concordância, o advérbio não é considerado como flexionável e, assim, configura-se como uma classe distinta de palavras, ou seja, os advérbios não são nomes, não são verbos e não são conectivos.

Acrescem, ainda, que os advérbios não estão em relação de concordância com os núcleos aos quais se referem e, portanto, não podem formar adjuntos. Sendo assim, os autores consideram que são, portanto, complementos adverbiais, ou seja, diferenciam-se da classificação que fazem as gramáticas tradicionais que os denominam como “adjuntos adverbiais”. Entretanto, apontando um outro caminho, os linguistas reconhecem que, ainda que a classe advérbio seja heterogênea, há aspectos comuns como:

[...]são palavras que apresentam um mesmo e único comportamento gramatical, que se caracteriza: 1.pela relação de regência como NA, verbos e os próprios AV; e 2. pelo fato de os AV serem inflexionáveis, mas deriváveis, especialmente em grau (FERRAREZI JR; TELES, 2008, p. 151).

Em outras palavras, podemos inferir que, para os linguistas, embora os advérbios manifestem uma grandiosa quantidade de significações como de negação, afirmação, intensidade, lugar, instrumento, meio, modo, dúvida etc., apresentam um comportamento gramatical unificado o que faz com que pertençam a mesma categoria.

Azeredo (2008), também, reconhece que a classe gramatical advérbio é a mais heterogênea das classes de palavras. O autor inicia a classificação do advérbio, pontuando que as características típicas dessa classe vão além do que ele denomina de invariabilidade formal, ou seja, advérbio também exerce função modificadora em relação ao termo que ele modifica. Sendo assim, afirma que existem várias subclasses semânticas e sintáticas de advérbio e diz que, na maioria das vezes, em que empregamos essas subclasses, é justamente para localizarmos no tempo ou no espaço os objetos a que nos referimos nos discursos. E assim, como os demais reconhece que os advérbios:

Exprimem basicamente posições temporais (advérbios de tempo) relativamente a um ponto convencional na linha do tempo: cedo, tarde, ontem, nunca; exprimem basicamente posições espaciais (advérbios de lugar) relativamente a um ponto convencional no espaço, físico ou textual: aqui, aí, ali, lá, acolá, acima, abaixo, além, aquém, dentro, fora, afora, atrás, alhures (AZEREDO, 2008, p. 193, grifos da pesquisadora).

Perini (2010), em sua obra “Gramática do português brasileiro” passa a ter preferência pelo termo adverbiais ao invés de advérbio, em função do que afirmou na obra “Gramática Descritiva do português Brasileira” publicada na década de 90, sobre as várias classes de palavras que a classe adverbial comporta. Denominá-los, então, como adverbiais é reconhecer a heterogeneidade presente nessa categoria.

Para o autor, na gramática tradicional, fala-se de advérbios de modo, de tempo, de lugar etc. entretanto, nos termos usados por Perini (2010), os tipos elencados de advérbios correspondem ao que ele denomina de papéis temáticos que podem ser expressos pelos adverbiais. Verifiquemos em suas próprias palavras:

Um adverbial é membro de uma classe muito generalizada que se define apenas como ‘palavra invariável (em gênero, número, pessoa, etc.) que não é um conectivo’. E os adverbiais em geral têm potencial funcional paralelo a sintagmas maiores; assim, apressadamente ocupa as mesmas funções e tem os mesmos papéis temáticos que o sintagma com pressa (PERINI,

2010, p. 317).

O autor chama atenção que os adverbiais possuem propriedades importantes, pois segundo ele, o que temos não é uma classe de palavra que possa ser denominada de advérbio, mas várias e diferenciadas classes que possuem propriedades importantes tais como: a posição e o escopo. Assim, para o linguista “o posicionamento de um adverbial depende de ser ele complemento ou adjunto; de estar vinculado sintaticamente a um verbo ou a um nominal; e também do seu escopo”. (PERINI, 2010, p. 318).

Dito isso, Perini (2010) traz exemplos como:

(41) “O Tomás morava em Campinas.”

(42) “O Tomás mora com os quatro filhos”.

A locução SA adverbial que estava na posição final a exemplo das sentenças (41) e (42), passa a ser utilizada após o SN (sintagma nominal) e o SV (sintagma verbal) que funcionam como complemento, que, segundo o autor, podem ocorrer antepostos ao sujeito+verbo, como em:

(43) “Com os quatro filhos, o Tomás mora (mas não viaja com eles)” e, em outros casos, o deslocamento torna a sentença agramatical, a exemplo de:

(44) “O Tomás em Campinas morava”.

Interessante registrar, ainda, que Perini (2010) assegura que “o adverbial (ou, pelo menos, certos adverbiais) pode também ocorrer dentro de um SN, modificando um nominal qualificativo”. (PERINI, 2010, p. 318). Afirmação esta que retomaremos na análise.

Com relação ao escopo, o autor afirma que, quando um adverbial funciona como adjunto, vai ocorrer em várias posições devido à liberdade de ocorrência que possui. Entretanto, seu posicionamento nem sempre vai ser indiferente, tendo em vista que pode afetar o seu escopo. Mas, essa troca de posição implica uma modificação semântica a depender do escopo do advérbio. Para definir essa noção, o autor traz as seguintes frases:

(45) “Somente a professora passou a palavra ao visitante”

(46) “A professora somente passou a palavra ao visitante”

(47) “A professora passou somente a palavra ao visitante”

(48) “A professora passou a palavra somente ao visitante” (PERINI, 2010, p. 319)

Portanto, de acordo com o autor, o escopo de um adverbial faz parte do seu significado, e alguns adverbiais possuem escopo fixo como nos exemplos (45) e (46), e seu deslocamento para várias posições na sentença, não acarreta diferenças como acontece, a título de exemplo, nas sentenças (47) e (48).

Vitral (2017), em sua gramática recém-lançada “Gramática inteligente do português do Brasil”, considera que os advérbios funcionam como núcleos de constituintes que desempenham a função de modificador e, por sua vez, divide os advérbios em dois grandes grupos. Um funciona igualmente como um adjetivo, ou seja, as propriedades e características do advérbio são transferidas para uma oração, um adjetivo ou outro advérbio como é possível observar nos exemplos trazidos pelo autor:

- (49) “Nós comemos mal naquele dia”
- (50) “Carminha corria apressadamente”
- (51) “Felizmente, chegou o dinheiro para a reconstrução da cidade”
- (52) “A diretora anda muito feliz”
- (53) “Depois do jogo, Neymar andava bem lentamente”

Portanto, de acordo com o autor, o advérbio *mal* qualifica negativamente o evento correspondente à oração “Nós comemos naquele dia”. Na oração “Carminha corria apressadamente”, o advérbio *apressadamente* indica a maneira como Carminha corria, e o advérbio *felizmente*, na oração “Felizmente chegou o dinheiro para a reconstrução da cidade”, sinaliza a opinião ou avaliação do falante sobre o evento ter chegado o dinheiro para reconstrução da cidade. No caso da oração “A diretora anda muito feliz”, o uso do *muito* traduz um advérbio que vai atuar sobre o adjetivo *feliz* expressando intensidade. Já o advérbio *bem* age sobre a palavra *lentamente*, que é outro advérbio, que, indica portanto, intensidade também.

Quanto aos advérbios do segundo grupo, o autor ressalta que eles apresentam diversidade de significados estabelecendo relações de significação com orações, com nomes ou com adjetivos. Segundo o autor, os advérbios contribuem em vários sentidos nas sentenças, por exemplo:

Para precisar o tempo e o lugar, como nos casos dos advérbios *ontem* e *aqui* nas seguintes orações:

- (54) “Carlinhos me devolveu o boné ontem”
- (55) “Aqui você pode tomar refrigerante à vontade”

Para negar ou afirmar:

(56) “Não vou convidar todos os colegas”

(57) “A psicóloga avaliou o João como não adequado para o emprego”

Para destacar um nome:

(58) “A diretora chamou só o Pedro”

(59) “Até meus pais estavam dançando na festa”

Para indicar a ideia de aproximação em relação à realização de um evento:

(60) “Eu quase consegui a bolsa de estudos”

Para exprimir inclusão, que fica a cargo do advérbio:

(61) “Os terremotos arrasadores também não existem no Brasil”

Sendo assim, Vitral (2017) conclui que, apesar dessas diferenças de significado entre os dois grupos de advérbios, os advérbios funcionam como núcleo de constituintes que desempenham a função de modificador.

Em linhas gerais, na análise dos advérbios à luz da Tradição Linguística, podemos afirmar que houve os seguintes acréscimos ao prescrito na Tradição Gramatical:

- i. Os autores reconhecem a heterogeneidade presente na classe dos advérbios;
- ii. Os adverbais possuem propriedades importantes como posição, escopo e papel temático;
- iii. Advérbio é uma palavra invariável que atende ora a um núcleo ora a um sintagma adverbial e, assim, as propriedades ou características do advérbio são transferidas para uma oração inteira, para um adjetivo ou para outro advérbio;
- iv. A marca “categorial” do advérbio é a de modificar o verbo, a frase, o adjetivo, o próprio advérbio ou a enunciação;
- v. Advérbios são palavras que apresentam um único comportamento gramatical, que se caracteriza pela relação de regência com NA, verbos e os próprios AV, e pelo fato de os AV serem inflexionáveis, mas deriváveis em grau;

vi. Apresentam uma grande diversidade de significados e estabelecem relações de significado com orações, com nomes ou com adjetivos.

3.2.1 Gramaticalização dos locativos: uma análise sob a ótica de alguns estudiosos/teóricos

No decorrer desta pesquisa, deparamo-nos com diversos estudos e definições de alguns estudiosos sobre nosso objeto de estudo. É possível observar que, embora a maioria dos teóricos/gramáticos concorde que a classe gramatical advérbio, sobretudo os locativos, requer uma análise mais detalhada, todos citados nessa seção direcionam seus estudos para uma determinada ótica.

Nos estudos acerca dos advérbios locativos, é possível observar que, na maioria dos compêndios da Tradição Gramatical, o advérbio, normalmente, é apresentado como um modificador do nome, do verbo, de outro advérbio etc. Entretanto, na Tradição Linguística, a classe gramatical advérbio vem sendo mostrada como uma classe que sofre transformações e aproxima-se de outras classes gramaticais. Tendo em vista essa assertiva, iniciaremos essa subseção mostrando de maneira sucinta a visão de alguns estudiosos, abordaremos estudos e pesquisas que contemplam o uso dos advérbios locativos no português escrito do século XVIII ao XX, e, também, em textos contemporâneos.

3.2.1.1 Advérbios locativos: dialogando com alguns teóricos

Neves (2002), no texto “Os advérbios circunstanciais da Gramática do português falado”, compreendendo a complexidade e a heterogeneidade da classe dos advérbios, como é estabelecida pelas gramáticas, propõe-se a investigar o comportamento dessa categoria.

Entretanto, afirma que, no estudo apresentado não visa discutir a legitimidade da inclusão ou não de determinados elementos na classe adverbial, mas, antes de tudo, partir do princípio de que “[...] de qualquer forma, a descrição do uso dos chamados “advérbios de lugar” e “advérbios de tempo” deve estar abrigada na gramática, seja qual for a taxionomia consagrada”. (NEVES, 2002, p. 249).

Além disso, Neves (2002) afirma também que a análise efetiva do comportamento desses elementos contribui para se pensar nos critérios que fazem com que os advérbios pertençam a determinada classe. Para tanto, faz uso do tratamento de todas as ocorrências advérbios circunstanciais verificados no *Corpus* do Projeto NURG em análise no Projeto Gramática do Português Falado.

Segundo Neves (2002, p. 250), inicialmente, consideram-se os advérbios de lugar e tempo, como categorias dêiticas, ou seja, que provêm por referência ao “[...] falante-agora, que é o complexo modo-temporal que constitui o ponto de referência do evento de fala. Entenda-se na dêixis, a referenciação de um segmento significativo a um estado de fato, a partir de coordenadas estabelecidas no enunciado”.

Para demonstrar o trânsito de uma categoria para outra (lugar/tempo), Neves (2002) apresenta as seguintes sentenças:

(62) Bom...Então, voltando um pouquinho atrás, nós vimos que (EF-RJ-379:1.7-8)

(63) Formou-se em 80 e daí pra frente não estudou mais D2-SSA-98: 9(18-19)

(64) E o trecho depois de Conquista...Ave-Maria! Já não aguento mais! D2-SSA-98: 9(18-19)

Neves (2002) ilustra ocorrências de advérbio “de lugar”, indicando tempo, como em (62) e (63) e de advérbio “de tempo” indicando lugar, como em (64) e em sentenças como em (65), ocorre o que a autora chama de advérbio de tempo circunstanciando indicação de lugar, e advérbio de lugar circunstanciando indicação de tempo, como em (66) vejamos:

(65) Você pega o congestionamento aqui na área urbana ainda (D2-SSA-98:4.29-30)

(66) Uns vinte anos atrás, no Belas Artes, então tinha concerto todos os meses (DID-POA-49: 410)

Além disso, Neves (2002) classifica os advérbios de lugar em fóricos (pro advérbios de lugar) que referem-se à circunstância, mas, segundo a autora, esses tipos de advérbios não exprimem a indicação circunstancial substancial, a qual se recupera, tais como em enunciados do tipo:

(67) Isto seria a Espanha...e aqui...a França (EE-SP-405:49.44)

(68) Eu não conheço um professor que ensine em apenas um lugar já começa por aí, certo? (D2-RJ-355:4.10-11)

Neves (2002), entretanto, afirma que, embora os advérbios fóricos indiquem circunstância, por definição semântica, “[...] atuam na esfera dos participantes no que se refere à relação com o eixo falante/ouvinte (circunstanciação é referida aos participantes do discurso

ou a pontos de referência do texto, numa escala de proximidade espacial” (p. 252), como nos seguintes exemplos apresentados pela autora:

(69) Nós aqui, eu acho que a gente fica mais vinculado ao aspecto da carne (D2-POA-291:3.15-16)

(70) Sua mulher está aí junto vou lá chamar ela viu? (D2-RE05:2.44-45)

Quanto aos advérbios classificados por Neves (2002) como Não-fóricos, a estudiosa afirma que estes efetuam a expressão da circunstância de lugar a exemplo de dentro/fora, ou seja, ralação de inclusão/exclusão. Além disso, aponta que, se há referenciação fórica do sintagma (seja exófora, ou motração, seja endófora) ela tem expressão no Sprep, complemento (apagável).

Braga (2003), uma das pioneiras estudiosas sobre a partícula *aí*, em seu texto “E aí se passaram 19 anos”, afirma que os itens *aí* e *então* foram examinados por diversos linguistas brasileiros. Segundo a estudiosa, numerosos linguistas concordam quanto ao caráter multifuncional desses elementos, que podem ser utilizados como dêiticos, fóricos, juntivos e discursivos. Através do princípio postulado por Hopper (1991) que, por sua vez, acredita que as formas lexicais ao se gramaticalizarem em clíticos ou afixos permanecem como elementos autônomos e, portanto, podem sofrer mudanças, atingindo os itens da classe gramatical a que pertencem. Braga (2003) objetivando investigar o item *aí*, contrapondo-o ao item *então*, no intuito de depreender sua trajetória de gramaticalização, observa as propriedades contextuais que facultaram as várias e sucessivas recategorizações desses itens, além de examinar o efeito que os fatores sociais exerceram sobre este tipo de mudança linguística.

Para realizar seu estudo, Braga (2003) fez adequações das descobertas e pressupostos da teoria da variação a um tipo de análise de mudança desenvolvido sob a ótica qualitativa e fez uso das ocorrências de *aí*, que foram extraídas das amostras de fala que integram os acervos Amostra 80 (I) e Amostra 00 (I) em quatro subgrupos: dêitico, fórico, juntivo e discursivo. A autora considera que a gramaticalização e discursivização de *aí* tornou-se possível devido a sucessivos ciclos de reanálises facultados por contextos compatíveis com duas ou mais interpretações morfossintáticas.

Em conformidade com tendências de estudos funcionalistas, Oliveira (2012), em seu texto “Padrões construcionais formados por pronomes locativos no português contemporâneo no Brasil”, descreve e analisa três padrões construcionais do português formados por pronomes locativos, em torno de sintagmas nominais e verbos, como base em pressupostos funcionalistas

(BYBEE, 2010; TRAUGOTT, 2008; TRAUGOTT E DASHER, 2005) e cognitivas (CROFT E CRUSE, 2004; CROFT 2001).

Oliveira (2012) testa a hipótese de que os três padrões referidos se situam em pontos distintos no cline de gramaticalidade do português, podendo ser em estágios menos ou mais avançados de mudança categorial.

Dito isso, a autora descreve os referidos padrões da seguinte forma:

- i. Padrão I: SN loc, como em um cara aí, meu amigo aqui, um negócio lá
- ii. Padrão II: loc Vb, como em daqui vem, aí está, daí vem
- iii. Padrão III: Vb loc, como em sei lá, vamos lá, espera aí

Segundo a autora, “[...] o Padrão I, que se organiza por intermédio de expressões de base nominal, ainda estaria situado no âmbito lexical, e o pronome locativo posposto, gramaticalizado como clítico, integraria, assim ordenado, um processo maior de lexicalização, nos termos de Brinton e Traugott (2006). Em escala mais avançada, teríamos o Padrão II, em que o locativo assumiria, junto ao verbo posposto, função no plano mais textual. O ponto extremo do gradiente seria ocupado pelo Padrão III, nas formações em que o pronome locativo surge posposto ao verbo, em nível altamente integrado de sentido e forma, na configuração de expressões cumpridoras de função no plano discursivo-pragmático, notadamente como a de marcador”. (OLIVEIRA, 2012, p. 50).

Oliveira (2012) analisa os dados do *Corpus Discurso & Gramática*, de língua escrita e textos da internet, como *blogues*. Segundo a pesquisadora, essas fontes têm em comum o que ela denomina “alto nível de informalidade e coloquialismo, embora constituam tipologias textuais distintas” (OLIVEIRA, 2012, p. 50).

A autora, com esse material, afirma que a equivalência de registro é o que permite abordar essas fontes de forma mais global e diz que a análise desses textos possibilita o uso de fontes sincrônicas, com um viés analítico que permite definir ou apontar níveis de gramaticalidade dos padrões referidos, e não propriamente de gramaticalização, uma vez que, segundo a autora, por não dispor de dados empíricos atestadores da unidirecionalidade dos objetos pesquisados, uma hipótese a ser considerada é que “[...] o Padrão I é mais referencial, atinente ao âmbito lexical, enquanto os padrões II e III, respectivamente, constituem usos situados em pontos mais avançados do *continuum* gramatical” (OLIVEIRA, 2012, p. 50).

Dito isso, a pesquisadora divide seu estudo em quatro seções, prevalecendo o olhar nos constituintes envolvidos no uso linguístico, tendo como objetivo detectar as trajetórias de

gramaticalização de um ou outro constituinte que, segundo a autora, perde cada vez mais espaço e razão de ser para abordagens que se voltam para os contextos de uso e considerações de encadeamentos de constituintes em níveis distintos. Para realizar seu estudo, Oliveira (2012) apresenta o quadro teórico fundamentado no Funcionalismo de vertente norte-americana, ancorado a subsídios cognitivos e, com foco voltado na abordagem construcional, Oliveira (2012) apresenta os resultados da pesquisa desenvolvida no Grupo de Estudo Discursivo & Gramática-UFF.

Segundo Oliveira (2012) gramaticalização pressupõe construcionalização, ou seja, a autora afirma que a mudança linguística passa pela criação e convencionalização de padrões de uso, de constituintes altamente vinculados, em que pressões analógicas e relações associativas se destacam, assumindo assim, uma concepção de gramaticalização, que, segundo a pesquisadora, é atualmente defendida por autores como Bybee (2010), Traugott (2008), Brinton e Traugott (2006), entre outros. Ainda de acordo com Oliveira (2012), esses autores, entendem que as funções pragmático-discursivas são integrantes da trajetória de gramaticalização, como pontos mais avançados desta escala. Desse modo, Oliveira (2012) afirma que, as mudanças linguísticas decorrentes de monitoramento textual e interacional, como as derivadas dos marcadores discursivos, são vistas como fenômenos de gramaticalização, situadas em ponto mais avançado nesta trajetória.

Para sistematizar seu estudo, a partir de dados extraídos de textos falado do *Corpus D&G*, Oliveira (2012) afirma que, “[...] o padrão SN loc é um tipo de encadeamento resultante do uso do locativo posposto a SN” (OLIVEIRA, 2012, p. 52). Para demonstrar tal afirmação, a autora apresenta os seguintes fragmentos:

(71) Eu passei na roleta do ônibus...botei o dinheiro aqui...

(72) A sala tem quatro portas... dois/ duas janelas... aí tem... tem meu/ minha estantezinha lá...com o som...

Sendo assim, como dêitico, conforme o fragmento (71), ou como fórico, de acordo conforme fragmento (72), trata-se de uma ordenação marcada do pronome locativo.

Portanto, segundo a autora, o uso do locativo posposto aos SNs *o dinheiro* e *minha estantezinha*, em que o pronome, mesmo afastado, ainda pode ser associado às formas verbais *botei* e *tem*, nos permite considerar que são expressões menos vinculadas do ponto vista semântico-sintático. De acordo com Oliveira (2012) poderíamos, inclusive, reordená-las, como nas formações *botei aqui o dinheiro* ou *tem lá uma estantezinha*, além de promover inserções

entre seus constituintes, tal como *botei o dinheiro achado aqui* ou *ainda tem minha estantezinha de mogno lá*, por exemplo.

Quanto ao segundo padrão proposto, Oliveira (2012) hipotetiza a motivação por pressões metonímicas, em que loc e Vb são reanalisados, situando-se “[...] a meio-caminho do léxico e da gramática, no sentido de que o locativo, em posição inicial em relação ao verbo, ainda preserva, via de regra, sua função fórica, seu papel textual típico, conforme destaca Rocha (2011)”. (Oliveira, 2012, p. 54)

A autora observou que o segundo constituinte, ou seja, o elemento verbal, encontra-se abstratizado nesse tipo de encadeamento, perdendo conteúdos referenciais e marcas flexionais de modo-tempo e número-pessoa, características próprias dessa classe verbal.

Oliveira (2012) afirma que o terceiro padrão Vb loc, corresponde à ordenação mais regular e não-marcada dos pronomes locativos do português contemporâneo. Segundo a autora, essa tendência fixou-se na língua a partir do século XIX. Nesse viés, hipotetiza que o padrão III seja mais recente em relação ao padrão II. Para demonstrar, traz os seguintes exemplos:

(73) Nós conhecemos a ilha hoje à tarde, pelas mãos do próprio Jean-Paul, no INFOLAB, numa telona full HD de 52 polegadas, e babamos. Vá lá e comprove. (Blogue de Sandra Carvalho, site da Info Abril)

(74) Por isso, não admito a indiferença. Eu jogo tranca com a mãe da diretora da loja. Ela sempre me diz: “Vamos lá que eu te apresento uma vendedora e você vai ser tratada feito rainha”. Mas é exatamente isso que me irrita: precisar que alguém saiba meu sobrenome para me tratar bem. (Reportagem de Daniela Pinheiro, revista Veja, ed. de 1657 de 12/07/2000).

Diante das análises feitas, Oliveira (2012) conclui que os padrões construcionais em torno dos locativos permitem constatar algumas evidências. A primeira refere-se à gradiência e à prototypicalidade, pois, segundo a estudiosa, uma vez que os padrões investigados situam-se em cline de veiculação semântico-sintática vão desempenhar um papel diversificado, ou seja, o padrão I Padrão I (SN loc) atua no nível lexical, enquanto o Padrão II (loc Vb) no nível sintático, e o Padrão III (Vb loc) é o mais avançado em termos de gramaticalidade, cumprindo propósitos comunicativos fora do nível estritamente gramatical. A segunda evidência está relacionada ao papel das relações associativas, no âmbito metonímico, e das pressões de natureza pragmático-comunicativa para a deflagração da polissemia e de distintos usos linguísticos.

Oliveira, em 2014, tendo como objetivo fazer um levantamento e análise interpretativa

do uso dos pronomes locativos *ai, aqui, lá e cá* e seus aglutinados *daqui, dali e daí*, produz em parceria com Santos (2014), o texto “Tendências de uso de pronomes locativos na língua portuguesa dos séculos XVIII ao XIX”. Nesse texto, os autores selecionam seis textos de opinião, dois de cada século pesquisado. Segundo as autoras, os referidos textos pesquisados foram escritos para a burguesia da sociedade europeia e brasileira ou para membros europeus da elite palaciana dos séculos VIII ao XX.

De acordo com as partículas observadas, essas obras refletem, pelo uso da linguagem formal, ao que elas denomina de “estrutura organizacional do momento histórico em que são produzidas”. Oliveira e Santos (2014) fazem uma análise de pronomes locativos em textos de Língua Portuguesa, tendo como base a linguística centrada no uso (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; BYBEE, 2010).

Para realizar seu estudo, Oliveira e Santos (2014) investigaram as tendências de uso dos locativos tomando como base quatro fatores: sintático, relativo à ordenação do locativo face ao elemento verbal na cláusula; semântico, atinente ao sentido expresso pelo locativo; textual, concorrente ao tipo de foricidade instanciada; e cognitivo, referente ao frame que o locativo compõe na cláusula. Segundo as autoras, são esses fatores que apontam as mudanças linguísticas devido a alteração na ordem dos locativos na posição de pré para pós-verbal ao longo dos séculos pesquisados. Nesta seção, não mencionaremos os aglutinados *daqui, dali e daí* por não fazerem parte do nosso objeto de estudo.

Sendo os advérbios uma categoria heterogênea, Oliveira e Santos (2014), ao proporem um estudo sobre os advérbios, apontam hipóteses tais como: que, do século XVIII para XIX, ocorre mudança na ordenação de advérbios do português, pois, segundo as autoras, no começo do século XVIII, esses mesmos elementos tendiam à posição pré-verbal, diferentemente da ordenação do português contemporâneo, que é do tipo pós-verbal. Segundo elas, os pronomes locativos prototípicos tendem à posição pré-verbal no século XVIII. De acordo com as palavras das autoras

[...] os padrões de uso dos locativos caracterizam-se também por aspectos discursivos específicos, relacionados ao gênero opinativo, notadamente os relativos à semântica, à foricidade e à cognição (OLIVEIRA; SANTOS, 2014, p. 23).

Dito isso, as autoras afirmam que devido às características do gênero opinativo, a circunstância discursiva influencia o uso dos locativos com sentidos menos prototípicos, e, sendo assim, deflagram o processo de gramaticalização. Dentre as tendências verificadas, a

autora traz a ordenação pós-verbal para os locativos em seu uso efetivo uso, ou seja, uso adverbial e o o uso do *aqui* e *ali*, o que segundo ela, disponibiliza *aí* e *lá* para o cumprimento de outras funções gramaticais.

Segundo as autoras, no decorrer do século XIX, é possível observar um equilíbrio na distribuição entre as posições pré e pós-verbal e, nos dados do século XX, constata-se a mesma tendência à variabilidade. Para demonstrar tal afirmação, as pesquisadoras trazem os seguintes trechos:

(75) É um retrato ou uma phantasia? Não sei. O que é certo é que não ha ahi ou se ha não se percebe, concepção esthetica. (Segundo livro de crítica: arte e litteratura portugueza d'hoje, p. 19).

(76) Um português que é só português não é português'. Sob a fórmula paradoxal, Pessoa, aqui, como em muitos outros domínios, ecoa uma caracteriologia célebre de Oliveira Martins. (Nós e a europa: ou as duas razões, p. 14).

Sendo assim, Oliveira e Santos (2014) demonstram que em (75) e (76), os locativos *ahi* e *aqui*, respectivamente, ilustram as posições P3 (pós-verbal) e P2 (pré-verbal). Usados como o que ela denomina de sentido mais abstrato e, ainda de acordo com as autoras, por conta de fatores de ordem textual discursiva, os dois fragmentos exemplificam a variabilidade posicional desses constituintes.

Quanto aos fatores semânticos, Oliveira e Santos (2014) afirmam que, para dar conta do sentido articulado pelos pronomes locativos, é necessário observar sua polissemia através do cline espaço>tempo>texto. Por assim considerar, as autoras classificam os dados em dois grupos. O primeiro diz respeito à referenciação física e divide-se em concreto e abstrato. O sentido físico concreto diz respeito ao espaço visível, a exemplo de cidade, sala ou país. O sentido físico abstrato é o que a autora define como concernente à falta de delimitação concreta, ou seja, numa espécie designar um ambiente mais virtual, como documentos, cartas ou sonhos. Após dizerem isso, logo em seguida, as autoras ilustram ambos os tipos de sentido físicos classificados:

(77) Assinaladas e postas de parte certas crenças ainda cheias de fé, esse amor ainda santificado, o que resta? Os mercadores entraram no templo e *lá* foram pendurar as suas alfaias de fancaria. São os jesuítas da arte; (...) (Críticas, p. 40).

(78) Nem pessoa alguma faz caso disto. Somente se pratica escrever de próprio punho

quando é primeira carta de cerimônia a pessoa grande, ou quando respondo a quem escreve de próprio punho, ou noutros casos assim. Mas, *aqui*, seria, um caso reservado praticar o contrário. (Verdadeiro método de estudar, p. 42).

Sendo assim, Oliveira e Santos (2014) demonstram-nos que é possível observar que em (77), “[...] o locativo lá, ordenado em P1, retoma o nome concreto templo, numa sequência de base tipológica narrativa”(OLIVEIRA; SANTOS, 2014, p. 30). Já no fragmento (78), as autoras afirmam que “[...]o pronome aqui, em sequência expositiva, se refere a um tipo de espaço discursivo-textual, a uma carta, razão pela qual é classificado por nós como físico virtual” (OLIVEIRA; SANTOS, 2014, p. 30).

Segundo Oliveira e Santos (2014), o segundo grupo semântico se relaciona à referência abstrata e, igualmente ao grupo anterior, é formado por dois subconjuntos: temporal e textual. Para as autoras,

[...] o primeiro expressa ideia de tempo, de acordo com a concepção localista, segundo a qual tempo é derivação de espaço. O segundo subconjunto, o textual, por sua vez, articula sentidos lógicos, funcionando como estratégia coesiva entre elementos do discurso [...] (OLIVEIRA; SANTOS, 2014, p. 30).

Ainda de acordo com as autoras, no que se refere aos fatores fóricos, as relações que os locativos estabelecem com os demais elementos textuais podem ser de natureza endofórica (anafórica ou catafórica) ou exofórica. Os exemplos a seguir ilustram essas relações fóricas dos locativos respectivamente:

(79) (...), depois dragão, depois beldade, para afinal tornar-se o pródigo Vígilio de Colombo, levando-o ao Inferno, para de *lá* mostrar-lhe eruditamente as idades pré-históricas, (...). (Formação da Literatura Brasileira, p. 72).

(80) A partir *daí*, de 1850, digamos, as diferentes coroas de Magalhães começam a vacilar e perder prestígio, ante a pura grinalda do cantor d’ Os Timbiras: (Formação da Literatura Brasileira, p. 56).

Em (79), de acordo com as autoras, o elemento destacado retoma a palavra inferno, mencionada anteriormente. Em (80), o aglutinado *daí* se refere ao ano de 1850, citado posteriormente.

Quanto aos fatores cognitivos, Oliveira e Santos (2014) abordam o locativo a partir do

frame. Para as pesquisadoras, o significado dos constituintes linguísticos depende do frame no qual estão inseridos. Para elas, isso tem a ver com a situação comunicativa na qual é produzida a interação. Dessa forma, de acordo com as autoras, a interpretação de uma determinada palavra

[...] necessita do acesso às estruturas de conhecimento que relacionam elementos e entidades atinentes a cenas de experiência humana, considerando-se as bases físicas e culturais dessa experiência [...] (OLIVEIRA; SANTOS, 2014, p. 35).

Para demonstrar a análise dos fatores cognitivos, as autoras verificam, no âmbito da oração, se a relação entre os participantes (sujeito e objeto), o locativo e o verbo formam ou não um frame de base locativa e, para isso, analisa se a predicação verbal e seus argumentos articulam um tipo de enquadramento no qual o espaço físico, mais concreto, prevalece. Para ilustrar, o que foi observado, apresentam os seguintes exemplos:

(81) Os vícios *lá* parece que dependem da fortuna; porque as ilusões que os homens idolatram, não têm igual estimação em toda a parte (Reflexão sobre as vaidades dos homens, p. 77).

(82) (...), realizada pelos artistas que vão à Itália estudar-nos ou com os grandes mestres e pelos que do norte veem viajar ou estabelecer-se aqui (Segundo livro de crítica: arte e litteratura portugueza d'hoje, VIII Um parenthesis – no. 59 – 3º. Parágrafo).

No trecho (81) Oliveira e Santos (2014) demonstram que o locativo *lá* integra uma oração de frame não-espacial, pois, segundo as pesquisadoras, “[...] além de estabelecer relação com o verbo cognitivo parecer, se relaciona com sujeito não-agentivo e não-humano, indicado nesse exemplo pelo sintagma os vícios; trata-se de uma sequência de opinião, altamente abstrata [...]” (OLIVEIRA; SANTOS, 2014, p. 36). Já no exemplo (82), as autoras observam que o locativo *aqui* articula relação espacial e compõe a oração que tem sujeito agentivo e humano (os artistas) além do predicado verbal em torno de estabelecer, em sentido físico concreto.

Após esse estudo realizado por Oliveira e Santos (2014), no texto “Padrões de uso do locativo *aí* no português escrito do século XVIII ao XX”, Oliveira e Barcelos (2016) descrevem e analisam os padrões de uso, em termos de sentido e de ordenação, do locativo *aí* em dramaturgias dos séculos XVIII ao XX. Segundo os estudiosos, devido à alta frequência com que é utilizado, e também da sua mudança categorial de advérbio para conector, detectada em diversos contextos, a análise interpretativa dos padrões funcionais, marcam o uso dos pronomes

locativos *aí*, *ali*, *aqui*, *cá* e *lá* em textos de peças teatrais de Língua Portuguesa dos séculos XVIII ao XX. No estudo realizado, os estudiosos voltam-se especificamente para o estudo da partícula *aí*, no qual denominam de contexto pragmático-discursivo também específico, as peças teatrais. Para realizarem o estudo, os autores lançam mão dos pressupostos teóricos funcionalistas (BYBEE, 2010; HEINE; CRISTEVA; 2017; TRAUGOTT; DASHER, 2005)

Oliveira e Barcelos (2016) tomam como hipóteses que o uso do locativo *aí* tende a se posicionar no pós-verbal no português contemporâneo, principalmente na função prototípica do advérbio e como conector, *aí*, em início de oração, guarda resquício da ordenação mais antiga dos advérbios da história do português, a pré-verbal, além dos padrões de uso de *aí* em relação ao contexto discursivo em que é articulado que concorre para as tendências de sua referenciação e enquadramento (ou frame).

Estabelecida a hipótese, os autores escolhem para análise os textos do gênero dramaturgia, pois segundo eles, tais textos possuem traços específicos que o marcam e motivam a seleção e o uso de categorias gramaticais mais específicas, pois, de acordo com os estudiosos, textos dramaturgicos tendem à articulação de referência física concreta, e com uso de referência exofórica ou dêitica, em torno de cláusulas frame espacial. Ao observarem os textos, em termos de registro, Oliveira e Barcellos (2016) detectam usos tanto formais como informais. Os informais são usados, principalmente, no discurso direto de personagens populares e, assim, o uso do *aí* como conector tende a ser motivados nos ambientes discursivos mais informais das peças teatrais.

Para demonstrar os resultados da partícula *aí*, os autores tomam como base textos representativos da dramaturgia portuguesa e brasileira, textos estes, cômicos e tragicômicos escritos com a finalidade de serem encenados por atores que representam situações reais. Sendo assim, selecionam oito peças populares e contemplam, para sua análise, quatro fatores que foram aplicados a todos os dados indistintamente, sem levarem em conta a funcionalidade mais específica de *aí*, se advérbio ou conector. O primeiro fator analisado refere-se, à ordenação dos locativos em relação ao verbo, para testar se, de fato, do século XVIII ao século XX, os pronomes adverbiais exibiam maior tendência ao posicionamento pós-verbal.

Em termos de ordenação, Oliveira e Barcellos (2016) classificaram os dados em análise em cinco posições: três pré-verbais (P1, P2 e P3) e duas pós-verbais (P4 e P5). Em seguida, apresentam e ilustram, com dados dos *corpora*, as cinco ordenações trabalhadas; destacando que X é um constituinte ou grupo de constituintes inserido entre o advérbio e o verbo, ou vice-versa como nos exemplos trazidos pelos autores:

(83) P1: sujeito + advérbio + verbo (1) Elles ahi vêm: entra depressa, esconde-te. (FVM, p.06 / séc. XIX) b) P2: advérbio + verbo (2) Mas espera; olha, ahi vem a senhora D. Amalia (FVM, p. 03 / séc. XIX) c) P3: advérbio + X + verbo (3) Isso aí tudo era eu que tinha de falar... (RG, p. 25 / séc. XX) d) P4: verbo + advérbio (4) D. CLÓRIS – Põe aí [no colo] cinquenta molhos (GAM, p 57 / séc. XVIII) e) P5: verbo + X + advérbio (5) Deu vontade de passar uma vassoura por aí, arrumar tudo, dá um banho nele. (RG, p.88 / séc. XX)

O segundo fator analisado pelos estudiosos é sobre a dimensão semântica. Eles verificam que a polissemia dos pronomes locativos, com base na trajetória de derivação espaço > tempo > texto. Assim, classificam os dados em análise em quatro grupos: o físico concreto (FC) refere-se ao espaço delimitado que, segundo eles, pode apontar ou dar medidas exatas, como a localização debaixo da janela da cozinha como nos seguintes exemplos trazidos pelos estudiosos:

(84) Fagundes: Pois espere-me aí [debaixo da janela da cozinha], que eu lhe direi o que há na matéria. (GAM, p. 07 / séc. XVIII)

(85) OSWALDINHO – Vou arranjar um aumento aí pra você. Já sei. Meu assessor. (ANR, p. 485 / séc. XX)

Em (84), ao contrário do físico virtual (FV), em que o espaço é menos delimitado, por ser mais indefinido, conforme se observa em (85). No abstrato temporal (Atp) os autores pontuam que refere-se ao sentido mais polissêmico do advérbio, transitando já da referência locativa para a de tempo. E abstrato textual (ATx) é o que eles definem como a comprovação da mudança categorial, quando o advérbio deixa de ser um circunstanciador para assumir função conectiva. Dito isso, apresentam os seguintes trechos para ilustrarem os conjuntos referidos:

(86) Porque foi aí – logo depois da minha maior perda – que eu tive a ideia luminosa. (RG, p. 33 / séc. XX)

(87) FLORÊNCIA — E aí encontraste-me banhada em lágrimas. (Nov, p. / séc. XIX)

Nas palavras dos autores, e observando os exemplos apresentados, eles identificam que, em (86), o item locativo, relacionado ao sintagma adverbial *logo depois*, estabelece um marco temporal que delimita o ponto em que a personagem teve a ideia. Já em (87) o grau de

abstratização é maior, uma vez que o constituinte *aí*, por conta do trecho em que é articulado, admite a leitura como elemento de conexão sequencial, principalmente por vir seguido da conjunção aditiva *e*.

Há, ainda, segundo Oliveira e Barcellos (2016), a categoria intermediária (CI), que, de acordo com eles, representa outro fator relevante. Essa categoria diz respeito à presença de alguns advérbios que oscilam entre o Físico concreto e o Físico virtual, ou do Físico virtual para o Abstrato textual conforme detectam no seguinte exemplo:

(88) MÃE – (agressiva) Então vou entregar o caso à polícia. Aí quero ver. (VN, p. 385 / séc. XX)

Segundo os estudiosos, o uso de *aí* em (88) não fica bem delimitado no contexto da obra, o que de acordo com eles, enseja dúvida no momento de definirmos a referenciação. Portanto, para os pesquisadores, não fica claro se o advérbio faz referência a um local vago, ao momento da fala ou se é um sequenciador. Sendo assim, interpretam a ambiguidade funcional da CI como consequente da atuação da inferência sugerida, como referida na seção anterior, como polissemia resultante de pressões no plano metonímico.

O terceiro fator apresentado por Oliveira e Barcellos (2016) é o fator que classifica o locativo em exofóricos (Exo) ou endofóricos. No segundo caso, verifica-se, ainda, se o locativo registra conexão anafórica (Ana) ou catafórica (Cata). Dito isso, os autores trazem os seguintes exemplos para ilustrar tais conexões na ordem que eles apresentam no texto:

(89) Dr. J.B. – (...) Venha cá, minha filha, vem cá. Senta aí... (VPH, p. 452 / séc. XX)

(90) aquella alcôva... e tem uma porta que dá direita na escada... Elles ahi vêm: entra depressa, esconde-te. (Nov, p. 06 / séc. XIX)

(91) Tiburcio. Anda para alli ladrão, senta-te ahi nesse banco. (Senta-se a escrever). (GAM, p. 22 / séc. XVIII)

O quarto e último fator apresentado por Oliveira e Barcellos (2016) tem, segundo eles, fundamento cognitivo, pois, de acordo com os autores, uma vez que classifica o frame em que o locativo *aí* é usado. Para demonstrar a investigação desse fator, os autores ampliam a análise para toda a oração, levam em conta a sequência tipológica e a cena comunicativa. Segundo eles:

[...] no caso do locativo em destaque, quanto mais essa cena tem a ver com

uma situação espacial e física, menos favorecedora à gramaticalização, uma vez que o enquadre espacial favorece a articulação do sentido espacial e da função circunstanciadora de *aí*. (OLIVEIRA; BARCELOS, 2016, p.5).

Dessa forma, classificam o locativo em espacial (Esp) ou não-espacial (Não-esp), conforme registrados nos exemplos trazidos por eles (92) e (93)

(92) MÃE – Você ainda está *aí* [no quarto]? Todo mundo já desceu! (VN, p.375 /séc.XX)

(93) D. LAURA –(maliciosa) Qual o quê! Está *aí*, não acredito! Tão moça, tão cheia de vida (VN, p. 374 / séc. XX)

Em (92), os estudiosos mostram o locativo *aí* tem sentido espacial pela referência a *no quarto* e pelo tipo de verbo *está* que indica permanência em um determinado lugar. Contudo, afirmam que diferente funcionalidade tem-se em (93), em que *aí* se encontra integrado ao verbo *estar*, que tem outro valor, indicando certa ênfase na afirmação dita anteriormente.

Os autores pontuam que, na investigação desse fator, eles ampliaram a análise para toda a oração, levando em conta ainda a sequência tipológica e a cena comunicativa. No caso do locativo em destaque, Oliveira e Barcelos (2016) notam que, quanto mais essa cena tem a ver com uma situação espacial e física, menos favorecedora à gramaticalização, uma vez que o enquadre espacial favorece a articulação do sentido espacial e da função circunstanciadora de *aí*.

Além dessas publicações realizadas por Oliveira (2012), Oliveira; Santos (2014) e Oliveira; Barcelos (2016) trazidas por nós, nesta seção selecionamos, ainda, três dissertações, nas quais os advérbios foram analisados à luz do Funcionalismo, a saber: Nogueira (2007), Maciel (2013) e Xavier (2017).

Nogueira (2007), em sua dissertação “Valores e funções dos advérbios locativos no português popular brasileiro”, analisa, de um ponto vista sincrônico e quantitativo, as funções que os locativos *aqui*, *aí*, *ali* e *lá* exercem na oração e no texto, buscando identificar os possíveis contextos que favoreçam o aparecimento destes termos ora como argumento, ora como satélites de EsCo. (Ação, Posição, Estado e Processo).

A principal questão analisada pela pesquisadora foi a da função sintática dos advérbios locativos, ou seja, saber se seriam sempre adjuntos, como algumas Gramáticas Tradicionais (GT) acreditam, ou se poderiam exercer a função de argumentos de predicado, como alguns estudos já apontam.

Definido seu objeto de estudo, Nogueira (2007) utiliza como suporte teórico

pressupostos teórico-metodológicos da Gramática Funcional de DIK (1989) e da Sociolinguística Variacionista para realizar seu estudo e, para isso, utiliza como *corpora* o Projeto Filologia Bandeirante, Banco de Dados do Português Popular Falado na Cidade de São Paulo.

Nogueira (2007) verificou que os locativos aqui, aí, ali e lá podem exercer tanto a função de argumento como a função de satélite em uma oração e, segundo a pesquisadora, apesar de os locativos apresentarem grande mobilidade na oração, foi observado que, quando eles assumem a função de argumento, tendem a permanecer após o verbo, ao contrário de, quando possuem a função de satélite, que apresentam um comportamento mais livre.

O autor afirma ainda que o plano narrativo favorece o aparecimento de locativos com a função de satélites, já que esses estão relacionados aos EsCos de Ação e Processo e esses EsCos apresentam verbos mais dinâmicos, enquanto os locativos com função de argumento estão mais concentrados no plano Comentário, que favorece o aparecimento de EsCos de Posição e Estado, que são menos dinâmicos.

Realizadas essas considerações, Nogueira (2007) conclui, em sua pesquisa, que os locativos adverbiais não podem ser apenas considerados como meros acessórios em uma oração, pois, segundo a pesquisadora, as funções dos locativos adverbiais vão além e, assim, eles podem ser argumentos de predicado, enquanto dêíticos, e também conector de texto, como é o caso do locativo aí, quando não é um locativo prototípico. A autora constata, ainda, em seus resultados, que o locativo aí, quando está na posição inicial, aparece com muita frequência com a função de conector de texto ou marcador discursivo.

Maciel (2013), em sua dissertação, “Advérbios Temporais: Descrição e análise do comportamento sintático e semântico nos Jornais A Tarde da Bahia e O Globo do Rio de Janeiro”, após realizar uma apresentação do tema por meio de gramáticas de orientação normativa, toma, como suporte teórico, pressupostos da corrente funcionalista para analisar o gênero notícia, nos *corpora* dos jornais A TARDE e O GLOBO. Segundo a pesquisadora, por esses *corpora* apresentarem o uso real de língua, é possível ampliar as prescrições tradicionais sobre as classes dos advérbios e pesquisar aspectos sintáticos e semânticos que envolvem os usos dos advérbios de tempo em jornais veiculados em duas regiões diferentes do Brasil.

A pesquisadora afirma, ainda, que, por serem limitadas as prescrições gramaticais que contemplam esse tipo de advérbio, é necessário investigar em que posições sintáticas os advérbios temporais são licenciados, além de analisar a influência de fatores linguísticos na sua ordenação a fim de constatar se há ou não diferenças de usos quanto à ordem dos advérbios nos dois jornais, pois, segundo a pesquisadora, por se tratar de um uso real de língua é possível

demonstrar peculiaridades que caracterizam o comportamento do advérbio temporal.

Motivada por essa investigação, Maciel (2013) norteou sua pesquisa tendo como objetivo descobrir (1) se, em posição pré ou pós-verbal, o advérbio modificaria o verbo, (2) que tipo de modificação ocorre nas sentenças, (3) se o advérbio que ocorre no início ou meio de uma sentença tem o mesmo estatuto de um advérbio que ocorre no final, (4) se um advérbio simples tem o mesmo comportamento de uma locução adverbial e (5), por fim, se todo e qualquer advérbio de tempo denota apenas um tipo de circunstância temporal.

Nessa perspectiva, Maciel (2013) hipotetiza que:

[...] os advérbios temporais devem se posicionar variavelmente em diferentes lugares de uma sentença, devendo ocorrer, preferencialmente, nas posições periféricas, às margens das sentenças, uma vez que eles não têm a propriedade exata de modificar, mas apenas indicar circunstâncias temporais específicas; que as posições dos advérbios não são determinadas aleatoriamente, e sim influenciadas por fatores como: forma do advérbio, tempo do verbo e função semântica do advérbio (MACIEL, 2013, p. 15).

Para realização da sua pesquisa, Maciel (2013) faz um levantamento em que considera apenas os advérbios temporais não-oracionais, constituídos por formas simples (uma só palavra) e composta (duas ou mais palavras, denominada tradicionalmente de locução adverbial), que dispunham de maior liberdade na sentença, mesmo estando posicionados em diferentes lugares e, assim, lança mão do critério da mobilidade. Segundo a pesquisadora, esse tipo de advérbio tem um comportamento sintático-semântico diferenciado e não modifica uma categoria em particular, como é, a rigor, definido pelas gramáticas normativas.

Maciel (2013) conclui sua análise afirmando que seu estudo nos possibilita compreender o funcionamento real do comportamento sintático e semântico do advérbio temporal e ratifica que o ensino dessa categoria gramatical deve ser revista e não deve ser pautado apenas nas definições apresentadas pelas gramáticas de orientação normativa. Ao findar seu estudo, a autora afirma que o advérbio temporal, ao contrário do que é preconizado, é um elemento com comportamento bastante heterogêneo e é determinado pelos usos efetivos que os falantes fazem dele nas práticas comunicativas em consonância ao que apresentamos, na seção “Tradição Linguística: análise dos locativos nas Gramáticas Descritivas”.

Xavier (2017), por sua vez, na dissertação “Uso de advérbios locativos em *leads* dos Jornais *Folha de São Paulo* e *A Tarde*: uma abordagem morfossintática e semântica”, tendo como suporte teórico estudos linguísticos de base funcionalista, a pesquisadora traçou como objetivo investigar propriedades morfossintáticas e semânticas que envolvem o uso prático de

advérbios locativos em *leads* dos Jornais *Folha de São Paulo* e *A Tarde*, a fim de demonstrar que, nas situações reais de uso, a classe gramatical advérbio, diferente do que propõe as gramáticas de orientação normativas, desempenham um comportamento multifuncional e, portanto, faz-se necessário um estudo das propriedades dos advérbios que envolvam tanto seu caráter morfossintático e semântico, como também sejam identificados se os locativos ocupam lugares fixos ou se são móveis na sentença. A partir disso, a pesquisadora, considerando, a mobilidade posicional, a composição morfológica e o aspecto semântico dos locativos, desenvolve a sua pesquisa.

Segundo Xavier (2017), a colocação de um determinado item linguístico (um advérbio locativo), a depender da posição sintática que ele ocupe em uma determinada sentença, não será aleatória, pois as regras (sejam aquelas prescritas ou não) variam e as estruturas linguísticas não são autônomas. As estruturas linguísticas, na verdade, são flexíveis, dinâmicas e satisfazem os interlocutores em suas práticas comunicativas, como preconiza o Funcionalismo, teoria abordada por nós na seção *Fundamentação Teórica*

Quanto ao estudo sobre a mobilidade posicional dos locativos, Xavier (2017) comprova que a mobilidade não é limitada nem aleatória. Segundo a pesquisadora, ao contrário do que é proposto, o advérbio pode ocorrer em diferentes lugares de uma sentença e essas posições são influenciadas por diversos fatores, tais como a intenção do falante e a função sintática que o advérbio locativo exerce na oração.

De acordo com os resultados obtidos em sua pesquisa, Xavier (2017) afirma que, na condição de adjunto adverbial, os locativos apresentam um comportamento mais livre, podendo ocorrer na posição medial (entre sujeito e predicado, entre verbo e complemento), bem como na posição inicial e final da sentença, e, ainda, na condição de adjunto adnominal.

Quanto à composição morfológica dos advérbios, Xavier (2017) registrou apenas advérbios formados por estruturas compostas, as chamadas locuções adverbiais. Entretanto, a pesquisadora afirma que esperava, inicialmente, também encontrar advérbios em sua forma simples, o que não se confirmou.

Quanto ao aspecto semântico, Xavier (2017) identificou três propriedades: (i) locativos que denotam espaço físico, (ii) locativos não físico e (iii) locativos que são ambíguos, denotando mais de um sentido.

Ao comparar os dois jornais, Xavier (2017) observou que, além de adjunto adverbial, os locativos desempenham outras funções não previstas pelas gramáticas de orientação normativa, como a de adjunto adnominal e de complemento verbal, demonstrando que o uso dos locativos pode ocorrer em diferentes lugares de uma sentença. Além disso, esses

posicionamentos influenciados pela função sintática que exercem na oração são utilizados em sua forma composta e apresentam nuances semânticas como a de espaço físico, não físico e ambíguo. Xavier (2017) verificou também diferenças de uso dos advérbios nos dois jornais, principalmente referentes ao fator traço semântico.

Com essas constatações, a pesquisadora conclui que os circunstanciais, especialmente, os locativos, não podem ser compreendidos como um termo acessório e desnecessário, mas devem ser considerados como uma classe gramatical que apresenta uma funcionalidade relacionada a fatores diversos e que o uso dessa classe gramatical é determinado pelos propósitos comunicativos dos interlocutores.

Ao findar esta seção sobre o uso dos advérbios, sobretudo os locativos, e as funções que eles ocupam em determinadas sentenças e em diferentes contextos, com base na teoria Funcionalista e Variacionista, a partir de então, iremos para a metodologia.

4 METODOLOGIA

Para contextualizar o nosso percurso e como realizaremos a análise, nesta seção apresentaremos a metodologia que norteou a pesquisa.

4.1 Introdução

Reconhecendo o quanto os procedimentos metodológicos são determinantes para o estudo da língua em uso, nesta seção, descreveremos os métodos e procedimentos adotados para o tratamento dos dados, retrataremos a comunidade linguística selecionada para a realização da dissertação; apresentaremos os *corpora*, elucidando questões referentes à amostra de pesquisa e também à variável dependente, as variáveis independentes linguísticas e variáveis independentes extralinguísticas; e, por fim, realizaremos os procedimentos de análise, em que descrevemos quais foram os métodos que viabilizaram a análise dos dados.

4.1.1 Procedimentos metodológicos

Baseando-nos em postulados da Sociolinguística Laboviana e da Teoria Funcionalista, e, com base na definição que as gramáticas aqui mencionadas trazem acerca dos advérbios, sobretudo os locativos, realizaremos uma análise que, tem por finalidade, descrever as variantes do Português Brasileiro, principalmente o Português falado, no que se refere à gramaticalização dos locativos *aí*, *lá*, *cá* e *aqui*.

4.1.2 Corpora

Ancorados nesses pressupostos e no intuito de descrever a variedade do Português Brasileiro (culto e popular) falado na cidade de Vitória da Conquista – BA, lançamos mão de dados retirados dos *corpora* do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo – CNPq (Grupo Janus), sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Valéria Viana Sousa e do Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva, em que os pesquisadores empreenderam, entre os anos de 2011 e 2015, o projeto de construção de dois *corpora* linguísticos, sendo eles: (i) o *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus* PCVC) e (ii) o *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC).

Esses *corpora* são formados por 48 (quarenta e oito) entrevistas, sendo 24 (vinte e quatro) entrevistas do *Corpus* PCVC, cujos falantes possuem 11 (onze) anos ou mais de escolaridade e 24 (vinte e quatro) entrevistas do *Corpus* PPVC, composto por informantes sem escolaridade ou que possuem até 5 (cinco) anos de escolaridade.

É preciso ressaltar que, visando excluir possíveis interferências de outros dialetos, para compor os *Corpora*, o grupo Janus fez a opção de que o banco de dados fosse composto apenas por informantes naturais de Vitória da Conquista e que esses informantes tivessem permanecido a maior parte das suas vidas nessa cidade.

Definido este critério, os pesquisadores gravaram 48 (quarenta e oito) entrevistas com informantes da cidade de Vitória da Conquista – BA. Desse número, em cada um dos *corpora*, 12 (doze) entrevistas correspondem a informantes do sexo masculino e 12 (doze) entrevistas correspondem a informantes do sexo feminino. Além dessas especificidades, ambos os *corpora* são estruturados de acordo com três faixas etárias: (a) faixa I, representando informantes jovens; (b) faixa II, informantes adultos; (c) faixa III, informantes com mais idade.

4.1.3 Entrevistas

Para a realização das entrevistas, os pesquisadores do grupo Janus, buscaram criar um ambiente tranquilo capaz de captar da forma mais natural possível as informações e realizações do vernáculo conquistense de acordo com estilo de vida e característica de cada informante. E, para isso, valeram-se de um roteiro de perguntas previamente estabelecido e da ficha social de identificação preenchida, que continham dados de registro (nome, filiação, endereço, data de nascimento etc.) e dados mais subjetivos (preferências, hábitos, religião etc.) dos informantes, a fim de, posteriormente, realizarem perguntas mais pessoais e suscitarem, assim, respostas com um nível adequado de subjetivas. As entrevistas do *corpora* duraram em torno de 60 (sessenta) minutos e foram feitas com o auxílio de um gravador e conduzidas pelos pesquisadores de maneira mais descontraída possível, na qual os entrevistadores fizeram perguntas instigantes, para que os informantes, além de se sentirem à vontade no momento da entrevista, sentissem-se motivados a responder sem se preocuparem com a presença do gravador e, assim, pudessem revelar, em sua fala, o vernáculo da comunidade de Vitória da Conquista – BA. Nas palavras de Labov (2008), momentos nos quais o informante se preocupasse mais com o que falava do que com a forma como falava.

Após a gravação das entrevistas, os pesquisadores, fizeram a transcrição, e, para a realização dessa etapa, adotaram a proposta da chave de transcrição elaborada pelo Grupo

Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia, liderado pelo Prof. Dr. Dante Lucchesi, para transcrever as entrevistas⁵

Para a elaboração da amostra que compõe esta Dissertação, as entrevistas foram retiradas, aleatoriamente, dos *corpora* PPVC E PCVC. Utilizamos 12 (doze) entrevistas de cada *Corpus* totalizando 24 (vinte e quatro) entrevistas analisadas. As amostras foram organizadas de acordo com sexo (masculino e feminino), faixa etária (faixa I – de 15 a 25 anos; faixa II de 26 anos a 49 anos; faixa III mais de 50 anos) e nível de escolaridade (com até cinco anos de escolaridade (*Corpus* PPVC) e mais de onze anos de escolaridade (*Corpus* PCVC), conforme mencionamos anteriormente).

Os quadros (2) e (3) apresentam a estratificação dos informantes por *Corpus*:

Quadro 2 – Informantes do Corpus do Português Culto de Vitória da Conquista

INFORMANTES	SEXO	FAIXA ETÁRIA
P.U.G.B.	Masculino	I
L.M.R.J.	Masculino	I
L.C.S.	Feminino	I
C.B.S.	Feminino	I
R.F.V.	Masculino	II
P.A.R.C.	Masculino	II
E.S.F.	Feminino	II
D.F.P.	Feminino	II
D.A.O.	Masculino	III
J.B.D.F.	Masculino	III
S.S.R.S.	Feminino	III
J.V.B.	Feminino	III

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Quadro 3 – Informantes do Corpus do Português Popular de Vitória da Conquista

INFORMANTES	SEXO	FAIXA ETÁRIA
E.P.S.	Masculino	I
M.S.S.	Masculino	I
G.N.B.	Feminino	I
S.J.S.	Feminino	I
W.S.O.	Masculino	II
J.C.S.	Masculino	II
C.D.S.	Feminino	II
E.S.P.	Feminino	II
E.J.R.	Masculino	III
A.R.A.	Masculino	III
M.C.A.O	Feminino	III

⁵www.vertentes.ufba.br/projeto/transcrição

INFORMANTES	SEXO	FAIXA ETÁRIA
E.L.C	Feminino	III

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

4.1.4 Coleta de dados

Para facilitar o acesso aos excertos em que o objeto de estudo encontrava-se após a seleção dos informantes nos dois *Corpora*, partimos para a coleta de dados e seleção das ocorrências em que os itens linguísticos *aí*, *lá*, *cá* e *aqui* aparecem nas entrevistas. Em seguida, todas as ocorrências foram organizadas e separadas em tabelas do Word, a fim de analisar quais destas partículas são mais produtivas no vernáculo conquistense e se os locativos *aí*, *lá*, *cá* e *aqui* são realizadas de acordo com o valor prototípico de advérbio de lugar, ou se sofrem gramaticalização por parte dos informantes na linguagem falada, entre outros objetivos.

4.1.5 Análise quantitativa

Após selecionadas as ocorrências, os dados foram submetidos à análise quantitativa, utilizando o programa *GoldVarb X*, programa estatístico que lida com regras variáveis que são estabelecidas por cálculos estatísticos. Por meio desse Programa, extraímos tendências e regularidades dos dados em análise.

Esclarecemos que os valores da quantidade de ocorrências e das variáveis serão apresentados em percentual, em função de termos lidado, nesta Dissertação, com variáveis enéarias e não com variáveis binárias, o que possibilitaria a apresentação de pesos relativos.

4.1.6 Variável dependente

Conforme preconiza a Sociolinguística Variacionista, a variação é a ocorrência de duas ou mais variantes que coexistem no sistema linguístico e com valor de verdade semelhante. Dessa maneira, variantes são formas intercambiáveis em um mesmo contexto, pois, embora a forma seja distinta, o significado (sentido) é mantido. (LABOV, 2008 [1972]; 1994; 2001).

No estudo aqui proposto, as variantes foram escolhidas para análise devido à observação das diversas formas de uso dos locativos na linguagem falada. Sendo assim, optamos por selecionar os itens *aí*, *lá*, *cá* e *aqui* e investigá-las em posição inicial (1), posição pré-verbal (2), posição pós-verbal (3), posição depois do objeto (4) no vernáculo da comunidade de Vitória da Conquista – BA. Hipoteticamente, pressupúnhamos que ambos os itens linguísticos apresentariam considerável produtividade em nossa amostra, mas que o locativo *aí* teria, na

atualidade, um uso mais recorrente na modalidade oral e acreditamos, ainda, que a troca de lugar na sentença, implicaria valores distintos para os locativos.

Portanto, é possível observar o caráter multifuncional que as partículas *aí*, *cá*, *lá* e *aqui* exercem na língua a partir dos lugares em que se encontram na sentença. Observemos:

(a) *Aí*:

(1) INF: **Aí** a firma começou falir eu saí fora (J.C.S. Faixa II. Masc. PPVC)

b) *Aqui*

(2) INF: Não. No bairro **aqui** tem dez anos que moro nele. (J.C.S. Faixa II. Masc. PPVC)

c) *Cá*:

(3) INF: é sério é gente! {risos} eu grito **cá** de casa (S.J.S. Faixa I. Fem. PPVC)

d) *Aqui*:

(4) INF: eu tenho que dá o osso **aqui** se se Deus quiser a hora até que for possível ele me leva é só. (E.J. R. Faixa III. Masc. PPVC)

4.2 Variáveis independentes linguísticas

Mollica (2008) apresenta de maneira sucinta a definição de variável independente, trazendo o seguinte excerto:

As variáveis independentes são grupos de fatores – linguísticos e sociais-que influenciam a realização do fenômeno estudado, contribuem para a escolha de uma variante em detrimento da outra e podem “[...] exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo a frequência de suas ocorrências. (MOLLICA, 2008, p.11)

A depender da ocorrência, o uso dos advérbios locativos no português falado sofre diversas modificações dependendo da posição em que aparecem na sentença. Dessa forma, a nossa variável dependente sofre influências linguísticas e extralinguísticas, conforme as variáveis que apresentamos a seguir.

Para a análise das variáveis linguísticas, consideramos: 1) a posição dos advérbios, 2) a função exercida pelos locativos (argumento e satélite).

4.2.1 A posição dos advérbios

Com relação à posição dos locativos, avaliaremos a ocorrência dos locativos em análise nas sentenças retiradas das entrevistas dos *Corpora* PPVC e PCVC, e hipotetizamos que, a depender da posição em que o advérbio locativo esteja colocado na oração, haja, na sentença, semanticamente, a influência do deslocamento de sentido exercido pelo advérbio e, sintaticamente, o exercício de uma outra função além da prototípica de lugar.

Hipotetizamos, ainda, que os advérbios em estudo sejam utilizados na posição inicial. Contudo, o *aí*, por atuar mais como conector textual, seja o mais recorrente nessa posição.

4.2.2 Posição Inicial

Quanto à posição inicial, é possível observar que, se um advérbio locativo aparecer no início de uma sentença, há uma tendência a exercer a função de conector textual como em:

(94) **Aí::** <**fui** pegando amizade, pegando inimidade> com as pessoa0 daqui:: **Aí fui** costumei + **Ai fui** pegar amizade, peguei + (ruído externo) comecei a brincar, brinquei mais as menina0, esconde-esconde + De:: De que mer0::mo? +bom, esqueci +brincar dequi tudo já brinquei já. (L.B.R. Faixa II Mas. PPVC)

4.2.3 Posição pré-verbal

É a posição em que o advérbio aparece imediatamente anterior ao verbo. Nesse contexto de uso, os advérbios locativos, a nosso ver, continuarão exercendo a função de conector textual.

(95) [...] eu fui mais [e], **aí vim** só com quatro ano, hoje to com 16 ano {init}. (L.B.R. Faixa II Mas. PPVC)

4.2.4 Posição pós-verbal

A posição depois do verbo é a posição em que o locativo ocorre imediatamente depois do predicado. Nessa posição, hipotetizamos que os advérbios em estudo ocupem a função prototípica de locativo.

(96) [...] Não, a metade **mora aqui** e a metade **mora lá**. (L.B.R. Faixa II Mas. PPVC)

4.2.5 Posição depois do objeto

A posição depois do objeto é a posição em que, em menor escala, o locativo exerce a função prototípica de lugar na sentença e, ao invés disso, faz referência ao objeto, colocando o objeto com um valor [+genérico]

(97) [...] meus pais não alcançou isso **aí** por intermédio dum tio que eu tinha... (E.J. R. Faixa III. Masc. PPVC)

4.2.6 Função

De acordo com a proposta de Dik (1989) a diferença entre as funções de argumento e satélite exercidas pelos advérbios é que o argumento refere-se aos termos exigidos por um predicado para que se obtenha uma informação completa, e o satélite, são os termos que não são exigidos pelo predicado e assim, podem ser retirados sem afetar a gramaticalidade da oração. Em outras palavras, satélites são termos opcionais, que, embora importantes na sentença para a *inter+ação* entre os falantes, podem ser retirados sem que haja maior prejuízo no conteúdo. Portanto, como argumento, os advérbios locativos exercem a função de complemento verbal e, na função de satélite, eles podem exercer a função de adjunto a exemplo da sentença (98) em que o locativo *aí* está exercendo a função de satélite e o locativo *lá* exercendo a função de argumento.

(98) Eu tenho muito pôco lazê. Normalmente nos finais de semana, eu viajo, vô pra zona rural, porque a gente tem uma casinha na zona rural e **aí** a gente vai pra **lá**. (E.S.F. PCVC Fem. Faixa II)

4.3 Variáveis independentes extralinguísticas

De acordo com a Teoria da Variação Linguística de Labov, é necessário levar em conta os aspectos sociais, visto que esses aspectos interferem diretamente na comunicação entre os indivíduos e, dessa forma, contribui na amplitude do inventário linguístico. Os principais fatores sociais que condicionam a variação são: (i) a escolaridade; (ii) o sexo; e (iii) faixa etária. Sendo assim, em nossa Dissertação, descreveremos as hipóteses de cada variante, passemos a elas:

4.3.1 *Escolaridade*

A escola tem sido considerada como meio de *inter+ação* social que mais influencia mudanças nos indivíduos e, portanto, contribui para análise da variável padrão, sendo assim, por vezes, indispensável o controle dessa variável nos estudos Sociolinguísticos no intuito de verificar e constatar que o nível de escolaridade interfere na variação e/ou mudança linguística.

Nesse estudo, foram estabelecidos dois níveis de escolarização:

a) Popular: composto por informantes sem escolarização ou com até 5 (cinco) anos de escolaridade;

b) Culto: composto por informantes com mais de 11 (onze) anos de escolaridade.

Como hipótese, estabelecemos que tanto os informantes do Português Popular quanto os informantes do Português Culto realizam com bastante frequência as partículas *ai*, *aqui*, *cá* e *lá*, no entanto essa realização é feita com valores diferentes do valor prototípico de lugar proposto pelas Gramáticas Tradicionais. Diante disso, hipotetizamos que os informantes cultos possuam um repertório linguístico mais ampliado e, assim, usem todas as partículas com o valor prototípico e com outros valores também.

4.3.2 *Sexo*

Segundo Paiva (2008), a posição social que homens e mulheres exercem na sociedade influenciam as diferenças linguísticas decorrentes da variável *sexo*.

Nessa perspectiva, verificamos esse postulado nos *Corpora* no que diz respeito à gramaticalização dos locativos a fim de investigar se o sexo dos informantes favorece ou não o uso dos locativos *aí*, *aqui*, *cá* e *lá* no vernáculo conquistense.

A nossa hipótese considera que a frequência de uso dos locativos seja recorrente nos informantes dos dois sexos, mas, ao lado disso, em função do reconhecimento do lado inovador presente nas mulheres com relação aos usos linguísticos não estigmatizados, conforme os pressupostos da Sociolinguística Laboviana, hipotetizamos que as mulheres realizem de forma mais frequente os advérbios em estudo com sentidos mais gramaticalizados e que os homens utilizem com os sentidos mais prototípicos.

4.3.3 *Faixa Etária*

Nos estudos da variação linguística, a correlação entre fenômeno e a *faixa etária* tem sido considerado como uma variável fundamental para que se perceba, do ponto de vista da

Sociolinguística, se se configura uma variável estável ou uma mudança em processo; e, do ponto de vista do Funcionalismo, se representa um fenômeno que está passando pelo processo da gramaticalização.

Nos *Corpora* analisados, os informantes estão estratificados em três faixas etárias:

- i. Faixa I: de 15 a 25 anos
- ii. Faixa II: de 26 a 50 anos
- iii. Faixa III: mais de 50 anos

Sendo assim, a hipótese da nossa discussão, é que, possivelmente, não há frequências discrepantes entre os informantes da faixa etária I, II e III, contudo, hipotetizamos que exista de forma discreta um uso mais significativo pela faixa etária I do advérbio em função satélite, sobretudo em início de sentenças e na posição após o objeto, em função da condição de maior liberdade em uso da língua na camada jovem.

5 GRAMATICALIZAÇÃO DOS LOCATIVOS AÍ, LÁ, AQUI E CÁ NO VERNÁCULO CONQUISTENSE: ANÁLISE DE DADOS

Na presente seção, apresentaremos os resultados da análise realizada sobre os locativos *aí*, *lá*, *aqui* e *cá* no *Corpus* Português Culto e no *Corpus* do Português Popular da cidade de Vitória da Conquista-Bahia. As ocorrências serão analisadas de acordo com os procedimentos adotados na seção anterior, *Metodologia*, seguindo as variáveis independentes linguísticas (*Posição do advérbio e a Função do advérbio*) e as variáveis independentes extralinguísticas (*Sexo, Faixa Etária e Grau de Escolaridade*).

Selecionamos 12 (doze) informantes do *Corpus* PCVC e 12 (doze) informantes do *Corpus* do PPVC, estratificados sexo masculino (12 informantes) e em sexo feminino (12 informantes), nas 3 faixas etárias (FE I, FE II, FEIII). Passemos a eles:

5.1 Variável dependente

Conforme a Sociolinguística, no campo da investigação, a observação da variável dependente é fundamental para os resultados da análise. Sendo assim, selecionamos, para nosso estudo, os itens *aí*, *lá*, *cá* e *aqui*.

5.1.1 Total de ocorrências dos advérbios locativos: *aí*, *lá*, *cá*, *aqui*

Nos *corpora* investigados, 24 (vinte e quatro) entrevistas, encontramos um total de 2255 (duas mil duzentas e cinquenta e cinco) ocorrências dos locativos *aí*, *lá*, *cá* e *aqui*, conforme demonstramos na Tabela 01:

Tabela 1 – Distribuição dos locativos nos Corpora PCVC e PPVC

Advérbios Locativos	Nº de Ocorrências PCVC e PPVC	%
Aí	1209	53,6%
Lá	711	31,5%
Aqui	320	14,2%
Cá	15	0,7%
TOTAL	2255	100%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Conforme demonstrado na Tabela 01, nos *Corpora* PCVC e PPVC foram localizadas, nas entrevistas, do locativo *aí*, 1209 (mil duzentas e nove) ocorrências (53,6%); do locativo *lá*, encontramos 711 (setecentas e onze) ocorrências (31,5%); do locativo *aqui*, 320 (trezentas e vinte) ocorrências (14,2%); e, por fim, para o locativo *cá*, ocorreram 15 (quinze) ocorrências (0,7%), com baixa produtividade

Desse total, 804 (oitocentos e quatro) ocorrências, foram realizadas pelos informantes do Português Culto e 1451 (mil quatrocentas e cinquenta e uma) ocorrências, foram realizadas pelos informantes do Português Popular, conforme mostramos na Tabela 2 e 3. Vejamos:

Tabela 2 – Distribuição de ocorrências dos locativos no Corpus PCVC

Advérbios Locativos	Nº de Ocorrências	%
<i>Aí</i>	399	49,6%
<i>Lá</i>	279	34,7%
<i>Aqui</i>	122	15,22%
<i>Cá</i>	04	0,5%
TOTAL	804	100%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Tabela 3 – Distribuição de ocorrências dos locativos no Coprus PPVC

Advérbios Locativos	Nº de Ocorrências	%
<i>Aí</i>	810	55,8%
<i>Lá</i>	432	29,8%
<i>Aqui</i>	198	13,6%
<i>Cá</i>	11	0,8%
TOTAL	1451	100%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Conforme hipotetizamos, os itens linguísticos em estudo, os locativos *aí*, *lá*, *aqui* foram bastante recorrentes em nossos *Corpora*, sobressaindo quantitativamente, o locativo *aí*. Contudo, o locativo *cá* foi pouco produtivo.

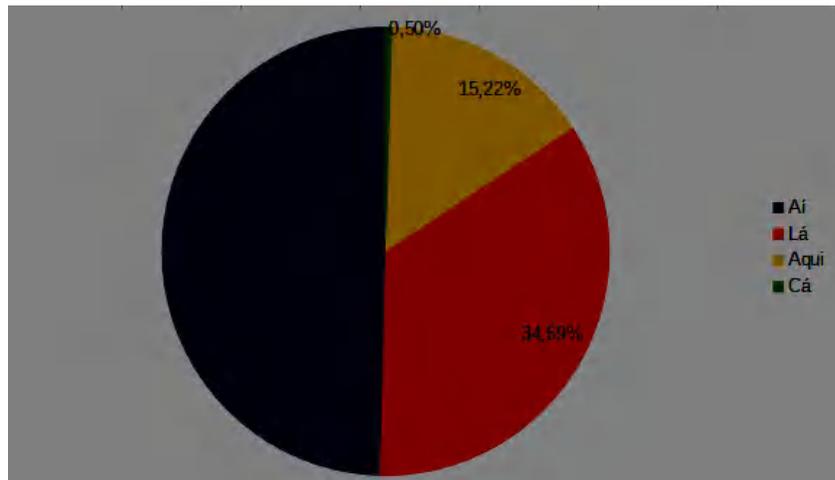
Encontrados esses dados, analisaremos, na sequência, os resultados obtidos em cada *Corpus* e, por fim, apresentaremos, com base nesses, as considerações da análise, e, assim, buscaremos, nessa apresentação, trazer quadros e, quando necessários, gráficos.

Observando a Tabela 02, é possível verificar a distribuição de cada locativo selecionado nas ocorrências dos 12 (doze) informantes cultos do *Corpus* PCVC. Nessa amostra, o locativo *aí* apresenta o maior número de ocorrências, 399/804 (49,6%); seguido do locativo *lá* com 279/804 (34,7%); que manteve o número de ocorrências bem acima ao locativo *aqui* 122/804

(15,22%); e, por fim, o locativo *cá*, que, nesse *Corpus*, foi pouco produtivo, sendo registrado em apenas 04/804 (0,5%) ocorrências.

Através do Gráfico 01, visualizaremos melhor a distribuição dos locativos no *Corpus* PCVC.

Gráfico 1 – Distribuição dos locativos no Corpus PCVC

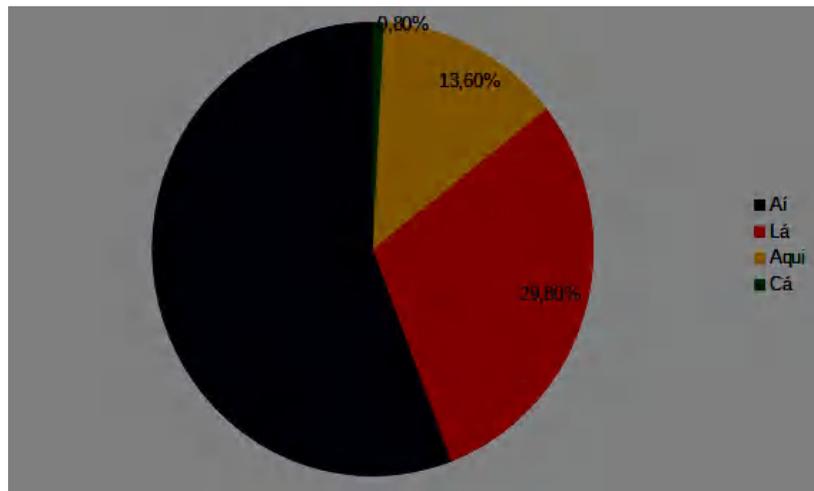


Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Ponderando o uso realizado pelos informantes do Português Popular nas 12 (doze) entrevistas analisadas, houve um total de 1451 (mil quatrocentas e cinquenta e uma) ocorrências com os advérbios locativos *aí*, *lá*, *aqui* e *cá*, conforme apresentamos na Tabela 03.

É possível verificar como aconteceu a distribuição de cada locativo nos informantes do *Corpus* PPVC e, assim, constatar a distribuição de cada locativo selecionado nas ocorrências. Nessa amostra, o locativo *aí* apresenta o maior número de ocorrências, 810/1451 (55,8%); seguido do locativo *lá* com 432/1451(29,8%); que manteve o número de ocorrências bem mais alto que o locativo *aqui* 198/1451 (13,6%); e, por fim, o locativo *cá*, que, nesse *corpus*, foi pouco produtivo, sendo registrado em apenas 11/1451 (0,8%) ocorrências. Através do Gráfico 02, visualizaremos melhor a distribuição dos locativos no *Corpus* PPVC:

Gráfico 2 – Distribuição dos locativos no Corpus PPVC



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Diante desses resultados, ainda preliminares, podemos constatar que:

- i. Os advérbios locativos são bastante produtivos nos *Corpora PCVC* e *PPVC*, obtivemos um total de 2255 (duas mil duzentas e cinquenta e cinco) ocorrências em 24 (vinte e quatro) entrevistas;
- ii. O locativo *aí* é o mais recorrente nos dois *Corpora* (*PCVC* e *PPVC*), apresentando (53,6 %) de uso dos locativos em análise. No *PCVC* registra (49,6%) e no *PPVC* (55,8%)
- iii. O locativo *lá*, com total de (31,5%), é sempre o mais recorrente após o *aí* nos dois *Corpora* analisados. No *PCVC*, registra (31,28%) e, no *PPVC*, (31,82%) das ocorrências;
- iv. O locativo *aqui* (14,2%) sempre aparece seguido com valores menores em termos de recorrência ao *lá* tanto no *corpus* do *PCVC* quanto no *corpus* do *PPVC*. No *PCVC*, houve (15,2%) e, no *PPVC*, (13,6%) de ocorrências;
- v. O locativo *cá* (0,7%), por sua vez, nas entrevistas analisadas, têm sido pouco produtivo nos *corpora* *PCVC* e *PPVC*, apresentando, no *Corpus PCVC*, (0,5%) e, no *PPVC*, (0,8%);
- vi. Diante do exposto nos itens (ii) a (vi), constatamos que a realização dos locativos é muito semelhante nos dois *corpora*, o que significa que há uma tendência de uso que, observando a frequência, segue a gradação *aí*>*aqui/lá*>*cá*.

Considerando os valores totais expostos, passemos, agora, à análise das variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas.

5.2 Variáveis Independentes Linguísticas

As variáveis independentes são grupos de fatores linguísticos e sociais que influenciam a realização dos itens estudados.

Apresentaremos, a seguir, as variáveis independentes linguísticas que foram selecionadas para a análise que empreendemos nesta Dissertação.

5.2.1 Posição dos advérbios locativos

Com relação à posição dos locativos, avaliaremos a ocorrência desses em análise nas sentenças retiradas das entrevistas dos *Corpora* PPVC e PCVC, conforme mencionamos anteriormente na seção Metodologia. Hipotetizamos que, a depender da posição em que o advérbio locativo esteja colocado na oração, (i) início da sentença, (ii) antes do verbo (posição pré-verbal), (iii) depois do verbo (posição pós-verbal) ou (iv) depois do objeto, haja, na sentença, semanticamente, a influência do deslocamento de sentido exercido pelo advérbio e, sintaticamente, o exercício de uma outra função além da prototípica de lugar.

5.2.1.1 Posição Inicial

O advérbio locativo, ao aparecer na posição inicial da oração, a rigor, apresenta duas funções, a de conector textual, como pode ser observado em (99), ou exercendo a função dêitica, como pode ser observado em (100). Perguntamo-nos qual é a função mais exercida pelo advérbio locativo nessa posição? Há uma correlação entre função exercida e determinado advérbio? E, para essas perguntas, hipotetizamos que todos os advérbios sejam utilizados nessa posição, contudo o *aí* seja o mais utilizado e, em nossos *corpora*, mais associado à função de conector textual.

Em nossos *corpora*, tivemos o total de 1069 (mil sessenta e nove) ocorrências de locativos ocupando a posição inicial, distribuídas da seguinte forma: 965 (novecentos e sessenta e cinco) locativos *aí*, 66 (sessenta e seis) locativos *lá*, 37 (trinta e sete) locativos *aquí*, e nenhum locativo *cá*. Observemos os exemplos (99) e (100):

(99) “...**aí** um chora querendo mamá, dá mamdeira **aí** o ôto pede: “Mãe, tô com fome”. **Aí** eu fico sem paciência mas ele gosta de ir... ele fica chorando, querendo ir quando falo que ele não vai **aí** ele fica chorando *{risos}*” (G.N.B. Faixa I Masc, PCVC)

(100) “...**Aqui...** **aqui** não, eu acho um lugar tão legal, apesar da... das coisas que se falam pelo... pelo... ao redor... ao redor da cidade etcétera e tal, que o bairro peri... eh... perigoso e coisas do gênero, mas eu não acho isso não, eu acho aqui tão tranquilo. Eu consigo viver aqui bem, a galera, pelo menos os vizinhos que eu tenho aqui são bons vizinhos, né, em dado momento, em dada medida.” (L.M.R.J. Faixa I Masc, PCVC)

No exemplo (99), podemos verificar que o locativo *aí*, ocupando o início da sentença, está a serviço de uma conexão estabelecida entre as orações, agindo como um sequenciador discursivo. No exemplo (100), locativo *aqui*, como afirma Neves (2002; 2011) e Castilho (2014), assume não a condição de modificador, como postulam os gramáticos da TG, mas manifesta-se como categoria dêitica apresentando uma orientação espacial a partir dos (inter)locutores, das suas relações/conhecimentos e do contexto. No excerto (100), especificamente, o informante ao usar o locativo *aqui* faz referência dêitica ao lugar em que está e que é facilmente, na inter+ação, reconhecido pelos interlocutores.

Portanto, após selecionarmos o número de ocorrências da variável independente linguística (Posição Inicial) nos *corpora*, constatamos que normalmente a função mais exercida pelo advérbio locativo nessa posição é a de conector textual. E, conforme hipotetizamos, o locativo *aí* é o mais recorrente entre os informantes dos dois *corpora*.

Quanto à posição, é possível verificar que, a depender em que posição o locativo esteja colocado na oração, ele exercerá outra função além da prototípica de lugar.

Na *Posição inicial*, após rodada no *GoldVarbX*, conforme demonstramos na Tabela 4, obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 4 – Distribuição de ocorrências dos locativos na Posição Inicial nos Corpora PCVC e PPVC

Advérbios Locativos	Nº de Ocorrências	%
Aí	965	90,4%
Lá	66	6,2%
Aqui	37	3,5%
Cá	00	0,0%
TOTAL	1068	100%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O locativo *aí* aparece com 965/1068 (novecentas e sessenta e cinco) ocorrências (90,4%), o *lá* com 66/1068 (sessenta e seis) ocorrências (6,2%), o *aqui* com 37/1068 (trinta e

sete) ocorrências (3,5%), e, no locativo *cá*, não houve ocorrência nessa posição, sinalizando o *knockout*⁶. Confirmamos a hipótese de que o locativo *aí* é o mais recorrente nessa posição, contudo a hipótese de que todos os locativos em estudo apareceriam não foi ratificada, pois não contávamos com a não utilização do *cá*.

5.2.1.2 Posição Pré-verbal

A posição pré-verbal é a posição em que o advérbio aparece imediatamente anterior ao verbo. Para os advérbios locativos que ocupam essa posição, hipotetizamos que exerceriam a função de satélite e, assim, a sua existência não seria fundamental à oração. Dessa forma, selecionamos duas perguntas para essa posição: (i) Qual é o advérbio locativo em estudo mais recorrente na posição pré-verbal? (ii) Quais são os informantes, popular ou culto, que mais utilizam advérbios locativos nessa posição?

Observemos alguns exemplos retirados dos *Corpora* com os locativos *aí*, *lá*, *cá* e *aqui*:

(101) “... **aí** vai envolvendo aí tipo assim só mesmo por causa disso... mas eu sei que é errado também, a gente não pode empolgá muito com esses [trem] de novela... novela principalmente, isso num é coisa boa pra dento de sua casa num é não.” (G.N.B. PCVC, Mas, Faixa I)

(102) “...**Aí** pensei assim, “Num vô ficá mais nisso aqui não...porque num tem como. Aí eu vô mudá de curso pela última vez, mas dessa vez é sério, eu mudo pra psicologia e termino o curso independente do que aconteça.” E foi isso que eu fiz...” (L.M.R.J. PCVC, Mas, Faixa I)

(103) “... É bem legal é um bairro muito bom porque *eh*...ele atende a todas nossas necessidades têm tudo que você precisa tem por **lá** tem mercado tem loja de roupa tem loja que vende coisa de casa enfim tem tudo e assim a pessoa só sai de lá mesmo se quisé mais opções se quisé procura...fazer orçamento e tal e assim ach’ que eu num trocaria ele não ele é um bairro muito bom.....” (C.B.S. Fem, Faixa I. PCVC)

⁶O *knockout* ou nocaute pode ser definido como “[...] um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou de 100% para um dos valores da variável dependente [...]” (GUY; ZILLES, 2007, p.158);

(104) “... as pessoas não sabe...as pessoas de Conquista elas são educadas... as pessoas de Conquista elas sabem receber as pessoas que estão **aqui** entendeu?” (S.S.R.S. Fem, Faixa 3, PCVC)

Analisando os *corpora*, podemos verificar que o locativo mais recorrente na posição pré-verbal é o *aí* e os informantes do *corpus* PPVC são os que mais utilizam os locativos na posição pré-verbal. Quando ocupam a posição pré-verbal, os locativos podem exercer a função de satélite e de argumento, entretanto, é mais comum a ocorrência de locativos na posição pré-verbal exercendo a função de satélite.

Os advérbios locativos podem funcionar como satélite, como nos exemplos (101) e (102) mas, também, funcionam como argumento, como em (103) e (104)

Nas Tabelas 5 e 6, é possível verificar os locativos, a partir da sua recorrência, na posição pré-verbal no *Corpora* PCVC e PPVC

Tabela 5 – Variáveis independentes linguísticas/ posição pré-verbal dos locativos no Corpus

PCVC

Advérbios Locativos	Nº de Ocorrência PCVC	%
Aí	53	66,2%
Lá	17	21,2%
Aqui	08	10,0%
Cá	02	2,5%
TOTAL	80	100%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Tabela 6 – Variáveis independentes linguísticas/ posição pré-verbal dos locativos no Corpus

PPVC

Advérbios Locativos	Nº de Ocorrência PPVC	%
Aí	11	18,6%
Lá	28	47,5%
Aqui	20	33,9%
Cá	00	0,0%
TOTAL	59	100%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Diante da Tabelas 5 e 6, podemos constatar que:

i. O advérbio locativo mais recorrente, na posição pré-verbal, no *Corpus* PCVC é o locativo *aí* (66,2%), seguido do locativo *lá* (21,2%), do locativo *aqui* (10%) e do locativo *cá* (2,5%), o que confirma a hipótese aventada por nós.

ii. Houve mais sentenças com uso de advérbios locativos em posição pré-verbal nos informantes do *Corpus* PCVC, com 80 (oitenta) ocorrências em detrimento ao *Corpus* PPVC,

com 59 (cinquenta e nove) ocorrências, dados que refutam a nossa hipótese. Acreditávamos que os informantes do Português Culto fossem usar mais os locativos por possuírem em seu repertório linguístico um leque maior de opções de uso em função da escolaridade. Entretanto, diante do resultado da análise, constatamos que os informantes do Português Popular usam mais o locativo *lá* (47.5%) comparado aos informantes do Português Culto (21,2%).

5.2.1.3 Posição Pós-verbal

A posição pós-verbal é a posição em que o locativo ocorre imediatamente depois do verbo. Para os advérbios locativos que ocupam essa posição, hipotetizamos que, ao contrário dos que ocupam a posição pré-verbal, exerceriam a função de argumento e, assim, a sua existência constituiria uma condição *sine qua non* à oração. Dessa forma, selecionamos duas perguntas para essa posição: Qual é o advérbio locativo em estudo mais recorrente na posição pós-verbal? Quais são os informantes, popular ou culto, que mais utilizam advérbios locativos nessa posição?

Verifiquemos alguns exemplos com locativos nessa posição antes de realizarmos a discussão:

(105) “...É teve Fiorin também então assim são coisas que a gente tem oportuni... a oportunidade de ver agora só que outras pessoas que um dia entrarão na graduação não poderão ter acesso, né, porque já são pessoas mais velhas então ninguém sabe até quando, né, {risos} eles estarão **aí**...” (C.B.S. PCVC FEMININO FAIXA I)

(106) “...aí só eu que to morando **aqui** na Vila Serrana que a gente tudo morava no Guarani, né, aí ta morando na Cidade Modelo eles já constituiu família todo mundo, né, então ta aí remano {risos} W.S.O. Mas. Faixa II PPVC)

(107) “sou de Nova Brasília sou morador de lá nasci e criei **lá** saí de lá com uns sessenta anos que eu vim pra qui uns sessenta {init.} vim pra qui com uns sessenta uns sessenta e poucos anos, eu estou com+ estou com uns vinte e tantos anos uns vinte e cinco anos que agente tá aqui né nega?” (E.J.R. Mas. Faixa III, PPVC)

(108) Minha infância? Dêx’eu pensá **aqui**. A minha infância foi tranquila... (L.M.R.J. FAIXA I MASCULINO, PCVC)

Nos exemplos (105) e (107), verificamos que, na posição pós-verbal, os locativos *aí* e *lá* exercem a função de argumento, enquanto, nos excertos (106) e (108) os locativos exercem a função de satélite, podendo, dessa forma, serem retirados da sentença sem que o conteúdo seja modificado. Observemos recortes dos exemplos para uma melhor constatação dessa afirmação:

No fragmento da sentença “[...] só eu que to morando **aqui** na Vila Serrana”, percebemos que poderia ser retirado o locativo *aqui*, sem que a essência do que foi dito sofresse prejuízo. Por outro lado, em “[...] sou morador de **lá** nasci e criei **lá** saí de **lá** com uns...”, o locativo *lá* é fundamental para a compreensão do que está sendo dito, por isso considerado como argumento.

Em termos quantitativos, na posição pós-verbal, foram encontrados nos *Corpora* um total de 712 (setecentas e doze) ocorrências, equivalendo a 31,6%. Os locativos exerceram a função de Satélite em 596 ocorrências e de Argumento em 116 ocorrências. Dos locativos em estudo, nessa posição, o que mais apresentou tendência tanto a Argumento quanto a Satélite foi o locativo *lá*.

Com relação a quantidade total de ocorrências dos locativos na Posição Pós-verbal, observando a Tabela 7, é possível verificar, entre os informantes selecionados do *Corpus* PCVC, que o locativo pós-verbal com maior número de ocorrências é o locativo *lá* (66,5%), e o locativo com menor número de ocorrência é o locativo *cá* (0,6%). Vamos verificar esses resultados na Tabela a seguir:

Tabela 7 – Variáveis independentes linguísticas/ posição dos locativos pós-verbal no Corpus PCVC

Variantes	Nº de Ocor.	%
Lá	208	66,5%
Aqui	66	21,1%
Ai	37	11,8%
Cá	02	0,6%
TOTAL	313	100%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Na Tabela 8, constatamos, que entre os informantes selecionados do *corpus* PPVC, o locativo pós-verbal com maior número de ocorrências é o locativo *lá* (59,1%) seguido do locativo *aqui* (28,6) e do locativo *aí* (9,8%). O locativo com menor número de ocorrência é o *cá*, resultado semelhante ao encontrado no *Corpus* PCVC.

Tabela 8 – Variáveis independentes linguísticas/ posição dos locativos pós-verbal no Corpus PPVC

Advérbios Locativos	Nº de Ocor.	%
Lá	236	59,1%
Aqui	114	28,60%
Aí	39	9,8%
Cá	10	2,5%
TOTAL	399	100%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Diante das Tabelas 07 e 08, podemos constatar que, na posição pós-verbal,

- i. O advérbio locativo mais recorrente no *Corpus* PCVC e PPVC é o locativo *lá*;
- ii. Houve mais sentenças com uso de advérbios locativos em posição pós-verbal nas entrevistas dos informantes do PPVC, que realizaram 399 ocorrências, em relação aos informantes do PCVC, que realizaram 313 ocorrências. Diferença pouco significativa entre os *Corpora*;
- iii. Os advérbios locativos podem funcionar como argumentos, mas, também, funcionam como satélite. Contudo, é válido ressaltar que, na posição pós-verbal, em nossos dados, a produtividade foi mais recorrente como satélite. Das 712 (setecentas e doze) ocorrências de locativos pós-verbal registramos 596 (quinhentas e noventa e seis) exercendo a função de satélite e apenas 116 (cento e dezesseis) exercendo a função de argumento.

5.2.1.4 Função dos Advérbios locativos

Nessa variável, consideraremos a função exercida pelos advérbios locativos a partir das noções de argumento e de satélite. Serão considerados como argumento, os adjetivos locativos que foram imprescindíveis à oração e, por outro lado, serão considerados como satélites os locativos que poderão ser retirados das sentenças sem que haja prejuízo no conteúdo.

Hipotetizamos que os advérbios locativos ocupem mais a função de satélite e o locativo *aí* seja o mais recorrente nessa função tendo em vista que o *aí* é muito produtivo como introdutor e sequenciador discursivo. Por outro lado, hipotetizamos que na função de argumento o *lá* tenha destaque na frequência em relação aos demais advérbios locativos em análise.

Na Tabela 09, os resultados da análise da variável independente linguística função, no *Corpus* PCVC, mostram que o locativo *lá* é o mais recorrente seguido do locativo *aqui* enquanto os locativos *aí* e *cá* se distribuem de maneira equilibrada quando exercem a função de argumento e aparecem com menos frequência entre os informantes selecionados.

Tabela 9 – Variáveis independentes linguísticas/ advérbios que desempenham também a função de argumento ou complemento de predicado no Corpus PCVC

Variantes	Nº de Ocor.	%
Lá	175	64,8%
Aqui	43	15,9%
Aí	26	9,6%
Cá	26	9,6%
TOTAL	270	100%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Nos exemplos (109) e (110), é possível verificarmos claramente a função de argumento que os locativos *aqui* e *lá* exercem, pois, conforme dito anteriormente, o argumento refere-se aos termos exigidos para se obter uma informação completa e, portanto, se retirarmos os locativos *aí* e *lá* das sentenças, essas se tornarão agramaticais, ou minimamente de difícil compreensão.

(109) “... Como eu nasci **aqui** né, sou conquistense sempre morei em Vitória da Conquista, gosto muito da cidade né...(R.F.V. FAIXA II. MASC. PCVC)

(110) “...pelo fato de não tê gostado da ... da universidade, de me senti preso **lá** dentro, num me senti bem naquele lugá, e aliado ao fato de que eu num tinha liberdade porque o contrato do...do PROUNI falava claramente assim, se...que o PROUNI só pagava pelas matérias que tivessem na grade.” (L.M.R.J. FAIXA I MASCULINO PCVC).

Após selecionarmos o número de ocorrências da variável Independente linguística função no *corpus* PPVC, os resultados da análise mostram que o locativo *lá* é o que corre com maior frequência, 177/357 (49,6%), e o locativo *aí*, 28/357 (7,8%) é o menos frequente no *Corpus* do PPVC, como demonstrado na Tabela 10:

Tabela 10 – Variáveis independentes linguísticas/ advérbios que desempenham também a função de argumento ou complemento de predicado no Corpus PPCV

Variantes	Nº de Ocor.	%
Lá	177	49,6%
Aqui	115	32,2%
Cá	37	10,4
Aí	28	7,8%
TOTAL	357	100%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Diante das Tabelas 09 e 10, podemos constatar que o locativo *lá* é o mais recorrente nos dois *Corpora* quando exerce a função de argumento. Os dados confirmam a hipótese que estabelecemos de que os advérbios locativos são recorrentes na função de Satélite, e, nesse grupo o locativo *aí* seja o mais recorrente.

Na Tabela 11, os resultados da análise da variável independente linguística *Função*, no *Corpus PCVC*, mostram que o locativo *aí* é o mais recorrente quando exerce a função de Satélite (64,8%) seguido do locativo *lá* (20,4%). Os locativos *aqui* (14,4%) e *cá* (0,4%) foram pouco recorrentes na análise.

Tabela 11 – Variáveis independentes linguísticas/ advérbios que desempenham a função de Satélite no Corpus PCVC

Variantes	Nº de Ocor.	%
Aí	539	64,8%
Lá	170	20,4%
Aqui	120	14,4%
Cá	03	0,4%
TOTAL	832	100%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Na Tabela 12, os resultados da análise da variável independente linguística *Função*, no *Corpus PPVC*, mostram que, assim como ocorre no quadro dos informantes cultos, o locativo *aí* é o mais recorrente (60,55%) seguido do locativo *lá* (27,2%), enquanto os locativos *aqui* (11,9%) e *cá* (0,4) são também pouco produtivos na nossa amostra.

Tabela 12 – Variáveis independentes linguísticas/ advérbios que desempenham a função de Satélite Corpus PPCV

Variantes	Nº de Ocor.	%
Aí	835	60,5%
Lá	376	27,2%
Aqui	164	11,9%
Cá	06	0,4%
TOTAL	1381	100%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Diante das Tabelas 11 e 12, os resultados confirmam a nossa hipótese de que os advérbios locativos ocupam mais a função de Satélite e o locativo *aí* é o mais recorrente nessa função.

5.3 Fatores sociais: variáveis independentes extralinguísticas

Segundo Labov (2006 [1968]), é preciso considerar os aspectos sociais que interferem diretamente no inventário linguístico para que se possa entender a mudança linguística. Sendo assim, para nossa pesquisa, ora Dissertação, estabelecemos, como principais fatores sociais que condicionam a mudança linguística, as variáveis independentes extralinguísticas: *Faixa Etária*, *Sexo* e *Escolaridade*.

5.3.1 Faixa Etária

Quanto à variável independente extralinguística *Faixa Etária*, entre os informantes selecionados do *Corpus* PCVC para essa amostra da nossa análise, verificamos que os locativos *aí* e *lá* são mais produzidos por informantes da Faixa Etária I e que os locativos *aqui* e *cá* são mais recorrentes nos informantes da Faixa Etária III. Os informantes da Faixa Etária II são os que produzem menos todos os locativos selecionados em relação as outras Faixas Etárias. A nossa hipótese de que os locativos seriam produtivos nas 3 Faixas Etárias sem o registro de frequências discrepantes não foi ratificada, assim como não foi ratificada a hipótese, aventada por nós, de que a Faixa Etária I usaria mais os locativos, o que verificamos na Tabela 13.

Averiguamos, ainda, que, embora seja muito produtivo o uso dos locativos na FE II, no *Corpus* do PCVC, os jovens informantes do Português Culto apresentaram uma destacada preferência pelos advérbios locativos *aí* (520 ocorrências, 45,2%), sobretudo considerando os locativos *e aí* (45,2%) e *lá* (42,5%); no *Corpus* do PPVC, por sua vez, os adultos apresentam o maior uso (1.024 ocorrências, 58,9%), correspondendo aos resultados da Rodada dos Corpora, e mantiveram a preferência pelos locativos *aí* (50,2%) e *lá* (33,6%). Dados que estão demonstrados na Tabela 14.

Tabela 13 – Faixa etária PCVC

Faixa Etária	Aí		Lá		Cá		Aqui	
	Nº Ocor.	%	Nº Ocor.	%	Nº Ocor.	%	Nº Ocor.	%
Faixa I	235/520	45,2%	221/520	42,5%	05/520	1,0%	59/520	11,3%
Faixa II	165/248	66,5%	37/248	14,9%	06/248	2,4%	40/248	16,1%
Faixa III	165/334	49,4%	87/334	26,0%	18/334	5,4%	64/334	19,2%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

No *Corpus* PPVC, verificamos que os locativos *aí*, *lá*, *cá* e *aqui* são produtivos, excetuando o *cá*, que teve apenas 43 ocorrências. A preferência dos informantes da FE I é pelo

aí (51,4%) e pelo *lá* (29,2%); na FE II destaca-se, sobretudo, o uso do locativo *aí* (50,2%) e do *lá* (33,6%); na FE III, também, os informantes usaram mais o locativo *aí* (45,1%) e o locativo *lá* (29,4%). O locativo *aqui* foi mais utilizado pela FE II (13,9%) e o *cá* pela FE I (3,0%).

Observemos o resultado na Tabela 14:

Tabela 14 – Faixa etária PPVC

Faixa Etária	Aí		Lá		Cá		Aqui	
	Nº Ocor.	%	Nº Ocor.	%	Nº Ocor.	%	Nº Ocor.	%
Faixa I	220/428	51,4%	125/428	29,2%	13/428	3,0%	70/428	16,4%
Faixa II	514/1024	50,2%	344/1024	33,6%	24/1024	2,3%	142/1024	13,9%
Faixa III	129/286	45,1%	84/286	29,4%	06/286	2,1%	67/286	23,4%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Diante das Tabelas 13 e 14, evidenciamos que o uso dos locativos é mais recorrente entre os informantes do *Corpus* PPVC, no qual há um total de 1738 (mil setecentos e trinta e oito) ocorrências em detrimento ao *Corpus* PCVC, no qual há um total de 1101 (mil cento e duas) ocorrências. Interessante observar que o padrão de uso entre os informantes segue a mesma lógica em termos de frequência. Assim, em ambos os *Corpora*, o uso dos locativos decresce na mesma sequência, da seguinte forma: *ai*, *lá*, *aqui* e, por fim, *cá*.

5.3.2 Sexo

Normalmente, as pesquisas sociolinguísticas correlacionam também as ocorrências linguísticas realizadas pelos informantes ao fator sexo. Conforme dito anteriormente na seção *Metodologia*, segundo Paiva (2008), a posição social que homens e mulheres exercem na sociedade influenciam as diferenças linguísticas decorrentes da variável *sexo*.

Nessa perspectiva, em nosso recorte, verificamos esse postulado nos *Corpora* no que diz respeito à gramaticalização dos locativos a fim de investigar se o sexo dos informantes favorece ou não o uso dos locativos *aí*, *aqui*, *cá* e *lá* no vernáculo conquistense.

É nosso interesse saber se há preferência, entre os sexos, pelo uso dos locativos e se, nessa preferência, haveria correlação com informantes do Português Culto e do Português Popular. Hipotetizamos que, como não há estigma ao utilizar os locativos, o *aí*, *lá*, *cá* e *aqui* serão utilizados pelos homens e pelas mulheres independente do *Sexo*.

Os valores percentuais dos dados analisados no *Corpus* PCVC atestaram que os informantes do *sexo masculino* realizam mais os locativos *aí*, *lá*, e *aqui* conforme valores expostos na Tabela 15. Os valores percentuais dos dados analisados no *corpus* PPVC, por sua

vez, atestaram que os informantes do sexo feminino realizaram com mais frequência todos os locativos (*aí, lá, cá e aqui*) conforme a Tabela 16:

Tabela 15 – Sexo no Corpus PCVC

Sexo	Aí		Lá		Cá		Aqui	
	Nº Ocor.	%	Nº Ocor.	%	Nº Ocor.	%	Nº Ocor.	%
Masculino	395/735	53,7%	247/735	33,6%	08/735	1,1%	85/735	11,6%
Feminino	170/367	46,3%	98/367	26,7%	21/367	5,7%	78/367	21,3%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Tabela 16 – Sexo no Corpus PPVC

Sexo	Aí		Lá		Cá		Aqui	
	Nº Ocor.	%	Nº Ocor.	%	Nº Ocor.	%	Nº Ocor.	%
Masculino	351/737	47,62%	260/737	35,28%	13/737	1,76%	113/737	15,33%
Feminino	512/1001	51,14%	293/1001	29,27%	30/1001	2,99%	166/1001	16,58%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Diante dos resultados das Tabelas 15 e 16, podemos constatar que:

i. Nos *Corpora* analisados, verificamos que o uso dos locativos é mais recorrente entre os informantes do PPVC com 1738 (mil setecentos e trinta e oito) ocorrências em relação ao PCVC que tem 1102 (mil cento e duas) ocorrências;

ii. No *Corpus* PCVC, os locativos são mais recorrentes entre os informantes do sexo masculino, totalizando 66,7% das ocorrências do que no sexo feminino (33,3%);

iii. No *Corpus* PPVC, a ocorrência dos locativos é sutilmente maior nos informantes do sexo feminino, somando 57,6% das ocorrências em relação ao sexo masculino que apresenta 42,4%;

iv. Com esses resultados, foi possível perceber que, considerando a variável *Sexo*, homens e mulheres utilizam os locativos em análise, sendo o *aí* o mais recorrente seguido do *lá* do *aqui* e, novamente, o locativo *cá* é o menos usado em ambos os *Corpora* e em ambos os *Sexos*.

Realizada essa análise e discussão dos após a rodada dos dados no *GoldvarbX*, constatamos que os locativos *aí, lá, cá e aqui* são produtivos no vernáculo conquistense tanto entre os informantes do Português Culto quanto dos informantes do Português Popular. Diante desses resultados, passemos, na próxima seção, às nossas *Considerações Finais*.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta Dissertação teve como propósito maior analisar o uso locativos *aí, lá, aqui e cá* no vernáculo dos falantes de Vitória da Conquista-BA. Por considerarmos que a língua é flexível e heterogênea e compreendermos que a língua não comporta somente estudos pautados em regras prescritas, o intuito do nosso estudo foi demonstrar o quanto a categoria gramatical advérbio, sobretudo os advérbios locativos, é (multi)funcional e requer uma análise mais detalhada.

Sob a perspectiva teórica da Sociolinguística Variacionista e da Gramática Funcional de Simon Dik (1989), fizemos um estudo (sócio) funcional da categoria advérbios, em especial dos locativos *aí, lá, cá e aqui* no vernáculo conquistense, analisando esses itens a partir das variáveis independentes linguísticas (*Posição Inicial, Posição Pré-verbal, Posição Pós-verbal e Função exercida pelos locativos*) e as variáveis independentes extralinguísticas (*Escolaridade, Faixa Etária e Sexo*) e observando, por meio dessas, o desempenho desses locativos nas orações e no texto.

Para realizar a nossa pesquisa, lançamos mão da teoria Sociolinguista Variacionista gramática e da teoria funcional que está diretamente ligada ao Funcionalismo, reconhecendo que ambas têm como princípio a heterogeneidade linguística e estudam os fenômenos da variação e mudança linguística, visando responder questões. A partir desse suporte teórico, a nossa Dissertação foi guiada pelas seguintes perguntas: (i) Quais os caminhos percorridos pelos locativos, considerando o *cline* da gramaticalização espaço>tempo>texto para chegarem a uma utilização que não seja a prescrita pela Tradição Gramatical? (ii) E, assim, quais os fatores, variáveis linguísticas (estruturais) e variáveis extralinguísticas (sociais) que condicionam esse uso? (iii) Quais os efeitos de sentido que as (novas) funções e realizações dos locativos têm provocado, no âmbito da morfossintaxe, nos enunciados? (iv) Quais locativos, *aí, lá, aqui e cá*, têm sido mais produtivos (recorrentes) nesse processo de ressignificação/ ressemantização/ gramaticalização nas construções enunciativas presentes nos *corpora* de língua em uso a serem analisados? (v) Nos *Corpora* analisados, os locativos *aí, lá, aqui e cá* são produtivos? São mais produtivos em informantes do Português Culto ou Popular? Por qual faixa etária e qual sexo, essas partículas estão sendo mais utilizadas? (vi) As partículas em estudo, nos *Corpora* PPVC e PCVC, exercem a função de Argumento ou de Satélite?

Iniciamos a Dissertação com a seção *Fundamentação Teórica*, na qual apresentamos a fundamentação teórica, conforme mencionamos anteriormente, a Sociolinguística Variacionista, o Funcionalismo Norte-Americano, que sustentou o nosso estudo. De todas,

trouxemos a concepção de língua pautada na variação e a mudança linguística; da Sociolinguística Variacionista, trouxemos questões que condicionam a variação, como a variável dependente e as variáveis independentes; do Funcionalismo, trouxemos o estudo pautado não na forma em si, mas na função que as formas exercem no contexto. A partir desse diálogo, apossamo-nos da teoria sociofuncionalista para a análise dos dados.

Na segunda seção, *Advérbios locativos: Um olhar na Tradição Gramatical e na Tradição Linguística*, verificamos o comportamento dos locativos na Tradição Gramatical, na qual apresentamos as classificações dos advérbios na ótica de 16 (dezesseis) autores em 18 (dezoito) compêndios. Após analisarmos os advérbios sob a ótica da Tradição gramatical, lançarmos um olhar, na Tradição linguística, a fim de compreendermos a complexidade dessa categoria gramatical, e, nessa perspectiva, recorreremos a diversas pesquisas contemporâneas.

Na terceira seção, *Metodologia*, expomos a metodologia que norteou a pesquisa, os métodos, os procedimentos adotados para o tratamento dos dados, a variável dependente e as variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas.

Na quarta seção, *Análise de dados*, a partir das ocorrências selecionadas nos *corpora* PPVC e PCVC, fizemos a análise dos locativos *aí*, *lá*, *aqui* e *cá*, correlacionando o uso dos advérbios às variáveis linguísticas (estruturais) e extralinguísticas (sociais) e analisamos as funções dos locativos como Argumento ou Satélite e, à luz do referencial teórico da Sociolinguística, do Funcionalismo e do Sociofuncionalismo, analisamos, para a defesa da Dissertação, os resultados gerados na rodada do Programa *GoldVarb X*.

Dialogando com os resultados das pesquisas de Nogueira (2007) e Xavier (2017), podemos observar que os resultados obtidos pelas pesquisadoras demonstraram que os locativos adverbiais *aí*, *lá*, *cá* e *aqui* são usados como argumento e como satélite em uma oração, sendo a função de argumento a mais recorrente. Contudo, os resultados dos nossos dados sinalizaram que, em nossos *Corpora*, a função mais recorrente dos advérbios locativos *aí*, *lá*, *cá* e *aqui* é a função de satélite, totalizando no *Corpus* PCVC (75,5%) e no *Corpus* PPVC (79,5%)

Em nossa análise, o advérbio locativo mais recorrente nos *Corpora* foi o locativo *aí* (53,6%), seguido do locativo *lá* (31,5%), do locativo *aqui* (14,2) e do locativo *cá* (0,7%). O que demonstra notoriamente o uso em alta escala pelo *lá* e o pouco uso feito pelos informantes cultos e populares pelo *cá*.

Com relação à posição, constatamos que, na Posição Inicial, o locativo *aí* é o mais recorrente tanto no *Corpus* PCVC (90,7%) quanto no *Corpus* PPVC (90,2%). Quanto à posição Pré-verbal, no *Corpus* PCVC, o locativo mais recorrente foi o *aí* (66,2%) e, no *Corpus* PPVC,

o locativo mais recorrente é o *lá* (47,5%). Na posição Pós-verbal, o locativo mais recorrente no *Corpus PCVC*, é o *aí* (66,5) e no *Corpus PPVC*, é o locativo *lá* (59,1%).

Na posição depois do objeto, o locativo mais recorrente, no *Corpus PCVC*, foi o locativo *aí* (38,5%) e, no *PPVC*, foi o locativo *lá* o mais recorrente (54,7%).

Concluimos, a partir desses resultados que, os locativos *aí*, *lá*, e *aqui* são bastante produtivos no vernáculo conquistense, sendo o *aí* mais produtivo e o *cá* o menos recorrentes nos dois *Corpora*.

Realizado este estudo, consideramos, assim como Xavier (2017), que

[...] trabalhar com o advérbio, em particular, os locativos, a partir de uma visão funcional da língua, é criar oportunidades para que o educando possa refletir sobre o uso efetivo dessa classe gramatical, contemplando, sempre que possível, as várias propriedades que não são apresentadas nos manuais normativos (XAVIER, 2017, p. 74).

E, dessa forma, concluimos a pesquisa, ora Dissertação, defendendo a gramaticalização dos advérbios locativos *aí*, *lá*, *aqui* e *cá*. Acreditamos e esperamos que esta Dissertação possa vir a contribuir para retratar o vernáculo conquistense, bem como para servir como auxílio a outras pesquisas sobre advérbio.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M. T. **Padrões Funcionais no Uso de Pronomes Locativos: Uma Abordagem Construcional**. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, 2010.
- ALMEIDA, N. M. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. 13. ed. São Paulo, 1961.
- ALMEIDA, N. M. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. 45. ed. São Paulo, 2005.
- AZEREDO, J. C. **Fundamentos de gramática do português**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar ed., 2000.
- AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss de Língua Portuguesa**. São Paulo: ed. Publifolha, 2008.
- BECHARA, E. **Lições de Português pela análise sintática**. 10.ed. revista. Rio de Janeiro, Grifo, 1976.
- BECHARA, E. **Ensino de gramática: Opressão ou Liberdade?** 11. ed. São Paulo: Ática, 2002, p. 50.
- BECHARA, E. **Lições de português pela análise sintática**. 17. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- BECHARA, E. **Gramática Escolar da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BRINTON, L.; TRAUOGOTT, E. **Lexalization and Language Change**. Cambridge: Cambridge University Press. 2006.
- BUENO, F. S. **Gramática normativa da língua portuguesa**. ed. Livraria Acadêmica, Lg. São Paulo, 1944.
- BYBEE, J. **Language, Usage and Cognicion**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CASTILHO, A. T. A gramaticalização. *In: Cadernos de estudos linguísticos e literários*. Salvador: UFBA, 1997.
- CASTILHO, A. T. Funcionalismo e Gramáticas do Português Brasileiro. *In: SOUZA, E. R. (org.). Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CEZARIO, M. M. MARQUES, P. M. ABRAÇADO, J. Sociofuncionalismo. *In: MOLLICA, M. C. JÚNIOR, C. F. (Orgs.) Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.
- COELHO, S. (orgs). **Estudos de Processo de Gramaticalização em Português: metodologia**

e aplicações. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.

COELHO, I. L. *et al.* **Sociolinguista**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

COUTINHO, I. L. **Pontos de Gramática histórica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1975.

CUNHA, C; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, M. A. F.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos Teóricos Fundamentais. *In: Linguística Funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

CUNHA, M. A. F.; MARTELOTA, M. E.; OLIVEIRA, M. R. **Linguística Funcional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

CRUZ, A. **Prontuário de Análise Gramatical e Lógica**. 2.ed. Editora Vozes LTDA, Rio de Janeiro-São Paulo, 1948.

DIK, S. *et al.* The Hierarchical Structure of the clause and the typology of adverbial satellites. *In: NUYTS, J; BOLKSTEIN, A. M; VET, C. (ed). Layers and levels of representation in language theory: a functional view*. Amsterdam, Benjamins, 1990, p. 25-70.

DIK, S. *et al.* **The Theory of Functional Grammar**. Dordrecht: Foris. 1989.

ELIA, S. **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: EDUFF-Editora Universitária, 1987.

FERRAREZI JUNIOR, C.; TELES, I. M. **Gramática do brasileiro: uma nova forma de entender a nossa língua**. São Paulo, ed. Globo, 2008.

GIVÓN, T. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. *In: GIVÓN, T. Syntax and semantics and syntax*, New York: Academic Press, v. 12

GIVÓN, T. **On Understanding Grammar**. New York: Academic Press, 1979.

HOPPER, P. **Emergent grammar**. *In: BLS*. v. 13, 1987.

INFANTE, U. **Curso de Gramática Aplicada aos Textos**. Editora Scipione. São Paulo, 1999.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LIMA, M. P. S. **Gramática Expositiva da Língua Portuguesa**. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1937.

LUCCHESI, D. **Sistema, Mudança e Linguagem: um percurso na história da linguística moderna**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

- LUFT, C. P. **Gramática Resumida**. São Paulo: Editora Globo, 1978.
- MARTELOTTA, M. E. (Org.) **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MATTOS E SILVA, R. V. “**O português são dois...**”: **novas fronteiras, velhos problemas**. São Paulo: Parábola, 2004.
- MOLLICA, M. C.; FERRAREZI JUNIOR, C. **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.
- NEVES, M. H. M. **Uma Visão Geral da Gramática Funcional**. Alfa, São Paulo, 38, p. 109-127, 1994.
- NEVES, M. H. M. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: UNESP, 2000.
- NEVES, M. H. M. **A Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NOGUEIRA, R. M. **Valores e Funções dos Advérbios Locativos no Português Popular Brasileiro**. São Paulo, 2007.
- NUNES, J. S. **Novo Manual de Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Paulo de Azevedo LTDA. 1942.
- OLIVEIRA, M. R. **Padrões Construcionais Formados por Pronomes Locativos no Português Contemporâneo do Brasil**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 8, Número 1. Junho de 2012.
- OLIVEIRA, M. R.; SANTOS, M. P. K. **Tendências do Uso de Pronomes Locativos na Língua Portuguesa dos Séculos XVIII ao XIX**. *Soletras* Revista. Dossiê n. 28, 2014.2.
- OLIVEIRA, M. R.; BARCELOS, R. C. **Padrões de Uso do Locativo aí no Português Escrito do Século XVIII ao XX**. Revista do Gelne, v. 13 n. 1, 2016.
- PEREIRA, E. C. **Gramática Expositiva**. 109. ed. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1958.
- PERINI, M. A. **Gramática Descritiva do Português**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- PERINI, M. A. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- RIBEIRO, E. C. **Elementos de Gramática Portuguesa**. 6. ed. Bahia, 1911.
- ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 31. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio. 1998.
- SACCONI, L. A. **Nossa Gramática: teoria e prática**. 5. ed. São Paulo: Atual, 1983.
- SAID ALI, M. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 8. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F; LUCIO, P, B. **Metodología de La Investigación**, 2. ed. México, D.F, Programas Educativos, S.A de C.V, 1998.

SOUSA, V. V. **OS (DES)CAMINHOS DO VOCÊ: uma análise sobre variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome**. Tese (Doutorado)- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

TAVARES, M. A. **A Gramaticalização de e, aí, daí, e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações-um estudo sociofuncionalista**. 2003. Tese (Doutorado) - UFSC, Florianópolis,2003.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. **Regularity in Semantic Change**. Cambridge: Crambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. Toward a Coherent Account of Grammatical Contextualization. *In*: SMIRNOVA, E; BARODAL, J; SOMMERER, L (Eds.). **Historical Construction Grammar**, 2012. p. 1-21.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Charges**. Oxford: Oxford

VILLELA, M.; KOCH, I. V. **Gramática da língua portuguesa**. ed. Livraria Almedina Arco de Almedina. Coimbra-Portugal, 2001.

VILLELA, M.; DASHER, R. **Regularity in Semantic Change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

VITRAL, L. **Gramática Inteligente do Português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations a theory of language change. *In*: LEHMANN, W.; Y. (Eds.). **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968.

XAVIER, A. C. **O Uso de Advérbios Locativos em Leads dos Jornais Folha de São Paulo e A Tarde: uma abordagem morfossintática e semântica**. *Ilhéus*, 21/02/2017.